

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Ana Beatriz Brüggemann

“Todos haitianos são historiador”: memória, consciência histórica e identidade de migrantes haitianos na Grande Florianópolis

Florianópolis

2023

Ana Beatriz Brüggemann

“Todos haitianos são historiador”: memória, consciência histórica e identidade de migrantes haitianos na Grande Florianópolis

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel e Licenciado em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luiza Vieira Maciel

Florianópolis

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pela autora através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Brüggemann, Ana Beatriz

“Todos haitianos são historiador” : memória, consciência histórica e identidade de migrantes haitianos na Grande Florianópolis / Ana Beatriz Brüggemann ; orientadora, Luiza Vieira Maciel, 2023.

101 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em História, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. História. 2. consciência histórica. 3. memória. 4. migração. 5. ensino de história. I. Maciel, Luiza Vieira . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em História. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos três de julho do ano de dois mil e vinte e três, às vinte horas, na sala trezentos e vinte e quatro do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pela Professora Luiza Vieira Maciel, Orientadora e Presidente, pela Professora Mônica Martins da Silva, Titular da Banca, e pela Professora Paula Vieira Parreiras Gomes, Suplente, designadas pela Portaria nº25/2023/HST/CFH da Senhora Chefe do Departamento de História, a fim de arguirm o Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica **Ana Beatriz Brüggemann**, subordinado ao título: **“Todos haitianos são historiador”: memória, consciência histórica e identidade de migrantes haitianos na Grande Florianópolis**”. Aberta a Sessão pela Senhora Presidente, a acadêmica expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, a mesma foi arguida pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo a candidata recebido da Professora Luiza Vieira Maciel a nota final **10**, da Professora Mônica Martins da Silva a nota final **10** e da Professora Paula Vieira Parreiras Gomes a nota final **10**; sendo aprovado(a) com a nota final **10**. A acadêmica deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia dez de julho de dois mil e vinte e três. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela candidata.

Florianópolis, 03 de julho de 2023.

Banca Examinadora:

Prof.a Luiza Vieira Maciel *Luiza Vieira Maciel*

Prof.a *Mônica* Mônica Martins da Silva

Prof. Paula Vieira Parreiras Gomes *Paula Vieira Parreiras Gomes*

Candidata Ana Beatriz Brüggemann *Ana B B.*



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) Ana Beatriz Brüggemann, matrícula n.º 17101307, entregou a versão final de seu TCC cujo título é "Todos haitianos são historiador": memória, consciência histórica e identidade de migrantes haitianos na Grande Florianópolis, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 13 de julho de 2023.

Luíza Vieira Maciel

Orientador(a)

Dedico este trabalho aos meus pais, irmãos e amigos.
Aos que dividem comigo aquilo que se torna memória a cada
amanhã.

AGRADECIMENTOS

Sei que palavras não serão suficientes para agradecer a todos que, de uma forma ou de outra, me ajudaram a construir e concluir este trabalho. Mesmo assim, tento aqui expressar meu carinho por aqueles que fizeram parte desse processo.

Não poderia deixar de citar Maurice Halbwachs, quando afirma que nunca estamos sós, “porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem” (1990, p. 26). As pessoas que cito aqui me constroem enquanto sujeito, constroem minhas experiências e minhas memórias. Ajudaram a construir direta ou indiretamente esta monografia. Sem elas não seria o que sou e este trabalho não seria o que é.

Agradeço primeiro àqueles que participaram de minha vida desde minha primeira formação. Agradeço ao meu pai, de quem puxei a engenhosidade e a paixão. Ele, que com suas mãos, fonte de sua força de trabalho, me forneceu condições materiais e imateriais para realizar o sonho da graduação. Ele, que passou por momentos difíceis no último ano ao enfrentar um tumor e mesmo assim seguiu sendo forte. Agradeço à minha mãe, que me legou a teimosia e o cuidado, que com suas mãos me segurou desde que vim ao mundo e tenho certeza que, se pudesse, me seguraria até os dias de hoje. Ela, que mesmo diante das dificuldades continuou sendo porto seguro.

Agradeço à minha irmã Ana Paula, que me é como uma segunda mãe. Obrigada pelos conselhos, mesmo que eu não os siga.

Agradeço ao meu irmão Diogo, minha maior influência, meu primeiro professor, quem desenvolveu em mim a capacidade para olhar o mundo de forma sensível. Certamente não seria o que sou sem ele.

Agradeço ao meu amigo Leonardo, que acompanhou não só esse processo, mas todos os outros pelos quais passei nos meus últimos 24 anos. Minha infância, adolescência e vida adulta não seriam as mesmas e as minhas memórias não seriam tão felizes se você não tivesse sido meu vizinho de janela. Agradeço à minha mãe e à sua avó por esta união.

Agradeço à minha amiga Julia. Desde nosso primeiro encontro não passo um dia sequer sem rir. É a melhor sorte poder compartilhar meus dias com você. Obrigada pelo companheirismo, por dividir e me permitir dividir a vida.

Agradeço também às Lendas e seus agregados, por terem me acolhido e feito de mim uma amiga.

Agradeço à minha amiga Juliana. Ter pessoas como você faz a vida ser mais leve. Obrigada pelo acolhimento e pela amizade.

Agradeço ao PET História e todas as pessoas que passaram pelo programa ao longo dos anos em que fiz parte. Obrigada pelas trocas, experiências e, mais importante, pela formação.

Agradeço ao meu colega Guilherme Ferraz, que compartilhou comigo parte do processo de construção de fontes para este trabalho e para nossa pesquisa em conjunto. Obrigada pelas conversas e pela compreensão em determinados momentos. Talvez essa pesquisa nem existiria se você não estivesse junto dela. Te desejo todo o sucesso nas suas trajetórias pessoal e acadêmica.

Agradeço ao Professor e Tutor Tiago Kramer de Oliveira, pelas correções e considerações, e pela dedicação em formar profissionais sensíveis para o trabalho em sala de aula.

Agradeço à minha orientadora, Luiza Vieira Maciel. Primeiro por ter sido inspiração e aflorado em mim o gosto pelo Ensino de História durante o decorrer do curso. Segundo, por participar do processo de escrita deste trabalho. Obrigada pelas conversas, pelas instruções, por se entusiasmar junto comigo e abrir meus olhos para diferentes direções. Eu não poderia ter escolhido pessoa melhor.

Agradeço aos professores do curso, à Cris e ao Milano. Obrigada pela dedicação e por construírem juntos um dos melhores cursos de graduação em História do país.

Agradeço aos grupos de apoio e acolhimento aos migrantes e seus representantes que nos receberam e aceitaram participar deste estudo. Obrigada pelo trabalho fundamental na vida de tantos sujeitos.

Por fim, agradeço aos protagonistas deste trabalho. Meu imenso obrigada aos migrantes haitianos Jean, Benjamin, Clefaude e Wisly. Obrigada por compartilharem e confiarem suas histórias a mim e ao meu trabalho. Conversar com vocês foi a parte mais valiosa de todo este processo.

Ah, vocês acham que se constroem somente as casas? Eu me construo continuamente e os construo, e vocês fazem a mesma coisa. A construção dura até que não desmorone o material dos nossos sentimentos e enquanto durar o cimento da nossa vontade.

(Luigi Pirandello, 1926)

RESUMO

A presente monografia tem como objetivo investigar o papel do conhecimento histórico na construção da identidade de migrantes haitianos que residem na região da Grande Florianópolis. Para tanto, busca-se identificar os espaços de formação, cujo primeiro foco é a disciplina histórica, bem como analisar os níveis de consciência histórica desses indivíduos, com base nos conceitos propostos por Rüsen (2007). A pesquisa é conduzida por meio da metodologia de História Oral, utilizando um roteiro que mescla aspectos de entrevistas temáticas e de trajetória de vida. As entrevistas foram realizadas com quatro homens haitianos, chegados ao Brasil entre 2011 e 2015. Inicialmente, contextualiza-se o fluxo migratório Haiti-Brasil, iniciado em 2010, para em seguida analisar os relatos a partir do desenvolvimento dos conceitos de memória e identidade, na intenção de identificar os ambientes de formação de memória coletiva e construção da cultura histórica. Os resultados revelam que a história do Haiti está presente nos discursos dos entrevistados e possui uma relação profunda com suas identidades, fornecendo-lhes ferramentas para compreender o mundo em que estão inseridos. A formação que obtiveram para alcançar os níveis de consciência histórica identificados está, em grande parte, ligada ao Ensino de História, no caso de três dos quatro entrevistados. No entanto, foi possível observar que os ambientes institucionalizados de ensino disputam espaço na cultura histórica com outras formas que o conhecimento histórico assume em uma sociedade.

Palavras-chave: Haiti; Memória; Migração; Consciência histórica; Educação; Identidade.

ABSTRACT

This final research aims to investigate the role of historical knowledge in shaping the identity of Haitian migrants residing in the Greater Florianópolis region. To achieve this, it seeks to identify the spaces of education, with a particular focus on the discipline of history, and analyze the levels of historical consciousness among these individuals based on the concepts proposed by Rüsen (2007). The research is conducted using the methodology of Oral History, employing a script that combines elements of thematic interviews and life trajectories. Interviews were conducted with four Haitian men who arrived in Brazil between 2011 and 2015. Initially, the Haiti-Brazil migration flow, which began in 2010, is contextualized, followed by an analysis of the narratives through the lens of memory and identity development, aiming to identify the spaces where collective memory is formed and historical culture is constructed. The findings reveal that the history of Haiti is present in the discourses of the interviewees and holds a profound relationship with their identities, providing them with tools to comprehend the world in which they are situated. The education they received, which contributed to the identified levels of historical consciousness, is largely linked to the teaching of history, as observed in three out of the four participants. However, it is noteworthy that institutionalized educational environments compete with other forms of historical knowledge present in society in shaping historical culture.

Keywords: Haiti; Memory; Migration; Historical Consciousness; Education; Identity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Policial estadunidense açoitando migrante haitiano.....	81
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Sieriação do sistema educacional haitiano.....	51
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAISC - Centro de apoio e atendimento ao migrante de Santa Catarina

CRAI - Centro de referência e acolhida para imigrantes e refugiados

EIRENÈ - Núcleo de pesquisa e práticas Pós-coloniais e Decoloniais aplicadas às Relações Internacionais e o Direito Internacional

GAIRF - Grupo de apoio a imigrantes e refugiados de Florianópolis

GAIROSC - Grupo de Apoio ao Imigrante e Refugiado do Oeste de SC

MINUSTAH - Missão das Nações Unidas para a estabilização do Haiti

NAIR - Núcleo de apoio aos imigrantes e refugiados

ONU - Organização das Nações Unidas

PET - Programa de Educação Tutorial

SJMR - Serviço Jesuítas a migrantes e refugiados

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

UNISUL - Universidade do Sul de Santa Catarina

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. MEMÓRIAS EM MOVIMENTO - FLUXO MIGRATÓRIO HAITI-BRASIL.....	21
2. OS SUJEITOS E A MIGRAÇÃO - OS ENTREVISTADOS E SUAS PARTICULARIDADES.....	28
2.1. JEAN SAMUEL ROSIER.....	30
2.2. CLEFAUDE ESTIMABLE.....	35
2.3. OLITH BENJAMIN.....	39
2.4. WISLY JULES.....	44
3. ENSINO DE HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADE.....	50
3.1. O SISTEMA EDUCACIONAL HAITIANO.....	51
3.2. OS SUJEITOS E O ENSINO DE HISTÓRIA.....	54
3.3. SE NÃO NA ESCOLA, ONDE? ESPAÇOS QUE FORMAM A CULTURA HISTÓRICA.....	59
4. A HISTÓRIA NOS RELATOS.....	66
4.1. REVOLUÇÃO – NARRATIVAS CONTRA O SILENCIAMENTO DA HISTORIOGRAFIA.....	68
4.2. DEPENDÊNCIA.....	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	92
FONTES ORAIS.....	94
APÊNDICE I.....	96
APÊNDICE II.....	98

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é identificar os lugares de formação da cultura histórica e o espaço que a disciplina história ocupou na vida de um pequeno grupo de migrantes haitianos que vivem atualmente na região da Grande Florianópolis. A partir disso, analisar em que medida esses ambientes e experiências contribuíram para a visão de história que os sujeitos possuem, tendo como base o conceito de consciência histórica desenvolvido por Rüsen (2007): de que maneira interferiu na forma como dão sentido ao tempo e na forma como constituem a si mesmos enquanto sujeitos históricos. Como fonte, a pesquisa investiga as memórias que um grupo de migrantes haitianos chegados ao Brasil entre 2011 e 2015, trouxeram consigo de seu país, de sua cultura, e de sua história.

A partir de um esforço de História Oral, entrevistas foram realizadas e analisadas, tomando como ponto de partida o conceito de memória, como parte componente da construção do sentimento de identidade e pertencimento de grupos e indivíduos (POLLAK, 1992). Para realizar a discussão e análise das entrevistas vê-se a necessidade de uma abordagem interdisciplinar, visto que as pesquisas sobre memória muitas vezes estão atreladas a diferentes campos da ciência. Autores que partem de pontos de vista da sociologia e da psicologia social como Maurice Halbwachs (1990), Ecléa Bosi (1994), Michael Pollak (1992), e de outras áreas como antropologia, Michel-Rolph Trouillot (2016), sem esquecer da História, Jacques Le Goff (1996), ajudam a compreender os fenômenos sociais através dos quais as memórias se formam.

A escolha do tema e da delimitação deste estudo está intimamente relacionada aos meus interesses pessoais como pesquisadora. Desde os primeiros semestres da graduação, iniciada no ano de 2017, dediquei-me à pesquisa sobre a Revolução Haitiana, participando de seminários que exploravam o tema e selecionando-o como assunto para a realização de ensaios e outros estudos. Chama atenção e desperta interesse a grandeza deste evento histórico. A Revolução Haitiana foi um acontecimento decisivo no período de transição do século XVIII para o século XIX. Poucos anos antes do acontecimento, São Domingos representava dois terços do comércio exterior da França, a maior e mais rica (em termos de produção) colônia do mundo, o que só era possível tendo como sustentação o tráfico de escravizados. A população escravizada chegou ao número de meio milhão, número demasiadamente superior em termos de proporção à população branca. Sendo o Haiti a principal fonte de riquezas da França, é possível afirmar que sem São Domingos não haveria a Revolução que pregava Liberdade, Igualdade e Fraternidade (JAMES, 2010). O que aconteceu na São Domingos da época pode ajudar a entender muito da conjuntura histórica não só entre essa colônia e sua metrópole, a França, como também de toda

a América Latina e as relações estabelecidas no mundo Atlântico. A Revolução dos negros haitianos, escravizados ou livres, apresentou reflexos, inclusive, no Brasil escravista. Reverberou como medo entre as elites brasileiras, ideologia conhecida como Haitianismo¹, e como para o alcance da liberdade entre os escravizados (NASCIMENTO, 2008).

A partir da compreensão da relevância da Revolução Haitiana para os estudos históricos do período correspondente, esses interesses também foram sendo direcionados para a significativa onda migratória do Haiti para o Brasil que teve início no ano de 2010. Nesse cenário, a região de Florianópolis figura como um possível destino para esses migrantes. A migração haitiana para o Brasil gera demanda por políticas públicas que se dediquem aos migrantes e refugiados, muitos dos quais chegam ao país em condições de vulnerabilidade. Diante disso reflito, portanto, sobre o papel como pesquisadora e futura professora, e penso de que forma poderia fazer com que a presente pesquisa contribua para aumentar a visibilidade dessa população e levantar suas demandas.

O interesse pelo Ensino de História também se desenvolveu ao longo da graduação e, portanto, inseriu-se um novo recorte, com o intuito de compreender a contribuição dele para a formação da identidade dos migrantes. A história escolar, aquela das escolas e dos currículos, das propostas pedagógicas, é vista aqui não somente como um espaço de formação intelectual, de memorização ou repasse de informações, mas como espaço que estabelece, ou deve estabelecer, um vínculo cognitivo sólido e complexo com a vida prática dos estudantes e, portanto, de suas memórias. O saber histórico tem como característica a potencialidade de construção da consciência histórica (RÜSEN, 2007) do sujeito que está sendo formado, ou seja, a maneira como ele lê a si mesmo e se coloca no tempo, como percebe passado, presente e futuro, como dá sentido à temporalidade, o que não acontece sem que se estabeleça e consolide uma identidade própria, relacionada seja a um grupo, à nacionalidade, etnia, objetos culturais ou narrativas. Entretanto, é necessário analisar em quais aspectos o Ensino de História contribuiu para a formação dessa consciência em seu papel formativo, já que os processos de aprendizagem em história assumem sentidos diversos para cada estudante e, conseqüentemente, interferem de formas diversas na orientação da vida prática dos sujeitos.

Ainda que o enfoque inicial tenha sido na disciplina história e na sua contribuição para a formação da identidade dos haitianos, ao conduzir as entrevistas, constatou-se que ela assumiu um papel secundário para parte dos narradores, o que levou à reflexão sobre os demais espaços

¹ Para entender mais sobre o Haitianismo, ver AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. *Onda Negra Medo Branco. O negro no Imaginário das Elites Século XIX*. São Paulo, Annablume, 2004, e MOREL, Marco. *A Revolução do Haiti e o Brasil escravista: o que não deve ser dito*. Jundiá: Paco Editorial, 2017.

de formação. A consciência histórica é um constructo não formado apenas através da disciplina escolar, mas influenciado por diversos outros meios de disseminação de informações sobre o passado, tais como tradições, espaços de memória, obras cinematográficas, músicas, e grupos ou ambientes sociais nos quais o indivíduo está inserido. Esses elementos, que fazem parte daquilo que Rüsen (2007) denomina de cultura histórica de uma sociedade. Sendo assim, a memória que é formada dentro do núcleo da disciplina escolar se depara com tantas outras memórias construídas nos demais espaços, e é neste ponto que a consciência histórica se encontra com as memórias coletivas e individuais de Halbwachs (1990). A cultura escolar e o ambiente da disciplina de história, a sala de aula, se torna um elemento disputando espaço com tantos outros. Por isso, como abordado por Pereira e Marques (2013), a memória construída em sala de aula ou até mesmo pela historiografia acadêmica pode não coincidir com a que reside no interior dos grupos. Durante a fala dos migrantes percebeu-se a oportunidade de aumentar o escopo da pesquisa para a compreensão, também, dos outros espaços que contribuíram para a construção de suas consciências históricas.

Para realizar essa investigação, foi utilizada a metodologia de História Oral que, dividida em três momentos, o de pré-entrevista, entrevista e pós entrevista, forneceu ferramentas para que a pesquisa priorizasse as demandas dos sujeitos entrevistados, tendo como ponto de partida suas próprias narrativas. Os estudos acerca dos movimentos migratórios têm estabelecido relação íntima com a História Oral, que revela questões ligadas à identidade, às teias sociais e experiências migrantes que normalmente não constam em documentos oficiais, gerando novas possibilidades de análise principalmente acerca dos fenômenos mais recentes (MAGALHÃES, 2017). Há de se estar, também, ciente de que, como historiadores, quando optamos pelo uso da História Oral estamos participando do processo de construção de fontes. Não só o narrador, como todo o processo de primeiras conversas e contatos, escolha das perguntas e produção do roteiro até o contexto de gravação, refletem no resultado final: a entrevista gravada e transcrita.

A escolha da metodologia e das fontes deste estudo reflete uma tentativa de incluir perspectivas e formas de interpretação qualitativas, que privilegiam a análise de subjetividades. Existe aqui um esforço para que os migrantes participem do processo de construção do conhecimento histórico, visto que é a partir de suas narrativas que as fontes são construídas. Ainda assim, é importante lembrar que a condução da pesquisa é de responsabilidade do pesquisador, desde a elaboração das perguntas do roteiro até a última análise. Mesmo que a metodologia utilizada busque valorizar as experiências de sujeitos não acadêmicos, o

pesquisador é o responsável por guiar o estudo e interpretar os dados coletados de acordo com sua visão de mundo e sua bagagem teórica.

O uso da História Oral permite, ainda, um olhar sobre a subjetividade dos migrantes haitianos. Demartini defende a intensificação da “construção e a coleta de fontes produzidas por e com os imigrantes, para que se possa refletir sobre os processos migratórios, para além do ponto de vista do Estado e das políticas públicas, mas com base no olhar dos sujeitos envolvidos” (2018, p. 63). Delgado explica que trabalhar com História Oral é transformar os testemunhos em “fontes de imortalidade”, e permite registrar a multiplicidade de experiências inerentes à vida humana (2010, p. 62). Trabalhar a partir das memórias faz com que a presença desses sujeitos deixe de ser vista através do escopo quantitativo, presente em bases de dados, relatórios e documentos oficiais como os censos, e passa a ser qualitativamente analisada, o que permite o acesso às questões ligadas à subjetividade, identidade e visões de mundo. Também possibilita capturar a multiplicidade de memórias que atravessam os centros que recebem grandes números de migrantes (DEMARTINI, 2018).

Parte-se, então, para o processo constitutivo desta pesquisa. As etapas de pré-entrevista e entrevista foram feitas em conjunto com o Projeto Histórias em Movimento - Memória e Oralidade do PET - Programa de Educação Tutorial em História da UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina. Como bolsista do Programa, decidi articular as pesquisas ali desenvolvidas à minha pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso. No PET, realizei o trabalho juntamente com meu colega Guilherme Ferraz, também bolsista. Portanto, unimos esforços em determinados momentos, de primeiros contatos, conversas e reuniões, de discussão, redação e aplicação do roteiro, de entrevistas e transcrições delas. Na etapa de pré-entrevista, iniciou-se uma investigação em torno dos grupos de apoio aos migrantes existentes na Grande Florianópolis para, a partir deles, conhecer os sujeitos que pretendíamos entrevistar. No primeiro momento, se percebeu uma dificuldade para contatar os grupos de forma *online*. Tendo isso em vista, partiu-se para a visita dos espaços físicos das organizações encontradas e conversas com os responsáveis. Visitamos o centro de Cáritas, onde se pôde conversar com a representante do SJMR (Serviço Jesuítas a Migrantes e Refugiados), cuja sede é no local. A Igreja São Batista e Santo Ivo também foi visitada. O espaço oferece aulas de português a um grupo de haitianos. Posteriormente, surgiu também a oportunidade de assistir a algumas dessas aulas. E, por fim, foi realizada visita à sede do CAISC (Centro de Apoio e Atendimento ao Migrante de Santa Catarina). A partir dessas primeiras visitas, surgiram também novas indicações de pessoas e lugares, novos sujeitos que pudessem contribuir com a pesquisa. Percebeu-se, então, que visitar esses locais permitiria a compreensão da rede de contatos

estabelecida em Florianópolis. Nesse momento se entende, portanto, o que Paul Thompson (1992) quis dizer quando aponta que as saídas de campo são uma das principais vantagens da metodologia. Por mais que tenha existido o contato com os grupos a partir da leitura da bibliografia, foi a partir das visitas que foram estabelecidos contatos reais, o que com certeza tornou nossa pesquisa possível. Ainda assim, o levantamento realizado previamente foi um importante ponto de partida. Ainda que durante visitas se tivesse percebido que alguns dos espaços já estavam desarticulados, ao investigar presencialmente houve a descoberta de que outros existiam e se faziam presentes no trabalho de acolhimento dos migrantes.

No processo de preparação, de pré-entrevista, decidiu-se que o perfil dos entrevistados fosse o mais amplo possível, a fim de contemplar uma diversidade de sujeitos: homens ou mulheres haitianas/os adultas/os que morassem na Grande Florianópolis e conseguissem se comunicar em português. Um dos principais desafios durante o processo foi acessar e entrevistar os migrantes. No decorrer da pesquisa, foi feito contato com sete possíveis entrevistados. Entretanto, as entrevistas só puderam ser realizadas com quatro deles. Essa dificuldade decorre muitas vezes das rotinas e prioridades das pessoas, e até mesmo falta de interesse, o que é completamente compreensível. Além disso, reconhece-se que o processo desta pesquisa se fez insuficiente quanto aos elementos de gênero. Apesar das tentativas, não foi possível acessar mulheres haitianas que tivessem interesse e disponibilidade para participar do estudo. Portanto, destaca-se aqui que os resultados deste trabalho partem do olhar masculino dos entrevistados. E que experiências particulares de mulheres migrantes existem e devem ser devidamente consideradas - não como exceção, mas como parte constituinte e inerente dos fenômenos migratórios.

Nas entrevistas realizadas, optou-se por construir um roteiro geral semiestruturado², que pudesse ser adaptado durante o andamento das entrevistas de forma que se adequasse às falas de cada entrevistado, evitando repetições e possíveis constrangimentos. Por conta do curto espaço de tempo para a realização da pesquisa, o roteiro foi pensado no modelo que Lucilia Delgado (2010) chama de trajetórias de vida. Desta forma, a fim de desvelar questões de memória dos sujeitos respeitando seus limites de tempo, suas rotinas e sua disponibilidade, as entrevistas, mesmo que realizadas em um só encontro, não deixam de considerar diferentes aspectos de suas vidas. Ainda assim, manteve-se o foco nas questões relacionadas à história do Haiti e ao Ensino de História, uma vez que o roteiro da entrevista incorpora elementos de entrevista temática, em que se busca explorar com mais profundidade as questões relacionadas

² Conferir apêndice I.

à escolaridade e à experiência educacional dos entrevistados. Três eixos foram priorizados: o primeiro, “no Haiti”, em que foram feitas perguntas como “para você, o que é ser haitiano?”, “como você se sente ao falar do Haiti ou de sua vida lá?”, “como era o lugar onde você nasceu ou cresceu no Haiti?”, “como é sua família?”, “em alguma tradição/costume que marcou sua infância/juventude no Haiti?”; o segundo, “migração”, foca em perguntas acerca do processo migratório, como “como foi o processo de saída?”, “porque o Brasil, e não outro país?”, “como foi essa chegada no Brasil?”; e o terceiro, “no Brasil”, com perguntas que se relacionam ao contexto atual dos migrantes, “mantém algum tipo de contato com família, amigos ou conhecidos no Haiti?”, “você possui algum costume para manter a memória de seu país acesa?”, “você continuou sua formação escolar ou profissional aqui?”. Ao final da entrevista, foram feitas perguntas que possibilitaram ao entrevistado relacionar esses três contextos e momentos de suas vidas. Dentro dos eixos foram colocadas perguntas sobre a experiência dos sujeitos com o ambiente escolar e o Ensino de História, “se você tivesse que contar a história do Haiti para algum brasileiro, o que/como contaria?”, “onde você aprendeu isso?”, “tem alguma memória das suas aulas de história?”, “qual assunto que te marcou nessas aulas?”, de forma que os direcione a falar sobre as lembranças e memórias relacionadas a esses elementos, pontos centrais deste trabalho.

Estabelecidos o objetivo e a metodologia da pesquisa, o trabalho será aqui dividido em quatro capítulos: Além da análise das entrevistas, também se considerou fundamental produzir um levantamento bibliográfico que contribuísse para a compreensão das motivações que levam ao crescimento do número de migrantes haitianos no país ao longo da última década. Portanto, no primeiro capítulo faço uma contextualização do estado do fluxo migratório haitiano, que se intensifica para o Brasil em 2010 considerando três fatores: 1) a construção histórica de uma tradição migrante haitiana; 2) o contexto global de crise, iniciado em 2008, que atingiu os países que eram destinos centrais do movimento migratório haitiano; e 3) as relações entre Haiti e Brasil, sua política externa e a criação de uma imagem de país receptivo no imaginário da população haitiana. Posteriormente, busca-se entender o lugar do estado de Santa Catarina neste fluxo, articulando com o perfil dos migrantes ao utilizar como fonte os dados e relatórios produzidos pelos grupos de apoio e acolhimento aos migrantes e refugiados.

No segundo capítulo, os quatro entrevistados são apresentados: Jean Samuel Rosier, Clefaude Estimable, Olith Benjamin e Wisly Jules. Neste trabalho serão utilizados os nomes reais dos sujeitos, visto que estes fizeram questão que seus nomes fossem mantidos diante da opção do anonimato. Com o intuito de explorar a subjetividade desses sujeitos, busca-se apresentá-los a partir de seus relatos, identificando as questões mais presentes em suas falas:

sua relação com a família, religião e outros grupos que constroem suas memórias. Dessa forma, a análise das entrevistas pretende compreender as vivências migratórias e como essas experiências são percebidas e interpretadas pelos próprios sujeitos ao se identificarem enquanto migrantes. Explora-se, então, fatores que os fizeram sair do Haiti e os trouxeram para o Brasil, articulando com o contexto apresentado no capítulo anterior.

No terceiro capítulo, dividido em três partes, são analisados os espaços de formação da cultura histórica identificados durante os relatos, a fim de compreender a relação estabelecida entre os sujeitos e o Ensino de História, utilizando das categorias desenvolvidas por Rüsen (2007) - consciência histórica, formação histórica, narrativas e constituições de sentido. Vê-se, também, o contexto escolar como um espaço que produz memórias coletivas (HALBWACHS, 1990). O intuito é responder, então, às seguintes perguntas: Há contribuição do espaço escolar institucionalizado na formação da consciência histórica apresentada pelos sujeitos durante as entrevistas? Se sim, com quais outros espaços de formação de memória histórica o ambiente escolar divide espaço? Se não, quais os espaços responsáveis por essa formação? Para isso, são analisadas as respostas às questões feitas em relação ao contexto escolar dos sujeitos durante as entrevistas, de modo a verificar se as memórias criadas nesse grupo se mantêm acesas. Se o Ensino de História no contexto em que se deu teve papel importante na criação e consolidação da consciência histórica dos entrevistados, analisando de que forma a memória acerca da história do Haiti se relaciona com a experiência educacional, o que permite perceber as lacunas ou presenças do Ensino de História na memória e na identidade dos migrantes.

No quarto capítulo o objetivo é levantar quais são as principais questões/demandas histórico-culturais presentes na memória dos migrantes entrevistados, considerando os grupos aos quais esses indivíduos fazem parte e os ambientes que os permitiram construir e consolidar suas memórias históricas. Visto que esse foi um tema recorrentemente abordado pelos entrevistados, pretende-se analisar as menções à história do Haiti, ou seja, de que forma a história do Haiti aparece nos relatos. O conceito de consciência histórica, traçado por Jörn Rüsen (2007), ajuda a compreender a forma que a história do país caribenho assume na vida desses indivíduos, como ferramenta na construção e consolidação de suas identidades, da forma que veem a si e o mundo. A partir disso, o capítulo fica dividido em duas partes, que se relacionam com os temas históricos mais presentes nas entrevistas: a Revolução Haitiana e a relação do país com a construção da dependência. Com relação ao primeiro tema, se destaca como o evento histórico surge nas falas. Neste momento dialoga-se com o autor Michel-Rolph Trouillot (2017), que traz a ideia de “narrativa de resistência” como oposição, quando não ao apagamento, à relativização da história da Revolução de São Domingos; O segundo tópico

aparece nos relatos como menções à colonização francesa, se estendendo temporalmente até os golpes de Estado e à instabilidade política do país nas últimas duas décadas. Esses dois subtópicos permitem que se analise as instâncias interna e externa da consciência histórica - a história da Revolução e seu papel formativo para uma identidade haitiana, e as histórias de dependência como substância para compreender o mundo em que estão inseridos e suas dinâmicas sociais.

1. MEMÓRIAS EM MOVIMENTO - FLUXO MIGRATÓRIO HAITI-BRASIL

Para compreender as memórias dos sujeitos entrevistados, convém apresentar a conjuntura histórica da migração em que se inserem. A história do Haiti é, pelo menos desde sua colonização pela França, marcada pela mobilidade. Desde a entrada forçada de escravizados africanos no país, passando pela necessidade de mão de obra nas indústrias estadunidenses de cana-de-açúcar em Cuba e na República Dominicana durante a primeira metade do século XX, pela emigração de membros da elite e da classe média para Estados Unidos e França para obter formação ou exílio durante a ditadura da família Duvalier até a emigração em massa para os Estados Unidos e países do Caribe no período do governo de Aristide (JOSEPH, 2017). Não há como compreender a história do Haiti e dos haitianos ignorando esses movimentos. Mas quando o Brasil se insere nesse cenário, visto que, ao longo das últimas duas décadas, o país tem sido destino de uma grande onda migratória que parte do país caribenho?

Vários fatores estão ligados a esse fluxo, que tem como marco inicial o ano de 2010. Constantino Querezemin Neto (2018) fala da necessidade de entender o movimento migratório para além de apenas uma consequência direta do terremoto de mesmo ano, fazendo-se necessária sua compreensão como um processo histórico complexo. O autor defende que “o considerável fluxo migratório haitiano em direção ao Brasil se engendra como um processo histórico e, como tal, sem uma causalidade direta ligada a um único notável acontecimento (terremoto), mas sim a partir de um conjunto de fatores que em contexto específico explicam o fenômeno estudado” (NETO, 2018, p. 17). Portanto, dizer que a migração haitiana teria como causa somente o abalo sísmico seria negar a profundidade dos fenômenos de deslocamento que marcam o século XXI e, no caso do Haiti, a sua relação desde a colonização com os fluxos de entrada e saída de pessoas do país.

Para entender, então, a complexidade do processo histórico que caracteriza a recente migração haitiana para o Brasil, Neto (2018) divide as motivações do movimento migratório em torno de três esferas principais: a primeira relaciona-se à construção histórica de uma tradição migrante haitiana; a segunda pensa o contexto global de crise, iniciado em 2008, que atingiu os países que eram destinos centrais do movimento migratório haitiano; e o terceiro envolve as relações entre Haiti e Brasil, que culminaram na criação de uma imagem de país receptivo no imaginário da população haitiana.

A tradição migrante do Haiti a que o autor se refere se relaciona com a história do país, que revela, sobretudo, seu lugar de profunda dependência. A exploração da ilha durante seu período como colônia e os embargos e custos obtidos a partir de sua Revolução e Independência

impossibilitaram qualquer tipo de avanço econômico, condenando o país a um lugar de dependência e subalternidade perante as potências imperialistas:

O Haiti precisava ser condenado à miséria como um exemplo para as demais economias subalternas do globo. A mensagem das potências imperialistas para o mundo e para a primeira República Negra era a de que se o Haiti não pudesse ser da França, seria terra de ninguém. Se não pudesse ser governado por brancos, seria ingovernável por negros e nada ali poderia fruir, desde novos campos até um novo povo (GRONDIN, 1985). Essa política de destruição sistemática obteve notável êxito e suas consequências nefastas são sensíveis até hoje. (NETO, 2018, p. 27)

Como consequência, o quadro de instabilidade pós Independência, de governos provisórios à ditadura, disputas internas por poder e intervenções, com foco na contestante presença militar estrangeira, contribuiu e continua contribuindo para que o Haiti não deixe esse lugar (GRONDIN, 1985, apud NETO, 2018; BAENINGER; PERES, 2017): “O Haiti transformou-se de colônia francesa mais próspera no século XVII ao mais pobre país do continente americano nos dias de hoje a partir da criação e manutenção de fatores de expulsão populacional que engendram sua notável tradição migrante” (MAGALHÃES; BAENINGER, 2016, apud NETO, 2018).

Os movimentos migratórios partindo do Haiti são vistos desde o século XIX, mas o Brasil só se torna destino a partir de 2010, o que leva a refletir sobre o contexto global dos anos 2000. Até então, países como Cuba, República Dominicana, Estados Unidos, Canadá e França eram os principais destinos dos fluxos de migrantes haitianos, entretanto, a crise econômica mundial afetou a dinâmica já estabelecida para esses países. Além disso, os atentados, ocorridos nos Estados Unidos, Londres e Madrid, se tornaram uma questão para quem tentasse adentrar não só esses países, mas também outros países da Europa. A precarização dos postos de trabalho e das condições de vida e a intensificação da xenofobia, principalmente nas economias centrais, além do reforço das fronteiras, aumento da burocracia para entrar nesses países fizeram com que o redirecionamento dos deslocamentos se tornasse necessário (NETO, 2018; FARIA, 2015). Por mais que o abalo sísmico de 2010 não guie a percepção deste trabalho acerca do contexto migratório do Haiti, é inegável a relação entre ele e o fluxo de migrantes após o terremoto. Mais do que isso, é inegável a relação entre a condição ambiental do país e sua tradição migrante. E não se trata aqui de lançar olhar sobre as questões ambientais como fatores naturais, mas como escolhas políticas, sociais e econômicas:

O desmatamento e a perda da biodiversidade, agravados pelas queimadas, intensificam o processo de erosão, o assoreamento dos rios e conseqüentemente a perda de fertilidade dos solos, o abandono do cultivo e a procura por novas áreas. O histórico uso e o estado atual observado na paisagem haitiana indicam que os solos, em geral, têm sido utilizados em sistemas de produção incompatíveis com a aptidão das áreas, levando à degradação. (FARIA, 2012 apud NETO, 2018)

Nota-se, portanto, a construção de um projeto colonial que gerou um país cujas estruturas são frágeis frente aos desastres naturais. A exploração do solo pelas potências, todavia, não se restringiu ao período colonial, a exemplo do abuso das áreas férteis pelos estadunidenses em benefício das companhias frutíferas transnacionais no século XX. Relacionado a isso, aponta-se também para a distribuição demográfica do país, cuja população se concentra em áreas urbanas, a partir da migração interna rural-urbana, próximas à capital, Porto Príncipe, local profundamente afetado pelo abalo (NETO, 2018). Então,

é nesse sentido que se situa a perspectiva de que o terremoto de 2010 e seus nefastos corolários não exsurtem como uma catástrofe randômica advinda da aparente “maldição” que cerca a parte ocidental da ilha de Hispaniola, mas sim como uma consequência sócio histórica de fragilidade ambiental vinculada objetivamente com a formação dependente e exploratória do Haiti desde a era colonial até a contemporaneidade, passando inclusive por seu processo de independência (NETO, 2018, p. 49)

Dado o quadro mais amplo, parte-se para observar as relações estabelecidas entre Brasil e Haiti nas últimas duas décadas para entender a especificidade na escolha deste destino. Primeiro, cabe avaliar a situação do país frente a crise econômica que teve início no ano de 2008. A economia do país emergia, indo no sentido oposto do que acontecia nos tradicionais destinos dos fluxos de migrantes haitianos. Ao mesmo tempo, a presença do Brasil no Haiti se fazia cada vez mais constante a partir da aprovação da MINUSTAH (Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti) em 2004. A política do Brasil no período - de 2004 a 2017 - não se fazia somente na presença militar e econômica como também a partir de projetos nas áreas de “educação, saúde, justiça, segurança, esportes, agricultura, meio ambiente, formação profissional, segurança alimentar, entre outros” (NETO, 2018, p. 56), que se fizeram a partir do Acordo Básico de Cooperação Técnica Bilateral, assim como a presença de ONGs, que também foi recorrente. A atuação do Brasil na MINUSTAH aparece em duas de nossas quatro entrevistas, fator que será analisado ao longo dos próximos capítulos. Dessa convivência e aproximação cultural, seja por conta da presença brasileira no Haiti ou por informações propagadas pela mídia, derivou-se a criação de um imaginário acerca do Brasil, que incluía, inclusive, a ideia de que seria um paraíso racial (NETO, 2018; JOSEPH, 2017).

É justamente a partir dessa influência multifacetada exercida pelo Brasil em solo haitiano que se estabelece a figura de um país portentoso e próspero, sobretudo diante da população do Haiti, que experienciou um dramático decréscimo em suas condições de vida – pelo caos político, social e a tragédia do terremoto – em um período simultâneo ao da missão de paz da ONU. Tal contexto se mostra ideal para a formação de um movimento migratório de dependência, uma vez que a presença estrangeira se insere na vida da população nativa tanto de forma objetiva quanto subjetiva, influenciando os projetos de migração preteritamente estabelecidos (NETO, 2018, p. 59).

O que Magalhães (2017) e Neto (2018) chamam de movimento migratório de dependência, Baeninger e Peres (2017) apontam como relações de poder no âmbito das migrações. A presença militar e econômica do Brasil no Haiti a partir da MINUSTAH³ fez parte de uma política externa que envolvia não somente os dois países, mas também os Estados Unidos, estabelecendo o que Luce (2007) chama de “principal elemento de cooperação do governo brasileiro com o Departamento de Estado na estabilização da conflitividade social da América Latina” (apud. BAENINGER; PERES, 2017, p. 124). Como resultado, em 2012 tem-se a criação, dentro do próprio Estado brasileiro, da política que coroaria o Brasil como um país receptor do circuito migratório haitiano: o visto humanitário para haitianos. Vê-se, a partir desse contexto, a construção do Brasil como país receptor como parte da política internacional brasileira (BAENINGER; PERES, 2017).

É, então, a partir de 2010, que se vê a união dos fatores acima citados, tendo como gota d’água o terremoto e a necessidade de remanejamento dos fluxos migratórios em vista da crise financeira e o fechamento das fronteiras dos países que foram receptores até então.

Após lançar olhar para os fatores que direcionaram os fluxos de migração haitiana para o Brasil, a atenção pode ser colocada sobre o que os números revelam acerca da primeira década desse movimento. O Brasil recebeu, dos anos de 2011 a 2020, cerca de 149.085 migrantes haitianos, entre residentes (66,85%) e temporários (33,14%), segundo relatório do OBMigra (Observatório das Migrações Internacionais)⁴. Esses números, entretanto, podem ser menores do que os que se apresentam na realidade, visto que tem como base os registros de emissão de CRNM (Carteira de Registro Nacional Migratório) pela Receita Federal. Fazendo visita aos grupos de apoio a migrantes em Florianópolis, percebe-se a existência de uma demanda pela documentação que se vê expressa na dificuldade em emití-la e regularizar a situação migratória. Portanto, existem também os números relativos aos migrantes em situação irregular. O relatório também aponta que a nacionalidade com maior número de residentes na década em questão foi a haitiana, o que demonstra a força desse fluxo migratório nos anos após 2010 e destaca a necessidade de se pensar nesse movimento dentro das especificidades do país de que parte. Além disso, fala da forte presença dos haitianos no mercado formal de trabalho, chegando a representar, no ano de 2020, 38,9% do total de migrantes. A agroindústria aparece como um

³ Faz-se importante ressaltar nesse momento que existem debates acadêmicos sobre o caráter de dominação e violência que se estabeleceu a partir da MINUSTAH. Esses estudos mais recentes denunciam a ação da ONU e a responsabiliza pelas desumanidades cometidas pelos exércitos em solo haitiano, cuja ação se deu sob o comando da força militar brasileira. A volta da cólera no Haiti é um exemplo das atrocidades cometidas pela Missão que, ao contrário de estabilidade, somente aprofundou o lugar de dependência do país caribenho.

⁴ É possível conferir o relatório através do endereço eletrônico <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/relatorios-a>. Acesso em 22 de maio de 2023.

dos principais setores onde os migrantes encontram emprego, já que cresceu expressivamente na última década devido ao aumento das exportações. É importante lembrar que o campo se destaca como um dos que mais explora sua mão-de-obra, colocando populações já vulneráveis em situações de insalubridade. Já acerca da escolaridade dos migrantes haitianos, o relatório não apresenta muitas informações que possam auxiliar na construção de um contexto mais amplo desse aspecto do fluxo migratório que parte do país caribenho.

Aproximando a lupa para a situação regional de Santa Catarina, o mesmo relatório aponta o estado como o que mais criou postos de trabalho para imigrantes nos anos de 2014 e 2015, e de 2017 até 2020⁵. Se percebe, então, esse fator como um atrativo de migrantes para o Estado. Mas mais do que isso, Magalhães e Baeninger (2016) mencionam a atuação de empresas do estado no recrutamento de migrantes nas fronteiras. No primeiro momento, a migração laboral se concentra no Vale do Itajaí. A partir de 2014, há uma dispersão em direção ao Oeste, principalmente para Chapecó, a partir da atuação de empresas frigoríficas. Os autores atribuem a migração e dispersão dos sujeitos em Santa Catarina também às redes sociais, que permitem a continuidade e criação de novos contatos, além da possibilidade de mobilização a partir da fundação de associações. Nesse contexto, Florianópolis aparece como segunda cidade catarinense em número de admissão de haitianos no mercado formal, ficando atrás somente de Chapecó (MAGALHÃES; BAENINGER, 2016).

A chegada de migrantes, haitianos ou não, desencadeia uma mudança no perfil demográfico da região da Grande Florianópolis. Junto a essas populações chegam também novas demandas que, como defendido por Silva, Rocha e D'Avila (2020), são constantemente negligenciadas e desconsideradas pelo poder público, que ignora a necessidade da criação de políticas de acolhimento e integração por parte do município. O trabalho que deveria ser obrigação do Estado passa, inevitavelmente, para as mãos de instituições criadas e mantidas pela sociedade civil. Ao negar essa remodelação demográfica, o poder público cria uma população em situação de vulnerabilidade socioeconômica, gerando a falsa afirmativa de que esses sujeitos são passíveis de controle, não de acolhimento:

A falta de assistência por parte dos Poderes Públicos é herdeira da lógica ultrapassada - contemporaneamente preservada na União Europeia e afiançada por setores conservadores brasileiros e catarinenses - segundo a qual os imigrantes são potenciais ameaças à segurança e, portanto, passíveis de controle, e não sujeitos de direitos. As barreiras impostas, sobretudo, aos imigrantes e refugiados de países periféricos, além de se reforçar a postura colonial, racista e hierarquizante, fomenta a disseminação da xenofobia e da intolerância. (SILVA; ROCHA; D'AVILA, 2020, p. 8)

⁵ Esses dados também estão disponíveis no endereço eletrônico anterior.

O CRAI (Centro de Referência e Acolhida para Imigrantes e Refugiados) de Florianópolis surgiu em 2018 como resultado da luta das populações migrantes e dos grupos civis que até então desenvolviam o serviço de acolhida e assistência. Entretanto, a instituição encerrou seus trabalhos no ano seguinte. Entre abril de 2018 e de 2019, um total de 3.863 migrantes receberam atendimento do CRAI em conjunto com o EIRENÈ-NAIR (Núcleo de Pesquisa e práticas Pós-coloniais e Decoloniais aplicadas às Relações Internacionais e o Direito Internacional - Núcleo de Apoio aos Imigrantes e Refugiados). O número de haitianos corresponde a 66,94% do total desse número, o que mostra a força do fluxo migratório. (SILVA; BORBA; DAVID, 2020). Tomando este período para entender o perfil desse fluxo, do total de 2.585 migrantes haitianos atendidos, cerca de 80% estavam em idade adulta - de 25 a 64 anos. Já em relação ao gênero dos atendidos, cerca de 40% são mulheres e 60% são homens. Esses dados, tomados como exemplo, não apresentam grandes distinções do que foi visto nos períodos anteriores (SILVA; BINI, 2020).

A migração haitiana para o Brasil a partir de 2010 emerge, portanto, como resultado de três principais fatores: primeiro, a tradição migrante, condicionada pela exploração colonial e pós colonial do país pelas potências mundiais, fato que reservou ao Haiti um lugar de profunda dependência e fragilidade, seja em termos econômicos, políticos, culturais ou ambientais; depois, a crise econômica de 2008, que afetou os países centrais de forma que os haitianos buscassem por novos destinos, promissores economicamente; e, por último, as relações estabelecidas entre Brasil e Haiti que se marca, em grande medida, pela presença do país sul-americano em território haitiano. Mas não só isso, como pela presença cultural, através da mídia, e política, por meio dos projetos que surgiram como parte do Acordo Básico de Cooperação Técnica Bilateral, fatores que contribuem para a criação de um imaginário do Brasil como país acolhedor e receptivo. Dentro desse contexto, Santa Catarina aparece como um estado promissor, principalmente a partir de 2014, pela grande quantidade de postos de trabalho sendo criados e oferecidos. Essa variável desenvolve, inevitavelmente, uma mudança demográfica passível de atenção pelo Poder Público, que tem - ou deveria ter - como função criar condições no que tange ao acolhimento das populações migrantes, para que não sejam, mais uma vez, colocadas em um lugar de marginalização.

Apresentado o contexto migratório, importa saber quem são os sujeitos entrevistados, quais as suas particularidades e em que medida suas vidas conversam com a conjuntura descrita neste capítulo. Para além da contextualização histórica, que pode explicar o denso fluxo migratório do Haiti para o Brasil nos anos seguintes ao abalo sísmico, essa pesquisa leva em consideração que os diferentes sujeitos entrevistados, a partir das singularidades de suas

trajetórias, tiveram suas razões para migrar. A complexidade do contexto histórico e da experiência migratória vê-se refletida nas entrevistas. Cada um dos sujeitos presentes possui suas histórias e apresenta singularidades no contexto de entrada no Brasil. A partir dessa apresentação, pode-se partir para a análise de seus relatos de acordo com os objetivos propostos.

2. OS SUJEITOS E A MIGRAÇÃO - OS ENTREVISTADOS E SUAS PARTICULARIDADES

Eu sou um cidadão mundial. Qualquer lugar que eu cheguei vou viver.

(Wisly Jules)

A partir da metodologia de História Oral, o campo da história se abre para novas possibilidades de pesquisa: além da revelação de novos campos e temas e a apresentação de novas hipóteses e pontos de vistas de acontecimentos ou fenômenos já analisados, permite o estudo de eventos ainda não documentados e a partir das perspectivas de populações nem sempre consideradas, como a de grupos invisibilizados ou colocados à margem da sociedade pelo Estado. Possibilita a reavaliação ou redefinição de cronologias históricas já cristalizadas e o estabelecimento de relações entre a vida privada e vida pública dos sujeitos dentro dos contextos históricos mais amplos, associando a experiência pessoal e a memória coletiva (DELGADO, 2010).

Ecléa Bosi alerta que “o instrumento decisivamente socializador da memória é a linguagem” (1994, p. 56) e, portanto, a linguagem das narrativas orais é aqui tomada como fonte. Pontos ligados à identidade são desvelados no decorrer do processo de coleta das fontes orais, enquanto o entrevistado concentra-se em trazer à superfície as memórias que o constroem enquanto sujeito. Isso torna a História Oral uma metodologia privilegiada para compreender questões subjetivas da formação de um indivíduo ou de um grupo e, igualmente, de suas memórias sociais.

Maurice Halbwachs (1990), quando desenvolve sua teoria acerca das memórias coletivas, revela que a memória é um fenômeno socialmente construído, relacionada de forma intrínseca à teia social a qual o indivíduo se insere. Isso quer dizer que, para o autor, as memórias são sempre coletivas, sempre associadas a grupos aos quais os sujeitos se conectam ao longo da vida. Não existem memórias descoladas das experiências e interpretações sociais, de eventos vividos ou não pelo narrador ou seus grupos. O processo de construção delas faz com que, de forma inevitável, se confundam na memória individual visões de diferentes grupos, relatos e experiências de terceiros. A memória de cada indivíduo, para o autor, é justamente o ponto de encontro entre a memória construída por diferentes grupos dos quais faz ou já fez parte em algum momento de sua vida. Ela é definida a partir das inúmeras relações estabelecidas pelo indivíduo desde a sua infância: suas relações familiares, memórias geracionais, seu contato com o ambiente escolar e com demais espaços que possam vir a fazer parte ao decorrer de sua vida.

Para Ecléa Bosi (1994), assim como para Halbwachs (1990), a memória é um fenômeno social e está intrinsecamente ligada à cultura e à história de um grupo, sendo influenciada por símbolos, rituais, mitos e outras práticas coletivas. A psicóloga social entende a memória como um processo complexo, que não se limita apenas a um registro fiel do passado, mas como um conjunto de experiências e vivências que são constantemente reinterpretadas e reorganizadas pelas pessoas e pelas comunidades. Portanto, lembrar é trabalhar. É o trabalho de reorganização do passado guiado pelos interesses do presente. O que os entrevistados realizam é um esforço de reinterpretação da sua história pessoal, guiados pelos interesses e perspectivas do momento da fala. Nesse sentido, a reconstrução da trajetória de vida é permeada pela subjetividade do "eu do agora", que se modifica ao longo do tempo em função das experiências e interações com a sociedade.

Mas de que maneira as memórias que foram reveladas durante as entrevistas com os migrantes ajudam a compreender suas questões identitárias? De acordo com Michael Pollak (1992), o sentimento de identidade dos sujeitos é formado por três instâncias: a instância física, relacionada ao mundo material e ao corpo, aos territórios e fronteiras - e que atinge os migrantes por conta da relação íntima que estabelecem com a mobilidade; o fator da continuidade no tempo; e a sensação de coerência, que determina a existência de uma unidade sólida. A memória é, então, o que alimenta essa terceira instância, busca nas experiências do passado, vivido ou não, referência e material para o presente. São elas que fornecem os elementos necessários para a construção do sentimento de continuidade e coerência. A memória é responsável por dar sustentação ao sentimento de identidade e pertencimento, legitimando sua existência. Sem ela, a identidade torna-se um amontoado de fragmentos, sem um sentido claro de continuidade temporal e histórica.

Dada a importância da memória na construção da identidade, se pode compreender o papel do quadro social em que se insere cada um dos sujeitos entrevistados nesta pesquisa. São seus grupos sociais, do passado e do presente, seus hábitos e tradições, as experiências vividas ou vividas por seus grupos, a rotina e o cotidiano e outras tantas e diversas vivências, a base para a formação da memória de um indivíduo, que por sua vez contribui para a formação de sua identidade. Essa base é resistente, mas ainda assim não deixa de estar suscetível às novas experiências individuais e coletivas desenvolvidas a partir das interações com a sociedade. Portanto, a fim de obter uma compreensão adequada do que um relato pode revelar acerca das questões identitárias, torna-se essencial trazer à superfície o contexto social em que se insere seu narrador. Cabe aqui, então, conhecer um pouco mais de cada um dos entrevistados, seus quadros sociais e experiências, sobretudo aquelas relacionadas ao fenômeno da migração.

2.1. JEAN SAMUEL ROSIER

Jean foi o primeiro entrevistado. Se mostrou, desde as primeiras conversas, muito disposto a participar do estudo, assim como os demais sujeitos. Foram realizados dois encontros com ele: o primeiro para explicar sobre o que se tratava a pesquisa e o segundo para realizá-la. Esse seria o processo ideal, que se pretendia, no início do estudo, ser aplicado a todos os entrevistados. Todavia, no decorrer dos contatos e entrevistas, percebeu-se a restrição nas agendas dos entrevistados, entendendo que nem sempre seria possível realizar esses dois encontros. A entrevista com Jean foi realizada na sala do PET História, onde estávamos presentes eu e Guilherme Ferraz. A conversa com o entrevistado foi a mais longa, durando mais de duas horas.

Hoje, com 38 anos, Jean relata ter nascido em uma localidade rural no Haiti, mas que logo depois migrou para a capital Porto Príncipe, onde seguiu vivendo até a vinda para o Brasil. Na capital, morava em uma comunidade chamada Cité Soleil, uma favela, e relembra que passou por episódios de discriminação por isso:

[...] o lugar que eu cresci no Haiti [...]... eu nasci numa favela mas é bem interessante essa questão de assumir minha identidade que eu desde pequeno faço. Eu nasci numa favela mas a gente vai transitando em outros meios, outros ambientes, bairros nobres, em outras escolas mais nobres. Daí quando você tá entre esses espaços, você não quer dizer que você nasceu, cresceu, mora naquela favela, porque, tem essa questão de exclusão. (ROSIER, 2022)

Chama atenção o fato de ele falar que transitava por espaços sociais distintos, os quais ele classifica como "mais nobres" e que, ao contrário de seus conterrâneos, ele nunca fez questão de esconder sua origem pobre. O preconceito de classe era uma realidade durante sua infância e, ao contrário do que via como um padrão entre as pessoas de seu entorno, destaca que assumiu sua identidade desde pequeno. Por mais que existisse certa exclusão com as pessoas que moram nessas comunidades, Jean diz que nunca se envergonhou, como faziam alguns de seus colegas: *“Mas eu me lembro desde pequeno, amigos não queriam dizer que moram naquela favela, mas eu sempre falei que eu morei naquela favela [...]]. Aí por isso a gente nunca quis se identificar como... é, muitos amigos, colegas, não queriam se identificar como quem mora na favela”* (ROSIER, 2022). Compara essa vergonha, inclusive, com o receio que alguns haitianos sentem aqui no Brasil em assumir seu país de origem e, por isso, em determinados momentos comentam que são de outras nacionalidades. Tem-se aqui, portanto, a afirmação de um elemento constitutivo de sua identidade ligado às suas memórias da comunidade de origem, onde viveu durante a sua infância. Essa condição se articula com a

condição atual de migrante haitiano no Brasil, que entende como marginalizada em outros momentos da entrevista.

Essa primeira identidade que Jean assume pode ser um ponto interessante para que se inicie um debate sobre as lembranças da infância. Para Halbwachs, as memórias da primeira fase da vida não são preservadas ou fixadas o suficiente enquanto os sujeitos ainda não são o que chama de “entes sociais” (1990, p 38). Por outro lado, quando a criança adquire a capacidade de observar e avaliar o ambiente que a cerca, as percepções que adquire são fortemente influenciadas pelo olhar dos mais velhos da família, primeiro grupo social com o qual um indivíduo interage ao longo da vida. Conseqüentemente, o que chama atenção no relato de Jean e leva a refletir, é o alto nível de consciência social em suas falas sobre este momento de sua vida. Portanto, questiona-se: essa consciência já existia no momento em que viveu os fatos por ele citados? Ou são lembranças reconstruídas a partir do presente, quando já se adquiriu um olhar crítico acerca das situações vividas? Não há como responder essas perguntas, já que se trata de algo íntimo e subjetivo do entrevistado, além de que elas não precisam necessariamente ser respondidas. Mas o que importa aqui, no âmbito desta pesquisa, é que essa memória, reconstruída, modificada, remodelada - ou não - ao longo dos anos e das experiências, dos encontros e desencontros, contribuem para a formação do que Jean é no presente. Como ele se vê, enquanto sujeito no mundo e como encara as relações sociais.

Ao falar sobre sua família, explica que seus pais tiveram oito filhos, mas que um deles faleceu logo após o nascimento. Hoje, três de suas irmãs moram nos Estados Unidos e outros dois irmãos e uma irmã continuam no Haiti, assim como seus pais. Quando perguntado sobre o que tinha no Haiti que não tem no Brasil fala que sente falta da sua família, do abraço de seus pais, que são coisas insubstituíveis. Jean continua mantendo contato com seus familiares e amigos. Conversam via mensagens, áudios ou videochamadas, mas afirma que, apesar disso, os vínculos já não são mais os mesmos de dez anos atrás, e que ele entende que esse é um processo natural: *“também não é o mesmo laço após dez anos. Os laços, a distância, começa a enfraquecer um pouco esse calor que tinha, por questão de planos, de projetos, de outras coisas”* (ROSIER, 2022).

Sobre sua infância, Jean relembra os dias de festa, que eram dias de abundância de comida. Conta que cresceu em uma família cristã e que, por isso, não possuíam tradições ligadas às religiões de matriz africana. Levanta uma tendência entre as famílias que seguem o cristianismo: a de “diabolizar” aquilo que não faz parte de sua religião, *“eu nasci numa família cristã, então não temos tantas tradições assim porque tem essa questão de diabolizar algumas tradições quando você se torna um cristão, infelizmente, no Haiti”* (ROSIER, 2022). Lembra-

se do costume de ir à igreja e que orar era algo muito importante no dia-a-dia de sua família, assim como realizar reuniões para estudar a bíblia. Agora Jean é evangélico e fala que a partir de novas leituras consegue perceber a existência de preconceito e intolerância religiosa, como um legado da colonização francesa. É interessante como o entrevistado articula questões históricas à realidade da sua família.

Crescendo em Porto Príncipe, concluiu o ensino fundamental e secundário e chegou a cursar o primeiro ano de graduação em economia na Universidade do Estado do Haiti. Essa formação o possibilitou trabalhar como professor no ensino fundamental. Ele explica que lecionava todas as disciplinas - já que esse é um padrão nas escolas do Haiti. Entrevistar alguém advindo desse contexto possibilitou a coleta de novas informações acerca do sistema educacional do país, a serem exploradas no quarto capítulo.

Seguindo para questões que envolvem o processo migratório, fala que o Brasil não foi sua primeira opção de país para migrar, imaginava que iria para França ou Canadá. Mas em 2011, teve a chance de fazer um intercâmbio a partir do Pró-Haiti, mais uma política migratória do Brasil. Implementado em 2010, o programa possibilitou a vinda de dezenas de haitianos para a realização de cursos em instituições de ensino superior (VANZIN; WERMUTH; AGNOLETTI, 2019). Quando é feita a pergunta “o que você sabia sobre o Brasil antes de migrar?”, Jean responde:

Antes de viajar eu só sabia que o Brasil era um país de futebol, de samba, de carnaval. Essa coisa cultural eu sabia, e como eu estudava economia só sabia que era um país, é... economicamente crescendo na América Latina. Porque em 2009, 2010, o professor de economia estava falando bem do Brasil, como uma economia em desenvolvimento, essas coisas. Mas eu não sabia tanta coisa, nem sabia qual língua o Brasil falava, sabe? (ROSIER, 2022)

A fala de Jean explicita alguns dos pontos colocados no primeiro capítulo, acerca das motivações que direcionaram o início de um fluxo migratório para o Brasil. Não só ele, como também outros dois entrevistados citam os aspectos culturais, principalmente aqueles que marcam um estereótipo sobre o país sul-americano. Futebol e carnaval são citados unanimemente. Jean argumenta, inclusive, que os haitianos decoram mais suas casas que os brasileiros para torcer para o time do Brasil durante os anos de Copa do Mundo. Esse fator acaba por criar aquilo que Neto (2018) e Joseph (2017) defendem como um imaginário sobre o Brasil. Jean ressalta também a economia brasileira em emergência, e que sabia disso por conta de sua aproximação com o campo de estudos econômicos.

Eu não tive tanta coisa, eu nem cheguei a localizar no mapa porque, é... eu acho que eu não pesquisei também porque até 2010, tem questões de estruturas, né?! Que a gente não tem acesso a internet, foi uma coisa bem difícil. Acesso à biblioteca, foi bem difícil. Você depende dos professores para imprimir, passar PDF, dar cópias... então você acaba não se tornando pesquisador meio independente. Você acaba sendo

meio dependente do que os professores passavam pra você. Então, de forma geral é isso que eu... porque os haitianos são torcedores da equipe brasileira. Daí é bem interessante, tava aqui, eu falei que os haitianos decoram suas casas melhor que os brasileiros quando tem jogos, né, tipo, roupas, as casas deles. Então eles são torcedores do Brasil, muito. E, também, com a ONU no Haiti eu via os brasileiros, mas nunca tive um contato com o Brasil nesse sentido. (ROSIER, 2022)

A entrevista com Jean tem uma particularidade - ele costuma contextualizar as suas memórias. Quando fala sobre religião, contextualiza historicamente o porquê da intolerância religiosa de sua família. Quando fala sobre o conhecimento prévio acerca do Brasil, acha importante dizer que não tinha uma noção aprofundada por conta das carências estruturais do país caribenho. E isso muito se relaciona com o fato de o entrevistado estar intimamente ligado ao ambiente acadêmico. Ou seja, vai ao encontro com o que Halbwachs (1990), Pollak (1992) e Bosi (1994) explicam sobre as dinâmicas e os novos ambientes do presente ressignificando as memórias.

Jean reconhece a sua limitação de conhecimento sobre o Brasil na época em que viajou. Mas compreende também os motivos dessa limitação. Nesta fala, enfatiza a falta de infraestrutura disponível para a distribuição de conhecimento no Haiti, e menciona especificamente a falta de acesso a bibliotecas e à internet. Por último, ele fala sobre a presença dos brasileiros em solo haitiano por meio da MINUSTAH. Antes de migrar, portanto, Jean conheceu o Brasil a partir de três formas em que o país se fez presente no Haiti: a presença cultural, representada em sua fala pelos elementos do samba, carnaval e futebol; a presença militar, pelo contato, mesmo que indireto, com os brasileiros que integravam a Missão; e a presença brasileira a partir de sua política externa migratória, notadamente o programa Pró-Haiti, que viabilizou sua migração para o país.

Já no Brasil, foi a partir da solicitação de permanência que Jean conseguiu continuar sua formação no país para além do intercâmbio, e hoje desenvolve seu doutorado no curso de Relações Internacionais da UFSC. Ele explica que sua intenção desde o início era a de se formar e retornar para seu país, para que dessa forma pudesse auxiliar na reconstrução dele. Todavia, as mudanças políticas, tanto no Haiti como no Brasil, fizeram com que a volta ficasse em segundo plano. Há onze anos no Brasil, Jean estabeleceu uma vida aqui. Casou-se com uma brasileira e hoje não pretende retornar, mas não descarta a opção caso surja alguma oportunidade. Sobre seu processo de vinda, Jean fala da facilidade, já que o governo federal ficou responsável por todo o trajeto:

[...] a chegada no Brasil, por ser um processo de intercâmbio, então foi um processo bem tranquilo, sabe? A gente não se preocupou com nada. Foi o governo do Brasil que tomou a frente, que organizou tudo. Então desde no aeroporto do Haiti, tinha pessoas nos recepcionando, pessoas do Brasil, sabe? Que falavam francês. A gente chegou, a primeira escala foi Panamá, alguém do MEC nos recebeu no Panamá, nos

dando orientação em qual porta que a gente vai ficar. A gente chegou em São Paulo, a mesma coisa, já tava tendo pessoas... houve uma boa organização para nos receber, para nos acolher aqui no Brasil. (ROSIER, 2022)

Assim como outros tantos haitianos e haitianas, ele entrou no país a partir de um programa do Governo Federal do Brasil, direcionado à formação dos migrantes para a reconstrução do Haiti após o abalo sísmico de 2010. Essa política é resultado das relações estabelecidas entre os dois países ao longo dos anos 2000. Nesse momento é importante frisar que Jean, que traz o primeiro relato da experiência migratória que tivemos a chance de ouvir, teve uma trajetória privilegiada de migração para o Brasil. Ao longo das entrevistas percebemos o quanto as trajetórias dos migrantes foram diferentes entre si, únicas e singulares em suas complexidades. O deslocamento de Jean foi acompanhado integralmente pelo Estado, que demonstrou esforços, inclusive, para garantir a acessibilidade quando se preocupou pela tradução do idioma durante o percurso. E essa não é a realidade de grande parte das histórias de migração.

Jean, portanto, veio ao Brasil para estudar. Durante todo o seu percurso acadêmico buscou realizar pesquisas que envolvessem seu país de origem. Ele dá ênfase no projeto inicial que contava com o objetivo de implementar uma universidade no sul do Haiti

E depois eu acabei prosseguindo com o mestrado porque durante a graduação a gente começou a trabalhar um projeto de universidade desenvolvimento do Haiti. A gente tava na graduação mas a gente já começou este projeto, de montar um projeto no Sul do Haiti, porque a gente tem uma centralização das universidades, das instituições do Estado, tudo concentrado na capital, no oeste. Daí a gente queria criar uma universidade no Sul, onde eu nasci e onde grande parte dos estudantes que tavam no grupo nasceram também [...]. E veio essa ideia de descentralização da universidade. E na graduação a gente começou a fazer essa pesquisa e junto com o Programa de Pós-Graduação da Administração na UFSC [...]. (ROSIER, 2022)

Ele conta que a intenção dos graduandos envolvidos no projeto era a de regressar ao Haiti para contribuir com a reconstrução do país. Entretanto, com as mudanças políticas tanto no Haiti quanto no Brasil, não foi possível dar seguimento ao projeto.

Cursando doutorado na UFSC, pretendia abordar a contribuição caribenha na formulação das teorias das Relações Internacionais na sua tese. Ele relatou que a princípio não desejava falar sobre o Haiti nem mesmo no TCC, mas que foi convencido pelos professores que o acompanhavam: *“Eu não queria fazer o TCC sobre o Haiti, mas eu tive mentores bem interessantes que me incentivaram a pesquisar sobre o Haiti. Eu não me arrependi, mas em doutorado eu não queria falar sobre Haiti, por ser um peso muito, muito, muito forte falar sobre seu país, ler essas coisas sobre seu país, entender essas histórias”* (ROSIER, 2022). O peso ao que o pesquisador se refere parece ter ligação com o seu afeto por seu país de origem, comenta que *“por mais que é interessante entender, mas dói entender, dói descobrir certas*

coisas. E eu queria algo prazeroso, né, estudando, pesquisando. Mas isso se torna um peso” (ROSIER, 2022). Nessa fala ele reconhece o processo de transformação das memórias históricas que guarda de seu país, o que acontece a partir de suas novas pesquisas e estudos.

No Brasil, Jean atuou no CRAI no curto período de tempo em que a instituição funcionou. Acreditava que trabalhando no Centro contribuiria de alguma forma para o desenvolvimento do seu país de origem, tendo em vista que cerca de 75% dos migrantes atendidos foram haitianos. Jean também trabalhou no Cáritas, instituição católica que realiza programas de assistência social, e foi secretário da Associação de Estudantes Haitianos da UFSC. Participou, também, como voluntário no Núcleo de Pesquisa EIRENÊ. Estar inserido nesses ambientes exerce um grande peso na forma como recorda de seus próprios processos. Passar seu cotidiano imerso no estudo e no trabalho com o contexto migratório faz com que entenda muito sobre o assunto e construa uma valiosa carga teórica e experiencial.

Percebe-se que, ao longo de toda a sua entrevista, Jean dá um grande foco na sua vida acadêmica e em seus estudos. Como é bolsista no doutorado, consegue também se dedicar em tempo integral à sua pesquisa. É nitidamente visível como ser um intelectual acadêmico exerce notória influência nas suas visões de mundo e, em como vê hoje, não só o passado haitiano, como seu próprio passado.

2.2. CLEFAUDE ESTIMABLE

Clefaude, que diz preferir que o chame de Clef, foi o segundo entrevistado desta pesquisa. Assim como com Jean, foram realizados dois encontros, sendo o primeiro deles *online*. A conversa também aconteceu na sala do PET História. Das quatro entrevistas, essa foi a única que Guilherme não esteve presente, e também foi a entrevista mais curta, totalizando quarenta minutos.

Clef tem 38 anos e vive no Brasil desde outubro de 2015. Nasceu em uma cidade chamada Mont-Organisé, interior do Haiti, próxima à fronteira com a República Dominicana. Relembra da sua infância como um momento muito agradável de sua vida, e traz a natureza como um dos principais elementos em sua fala: *“a minha infância foi muito divertida. Eu não conhecia tristeza nem... olha, eu nasci no interior do interior do Haiti, né. Entre a fronteira entre Haiti e República Dominicana, como a minha família trabalhava no sítio onde tinha muita vegetação, rio*” (ESTIMABLE, 2022). Ecléa Bosi (1994; 2003) discorre sobre as memórias do primeiro lar que, muitas vezes, surgem no presente carregadas de afeto. Assim como relembra do espaço físico onde passou os primeiros anos da sua vida como um lugar

muito harmonioso, ele fala também de seu contexto familiar com muito apreço, “*era muito bom porque desde a minha infância eu brincava muito com meus primos e amigos dominicanos, andava a cavalo, tinha cachorro. Foi uma vida muito boa. Eu acho que depois, obviamente, fui até na cidade para estudar, mas sempre nas férias eu voltava porque o ambiente era agradável de viver*” (ESTIMABLE, 2022). Sobre sua família, explica que possui um irmão e duas irmãs. Sua mãe ainda é viva e seu pai faleceu no ano de 2019, quando Clef viajou para visitá-los:

Minha mãe vive ainda, meu pai faleceu em 2019, depois de um AVC, ele faleceu no meu braço, eu consegui chegar lá para abraçá-lo depois de falecer. Mas a minha família é muito unida, uma família cristã, católica. E aprendi muito na família, o aspecto social. Para ter uma ideia, meu pai criou 35 crianças que eram filhos dele, crianças que não tinham pai, crianças órfãs que não tinham onde morar, na ausência do Estado, e tinha sempre alguém na cidade que tomava responsabilidade dessas crianças. (ESTIMABLE, 2022)

A história de vida do pai de Clef parece ter tido uma significativa influência no trabalho que este veio a desempenhar na sua juventude e vida adulta. Surge nas falas do entrevistado quase como um legado geracional. No seu caso, a primeira memória construída, aquela do lar e do apego, construiu uma visão social muito marcante, que definiu as escolhas que o entrevistado fez durante sua trajetória de vida. Ele conta que trabalhou com questões sociais e foi liderança juvenil, se dedicando à formação de outros jovens: “*eu tive oportunidade de viajar por todo Haiti, ir lá receber formação e depois ia distribuir na cidade mais isolada da capital. Onde o Estado não conseguia chegar, a Igreja chegava lá*” (ESTIMABLE, 2022). Esse contato com a igreja católica contribuiu com a sua formação. Concluiu o ensino fundamental e secundário em uma escola católica, após isso cursou o primeiro ano do curso de direito. Acabou por conseguir uma bolsa de estudos para estudar ciências sociais e religiosas no México em 2006. Essa formação, junto com o restante do trabalho social que exerceu, o possibilitou conhecer diferentes partes do Haiti e viajar por vários outros países representando a instituição internacional Focolares: México, Itália, Suíça, Bélgica e agora Brasil. Diferente de Jean, primeiro sujeito apresentado, ele conta que veio para o Brasil a convite de um amigo brasileiro que conheceu na Itália:

Eu coordenava um projeto em toda a América Latina, sobre educação territorial das crianças, o projeto se chama Live in Peace, onde a gente trabalha com crianças contra a violência. E naquele momento chegava muitos haitianos desde 2010, final de 2010 chegava muitos haitianos no Brasil, tinha dificuldade para se comunicar, tanto na universidade quanto nas pastorais que trabalham como imigrante, como também na secretaria de assistência social. (ESTIMABLE, 2022)

Nesta passagem, Clef destaca que sua vinda para o país foi motivada pela intensificação do fluxo migratório Haiti-Brasil a partir de 2010, assunto já desenvolvido no primeiro capítulo. O país sul-americano entrou no mapa como possível destino para os haitianos e passou a chamar

atenção não apenas daqueles que buscavam melhores condições de vida, como também dos profissionais que trabalham na área social, ligados à acessibilidade, acolhimento, assistência, entre outras capacitações. Clef foi um desses profissionais:

Aí eu conhecia um amigo brasileiro com quem estudava na Itália [...]. E disse “ah, você não gostaria de vim ao Brasil? Assim você consegue estudar e exercer esse trabalho”. Aí eu estava entrando na Universidade UNAM, no México, uma das maiores universidades na América Latina, aí eu tranquei, eu vim ao Brasil. Tanto para exercer essa função de mediação cultural e intérprete como também para continuar a estudar uma carreira que gostaria. E para mim foi muito importante porque tinha oito anos [que eu] não tinha contato com nenhum haitiano. Aí ao chegar aqui, um reencontro com a população haitiana e estender o meu trabalho mais longe. (ESTIMABLE, 2022)

O contexto da forte onda migratória vinda do Haiti para o Brasil também fez com que Clefaude saísse do México em direção ao país sul-americano, mas com motivações diferentes das de Jean. Viu a viagem como uma chance de continuidade de seu trabalho social e como um reencontro com seus conterrâneos.

Ao ler os relatos de pessoas migrantes, é importante manter em mente que a mobilidade é algo que marca de maneira profunda suas identidades. Conforme mencionado anteriormente, para Michael Pollak (1992) o aspecto físico, dos espaços e das fronteiras, surge como um dos elementos constitutivos da memória. Para Halbwachs (1990) e Bosi (1994), para manter-se firme a memória precisa de uma base material a que possa recorrer e manter-se viva. Trago isso no momento que referencio a entrevista com Clef pois sua história com a migração inicia-se muito antes do Brasil. No entanto, vivenciar a mobilidade em suas mais diversas motivações é algo que, de forma inevitável, marca a identidade dos sujeitos e todos os entrevistados que experienciaram o processo migratório, cada um deles dentro de suas especificidades.

No momento desta entrevista, Clef trabalha como mediador cultural em uma organização chamada Círculos de Hospitalidade, localizada no Saco Grande, em Florianópolis. O espaço realiza projetos que visam a integração das comunidades migrantes da cidade. Além disso, já coordenou um projeto presente em toda América Latina, chamado *Live in Peace*, que almejava o desenvolvimento da educação territorial de crianças. Como já citado, ele fala que, no Haiti, seu pai cuidava de crianças que não tinham família. Fala que no ambiente familiar a questão social sempre foi muito importante, o que o influenciou a continuar esse trabalho, associado à Igreja Católica. No Brasil continuou sua formação cursando psicologia pela UNISUL - Universidade do Sul de Santa Catarina.

Sobre a imagem que tinha do Brasil antes de chegar, relata que conhecia o país pelas informações transmitidas pela mídia:

Antes eu conheci um Brasil elite. Um Brasil sem essa pobreza, sem essa violência, sem essa discriminação... racial, é... de gênero. Porque eu conheci o Brasil através

da TV, onde se passava carnaval, futebol, que sou fã do Brasil desde criança. Aí você acaba consumindo pela mídia, mas ao chegar eu conheci outro Brasil, né. A estudar história um pouco, a cultura que eu trabalho exige que eu vou percorrer o Brasil todo para saber cada estado, cada povo, sua cultura específica. Aí para mim foi um choque, né? (ESTIMABLE, 2022)

É interessante como Clef cita os exatos mesmos elementos culturais que Jean, mas começa sua fala de maneira distinta. Ele já começa comparando com o Brasil que conheceu após sua chegada, citando os fatores discriminatórios de raça e de gênero. Diz que foi um choque quando se deparou com o “*outro Brasil*” (ESTIMABLE, 2022), e essa disparidade tem a ver com a quebra de expectativa relacionada ao imaginário criado sobre o país no Haiti. Assim como Clef, Jean também fala sobre a desigualdade racial no Brasil, mas somente quando perguntado acerca dos aspectos que não gosta no país:

[...] uma única coisa que eu não gosto no Brasil, eu acho como negro, que é o racismo. Eu diria é isso só. Eu não teria outras coisas, porque todo o meu medo de não ficar no Brasil sempre foi a questão racial, sabe? Isso foi a única coisa que sempre me leva a não ver o meu futuro no Brasil. Eu acho que de forma geral, do resto o Brasil é um país lindo, maravilhoso. Com suas dificuldades, com suas múltiplas dificuldades como qualquer outro país, né? (ROSIER, 2022)

A abordagem de Clef é diferente, já que logo na primeira oportunidade de falar do Brasil ele decide destacar os aspectos sociais de desigualdade que encontrou no país. É importante citar, também, que ambos trazem a questão racial, já que experienciar o Brasil é também experienciar o racismo, realidade que contrapõe a vida e rotina que tinham no Haiti. É a partir da migração que ambos passam a conhecer a face cotidiana do racismo, já que o país caribenho é formado majoritariamente por pessoas negras.

Quanto ao seu processo de entrada no país, Clef não deu muitos detalhes, mas explicou que “[...] foi tranquilo, foi com visto normal. Eu tenho um visto que valia por vários países, [...], daí não tinha problema pra entrar aqui” (ESTIMABLE, 2022). Clef já contava com a experiência de ter feito diferentes viagens, o que facilitou sua entrada, tendo os documentos e o visto necessários.

Aqui no Brasil, o haitiano afirma que seu intuito é contribuir “*para melhorar o serviço que estão dando aos imigrantes*” (ESTIMABLE, 2022). Ao longo de toda a entrevista valoriza o trabalho que exerce e reconhece a importância da sua primeira formação, fator que será melhor explorado no próximo capítulo. Um dos detalhes para o qual eu gostaria de chamar atenção sobre a entrevista com Clef é a roupa que estava vestindo. Ele usava uma camiseta com os dizeres “Somos todos migrantes”, do Grupo de Apoio ao Imigrante e Refugiado do Oeste de Santa Catarina (GAIROSC). O entrevistado é consciente de sua posição, assim como é consciente da importância do serviço que presta, o que fica nítido durante a entrevista. Ser

migrante e trabalhar em serviços que envolvem a migração é parte fundamental de sua identidade.

2.3. OLITH BENJAMIN

Benjamin foi o único entrevistado com quem se realizou encontro apenas uma vez por conta de sua agenda. Ele concordou em ir até a UFSC, mas nesse dia não foi possível utilizar a sala do PET História. Foi um dia de grande fluxo no trânsito em torno da Universidade. Quando Benjamin chegou, o prédio onde se localiza a sala já se encontrava fora do horário de funcionamento. Portanto, foi utilizada uma sala de aula para realizar a entrevista.

A história de Benjamin, que tem 40 anos, é, ainda, bem diferente das anteriores. Nasceu no Haiti, em um povoado chamado Mirebalais, localizado no centro-oeste do país. Após seu quarto ano de idade, mudou-se com sua família para a capital, Porto Príncipe. Ao falar sobre sua infância e seus pais, Benjamin se emociona. Explica que nasceu durante a ditadura e sua infância foi marcada pelo trabalho a fim de ajudar a família, que passava por dificuldades sociais, “[...] *é, a minha infância foi uma infância muito marcada. Eu acho a infância dos haitianos muito marcado, porque a gente nascemos com muita dificuldade. Dificuldade social. 86 o ditador acaba de perder o poder. Então eu nasci bem na ditadura. Então meu pai não tinha tanta saída*” (BENJAMIN, 2022). Cabe visualizar com atenção essa fala do entrevistado. Ele contextualiza historicamente o período em que viveu sua juventude, misturando a memória histórica do período com o que guarda de mais profundo de sua infância. Bosi afirma que:

A lembrança de certos momentos públicos (guerras, revoluções, greves...) [no caso específico de Benjamin, a ditadura da família Duvalier] pode ir além da leitura ideológica que eles provocam na pessoa que os recorda. Há um modo de viver os fatos da história, um modo de sofrê-los na carne que os torna indelévels e os mistura com o cotidiano, a tal ponto que já não seria fácil distinguir a memória histórica da memória familiar e pessoal. (1993, p. 464)

Nessa perspectiva, lança-se olhar para o valor emocional e subjetivo desses eventos específicos na construção identitária de sujeitos e grupos sociais. A partir dessa leitura de Bosi, é possível compreender que determinados acontecimentos históricos têm a potencialidade de marcar profundamente a vida de seus contemporâneos, de maneira que lembrá-los é lembrar também de suas experiências cotidianas e vice-versa. É importante, ainda, destacar que o que já foi dito acerca do testemunho do primeiro entrevistado, Jean, acerca da construção posterior das memórias de infância, também se aplica para Benjamin, que tinha entre quatro e cinco anos na data citada por ele, 1986. É evidente que a associação que faz do período ditatorial com sua

infância foi, em grande medida, elaborada na posterioridade, o que não diminui a validade de seu relato e sua dimensão sensível.

Benjamin relembra que a partir de seus dez anos começou a ajudar sua mãe a carregar sacos na cabeça e em meio às memórias da infância surgem lágrimas e a ligação com o tempo presente: *“Então eu começo a trabalhar desde dez anos, ajudar a mãe no mercado pra sair de manhã pra comer a noite. Até hoje tá assim, infelizmente, até hoje tá assim. E hoje mesmo eu senti uma dor muito grande. Essa infância marcou a vida, me desculpa”* (BENJAMIN, 2022). O momento em que pede desculpas é quando seus olhos marejam, então ele pega um lenço no bolso para secá-los. Ele afirma que, no mesmo dia da entrevista, cogitou voltar para o Haiti ao ver o sofrimento dos seus pais:

Eu vi meu pai que tá no Haiti ainda hoje e... eu queria voltar. Eu falei pra minha esposa hoje, eu ia voltar pro Haiti, porque... as pessoas querem ter propósito na vida, e você vê essas pessoas na miséria, as pessoas estão morrendo ainda pouco. E... é triste ver esta situação. Mas, a minha infância foi marcada, de ver meu pai dar tudo pra mim. E pai sempre saía de manhã pra gente comer a noite, e até hoje ele tá assim. E eu falei com ele sexta-feira, eu tenho vinte anos sem ver meus pais, então é muita crueldade. (BENJAMIN, 2022)

Em diferentes momentos o entrevistado afirma ter tido uma infância marcada pelas dificuldades e pelo trabalho, *“Eu não tive infância. Só eu sobrevivi como criança, mas infância de brincar, de escolher, não tivemos. E muitos deles hoje não têm. É isso”* (BENJAMIN, 2022). Ressalta as adversidades que sua família enfrenta até hoje para sobreviver. Conta que dos sete filhos que seus pais tiveram, atualmente são vivos apenas ele e um irmão, que mora no Chile. Ao ser perguntado se continua mantendo contato com seus pais, que permanecem no Haiti, Benjamin explica que se distanciou para evitar a dor, já que *“pela tristeza eu não trato de conversar muito. Mas se fosse por mim eu conversaria todo dia, mas pra conviver um pouco distanciado dessa tristeza, eu demoro muitas vezes dois, três meses pra conversar com meus pais”* (BENJAMIN, 2022). Esse é, particularmente, um momento delicado da entrevista já que o narrador compartilha algo muito íntimo e demonstra certa vulnerabilidade. Como uma primeira experiência com pesquisa a partir da metodologia de História Oral, se descobre que o caminho que se abre a partir da fala de um sujeito é também uma chance do pesquisador criar suas próprias memórias, como defende Walter Benjamin, *“O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”* (1994, p. 201). A relação de Olith Benjamin com a família é, particularmente, um assunto complexo ao qual lança-se uma atenção especial ao longo desta apresentação.

Assim como Clef, a história de Benjamin com a migração se inicia antes do Brasil. Aos 22 anos, migrou para a República Dominicana, onde formou sua família: conheceu sua esposa, também haitiana, e teve dois filhos. Conta que a vida que levava na República não era fácil, pois existiam certos entraves entre dominicanos e haitianos:

Então pela situação que... entre dominicano e haitiano não se dá bem, por questão de convivência mesmo, cultural, e... não se reconhece muito os haitiano na República Dominicana. A gente vive mas não tem uma lei migratória olhando pra nós. Então... tenho dois filho lá que não têm documento, eu tive a obrigação de sair de República Dominicana. (BENJAMIN, 2022)

Em 2013, frente a essas complicações culturais e burocráticas, pensando em dar um futuro melhor para os seus filhos, com acesso à educação e uma melhor qualidade de vida, Benjamin veio para o Brasil:

Como eu não consegui voltar pro Haiti, eu procurava um país que eu poderia estar e trazer meus filho que eles poderia ter pelo menos um reconhecimento pra poder estudar. Então eu escolhi o Brasil em 2013, e felizmente me cumpri essa necessidade, de poder estar aqui, de sentir parte dos brasileiros e segurança para meus filho, que também têm o direito de estudar, o direito é ser parte da humanidade. (BENJAMIN, 2022)

O entrevistado coloca a perspectiva de melhora na qualidade de vida de seus filhos como uma motivação para sua vinda. Entretanto, entre a data de sua chegada e a de sua esposa e seus filhos, passaram-se três anos. Somente após três longos anos Benjamin conseguiu concluir o objetivo de trazê-los consigo. Mas antes de abordar esse tema, volta-se aqui para a sua experiência migratória para que possa estabelecer uma ordem cronológica coerente.

Antes de vir, conheceu o país através dos aspectos culturais, assim como os dois primeiros entrevistados. Comenta sobre as similaridades entre Haiti e Brasil, o amor pelo futebol, pelo carnaval, e fala que “*contar a cultura dos haitianos é como fazer o brasileiro reviver a própria cultura*” (BENJAMIN, 2022). Mas afirma que desde 2004, com a presença das forças armadas brasileiras no Haiti, a relação entre os países permitiu que ambos se conhecessem melhor, mas somente nas esferas burocráticas e diplomáticas “[...] *Chegou um presidente, Jean-Bertrand Aristide, que foi derrotado 2004 e Brasil tive que ir lá, comandado pela ONU. [...] Aí começamos a entender Brasil, mas é partir da burocracia, Itamarati, essas coisa*” (BENJAMIN, 2022).

Na data da entrevista, relata as dificuldades que enfrentou no processo de vinda. Ao chegar no país, ficou cerca de 30 dias em um ginásio superlotado, aguardando o atendimento da polícia federal:

[...] eu fiquei trinta dia dormindo no chão lá no ginásio, colchão. Eu peguei o carnaval, eu cheguei no fevereiro. Peguei o carnaval lá no Acre, [...] eles fecham tudo. Então a polícia federal não trabalhou. Eu tive que esperar o carnaval passar,

são 30 dia no refúgio, sem comida, sem água, e... enfim. Passei trabalho. (BENJAMIN, 2022)

Conta também que recebeu poucas informações sobre o sul do país e o estado de Santa Catarina enquanto esteve nesse ginásio, já que não havia um trabalho concreto de direcionamento ou assistência. Sendo assim, resolveu se “*aventurar*”, enfrentando cinco dias de viagem de ônibus até o sul do país. Como dito, Benjamin só conseguiu trazer sua família para o Brasil três anos depois de sua chegada, “*a vinda da minha família é outra parte triste da minha vida, fiquei três ano sem ele, 2013 até 2015*” (BENJAMIN, 2022). Ele revela que o que possibilitou a vinda dos três foi um antigo patrão, “*toda a concessão de visto foi feito no Haiti, e eles vem do Haiti direto para o Brasil. Então tive ajuda do patrão, me ajudou com despesa, né?!*” (BENJAMIN, 2022).

É evidente que o imaginário que possuía sobre o Brasil seria modificado após sua experiência com a migração. No primeiro momento, se arrependeu de sua decisão de migrar para o país. Que a imagem que havia criado, relacionada a ideia construída sobre o acolhimento brasileiro, foi quebrada logo que chegou:

Cheguei no Brasil e me arrependi nos primeiros dias. Porque eu não esperava o Brasil não ter um olhar para os imigrantes. Até hoje o Brasil não tem uma plataforma para os imigrantes. Eu me decepcionei uma parte, de chegar no Brasil e ver que eu mesmo vou ter que tentar entender o Brasil. Ou seja, não tivemos acompanhamento do governo brasileiro, no sentido, vamos lá... um acampamento, idioma, direção... não tivemos esse acompanhamento. Aliás, o Brasil tinha a embaixada no Haiti, concessão de visto, mas a pessoa chegar no Brasil vai ter que se aventurar para fazer a vida.[...] No primeiro, a recepção foi toda fora da mão. (BENJAMIN, 2022)

Ele reclama, portanto, da falta de uma estrutura não só física, mas de recepção e direcionamento para os migrantes. Como um país que emergia economicamente no período, Benjamin afirma não ter reconhecido essa riqueza quando chegou:

Como o Brasil é um país rico, [...], na época eu acho que terceiro ou quarto país na economia, uma coisa assim. Não vimos essa riqueza. Falando de Brasil por fora, é um Brasil lindo, o Brasil todo funciona. Mas chegar dentro desse Brasil não é assim, e até hoje o Brasil nem todo funciona. [...] A gente olha o Brasil que quando tava no Haiti era um Brasil rico, um Brasil que eu vou [me] dar bem, um Brasil que eu vou trabalhar e eu vou ter retorno, mas não é assim. Então... isso não é só comigo ou com estrangeiro, o Brasil tem esse problema social em comum. De o Brasil que a gente fala, Estados Unidos fala, França fala, Brasil bonito lá, Rio de Janeiro, Carnaval. E quando você chega aqui pra viver aqui, você vê, você é sugado. (BENJAMIN, 2022)

As falas de Benjamin deixam explícito o contraste entre a “propaganda” feita sobre o Brasil no Haiti e a realidade com que os migrantes se deparam logo que colocam seus pés em território brasileiro. No caso dele, a mudança de percepção e a sensação de arrependimento foi imediata, visto a dificuldade enfrentada nos primeiros dias diante do desconhecido, que se expressa durante as falas do entrevistado quando usa o verbo “*aventurar*”. Benjamin embarcou em uma aventura. Escolheu Santa Catarina porque conseguiu fisgar algumas informações sobre

o estado durante a fala de uma “menina” que os auxiliava no alojamento no Acre, visto que não havia nenhum tipo de tradutor, as informações eram escassas. Fica nítida aqui a contraposição entre as experiências migratórias de Jean e Clefaude. Jean afirma a presença de tradutores quando da recepção dele e dos outros estudantes do programa Pró-Haiti, enquanto na passagem de Benjamin pela fronteira entre Brasil e Bolívia não existia alguém para realizar esse trabalho. Ele reclama da falta de auxílio por parte do Estado, que contraria a imagem construída de país receptor, indo ao encontro com o que Magalhães (2017) e Neto (2018) chamam de criação de um movimento migratório de dependência. Como visto anteriormente, esse choque de realidade transparece também nas falas dos outros entrevistados, que reclamam da desigualdade social e do racismo que reconheceram ao chegar no país.

Sobre seu trabalho, Benjamin realiza algo diferente dos outros sujeitos. Narra que no Haiti estudou até o ensino secundário e, posteriormente, enquanto viveu na República Dominicana estudou aconselhamento familiar e teologia. A partir disso, passou a trabalhar na igreja, ensinando sobre educação sexual para as meninas. Aqui no Brasil não conseguiu seguir desenvolvendo esse trabalho, hoje tem a jardinagem como ocupação. Mesmo assim, decidiu criar uma página no *Facebook*, chamada “Ajuda para Imigrantes”, que hoje administra em conjunto com sua esposa. Criou a página com o intuito de conscientizar os migrantes, em sua maioria haitianos, sobre seus direitos, tanto relacionados à migração, quanto a leis voltadas para a população geral, como um exemplo ele cita a lei Maria da Penha:

[...] eu tive muitas oportunidade aqui no Brasil, tive o trabalho caseiro, e com contato de classe alta, pessoa advogado, pessoa que já é médico. Então eu tive um pouco de educação, que não é compartilhado com os haitiano que pega um emprego num restaurante, com haitiano que pega um emprego na construção civil... que ele não tem muitas informações. Então eu, como eu tive muitas informações, por estar perto de gente de classe um pouco alta, então senti de passar para ele. Então aí vem a ideia de construir essa página de Facebook, de começar mostrar pra ele. Por exemplo, mulher existe Maria da Penha, lei trabalhista. Porque eu tive contato com patrão que eles me ensina tudo isso. Meu patrão, que é o chefe da chácara, ele me explicava tudo direitinho, ele falava pra mim da legislação, do meu direito. Então eu senti que os haitiano não ia ter essa oportunidade. (BENJAMIN, 2022)

Ele pensava, também, que a página seria importante para alertar os haitianos sobre possíveis golpes no processo da migração. Comenta que, por conta de seu trabalho com a jardinagem, teve a oportunidade de conhecer pessoas formadas em direito, medicina e outras áreas de prestígio e conhecimento. Aprendendo com elas, achou importante disseminar as informações que recebia. A página acumula mais de vinte mil curtidas.

O que se destaca em sua entrevista é a relação que estabelece com sua família. Benjamin fala sobre como o trajeto até chegar em Florianópolis foi difícil, e que não voltaria a fazer. Mas o motivo pelo qual não se arrepende é a sua família: “Então é um processo muito, muito cruel.

E... lembrança que... hoje eu fico feliz de ter feito todo esse trajeto pela família. Mas eu não voltaria a fazer. Agora pela a família eu faço mais!” (BENJAMIN, 2022). Conforme já mencionado, ele aponta que viver durante três anos longe de sua esposa e seus dois filhos, tempo que levou para conseguir trazê-los para o Brasil, foi um período muito doloroso de sua vida. Depois de chegar ao país, a família cresceu. Benjamin e sua esposa tiveram uma filha brasileira, da qual o entrevistado fala com muita alegria e orgulho, *“até quando eu cheguei aqui eu falei pra minha esposa ‘eu quero uma brasileira’, ‘eu quero uma filha brasileira’, mas brinquei e saiu uma brasileira mesmo, e bonita brasileira”* (BENJAMIN, 2022). Por mais que seus pais tenham ficado no Haiti e esse seja um motivo de angústia para o entrevistado, poder ter trazido seus filhos para o Brasil e trabalhar na manutenção de sua família é algo que o realiza e faz todo o caminho até o momento ter valido a pena.

2.4. WISLY JULES

Para finalizar as apresentações, apresenta-se aqui Wisly Jules, quarto e último haitiano entrevistado. Este encontro, diferente de todos os anteriores, não foi realizado na UFSC. Ele disponibilizou o espaço do CAISC para a realização, dessa forma seria mais fácil conciliar com sua rotina. Foram realizadas duas conversas com ele: na primeira com relação ao seu trabalho no CAISC e, na segunda, a conversa para esta pesquisa. Ou seja, a primeira entrevista realizada não foi utilizada aqui. É importante citar também que o período de tempo entre o primeiro e o segundo encontro foi longo, um intervalo de cerca de seis meses.

Wisly, de 30 anos, explica que nasceu e cresceu em Gonaïves, capital do estado de Artibonite, estudou e trabalhou na cidade. Ao ser perguntado sobre as lembranças de sua infância, ressalta a diferença cultural entre as brincadeiras das crianças no Haiti e no Brasil, diz que *“lá como a cultura é bem diferente tem lembrança sim, bastante coisa. De criança... porque lá os tipos de jogos que as crianças fazem são bem diferentes que aqui. [...] A comida típica do país. Como criança, as formas que eles brincam lá... é bem diferente daqui”* (JULES, 2022). Neste momento ele não traz muitos elementos sobre o espaço físico onde cresceu, como faz Clef, ou sobre o contexto socioeconômico, como fazem Jean e Benjamin. O que muda quando fala, por exemplo, da ocupação dos seus pais. O entrevistado conta que nasceu em uma família de agricultores, e a forma que nos transmite essa informação torna perceptível a visão crítica que estabelece em relação à história e à atualidade de seu país:

Eles trabalham com plantação de milho, arroz, feijão. Eles fazem tudo lá. Só que hoje em dia a situação sempre tem aquela interferência do internacional. Até as produções nacionais. [...] Hoje em dia, por exemplo meu pai, até na produção nacional tem uma

mudança. E... eu posso dizer, a produção do país mesmo não consegue sustentar todos os haitianos que estão lá. Por isso o país tá dependendo quase, não posso dizer 100%, do internacional. É triste mas é uma coisa que posso falar porque tá na internet. No caso, eu posso esconder mas quem está lá na internet vai encontrar tudo porque hoje em dia não tem segredo nesse sentido não. (JULES, 2022)

Ainda sobre sua família, relata que tem uma irmã e três irmãos, sendo dois deles gêmeos e ele mesmo tendo um irmão gêmeo. Comenta que apenas um de seus irmãos continua no Haiti, assim como seus pais. Os demais vieram, como ele, para o Brasil. Apesar de não desenvolver muito sobre, afirma que mantém contato de forma recorrente com seus familiares e amigos, tanto os que vieram para o Brasil quanto os que continuam no Haiti.

Wisly saiu de seu país de origem aos 22 anos. Antes disso, conta que trabalhou como professor de música em uma escola particular, em que dava aulas de piano e violão. Além dessa carreira, começou a cursar graduação em direito no Haiti, mas logo viu a oportunidade de migrar para o Brasil. Comenta que conhecia muito pouco sobre o país antes da viagem: sabia qual era sua capital e alguns dos pontos turísticos. Diz ainda que o país não chamava tanto sua atenção antes do terremoto, mas que após 2010 começou a considerar a migração:

Quando o Brasil começou a chamar minha atenção? Depois do terremoto. Depois do terremoto o país Haiti passou por situação difícil, sabe? É... a situação econômica do país e também algumas coisas que tem a ver com a cultura do país, porque o terremoto destruiu bastante coisas, porque a capital do país que é o Porto Príncipe não tinha quase nada. E por isso todo mundo tinha que pensar em algumas coisas pra sair na vida. (JULES, 2022)

Nesse primeiro momento da fala, ele evidencia como o contexto histórico posterior ao terremoto de 2010 contribuiu para a decisão de migrar para o Brasil. A partir do acontecimento, pensava em alternativas para “sair na vida” (JULES, 2022), que se entende aqui como melhorar suas condições sociais e econômicas. Ele segue, então, falando sobre o momento em que a oportunidade de sair do Haiti surgiu:

E chegou, lá em 2015, chegou a oportunidade pra mim sair do país. Porque na verdade foi um amigo meu que foi falou "o que tu achas, por acaso você consegue viajar para um outro país, tu não iria?", eu falei "ah, eu iria sim". Porque pra mim aqui no Haiti não tem grande perspectiva não, pra sair. Na verdade, naquela época eu estava dando aula na escola. Mas a minha rentabilidade não era muito grande não. Ou não era suficiente para sustentar uma família. Pra mim, desde pequenininho eu tinha a ideia de ter uma família bem sustentável. E quando estava pensando na sustentabilidade de uma família, tal como estava pensando, eu pensei que sair do país para procurar outras oportunidades em outros países, eu acho que é uma boa ideia, como meu amigo falou para mim. (JULES, 2022)

Nessa parte do relato torna-se perceptível o papel das redes de contatos no fenômeno da migração. Foi a partir da fala do amigo de Wisly que surgiu para o entrevistado a percepção de que a possibilidade de migrar para o Brasil poderia se materializar.

E chegou a falar também para meu pai. E um dia meu pai me chamou, falou "o que tu acha?", "se tu no caso, consegue viajar para o Brasil, o que tu acha?", eu falei: "pra mim, tranquilo!". Porque eu acho que desde antes eu falei que eu não vou ficar

pensando que eu sou haitiano, vou ficar aqui no Haiti, porque falei assim: eu sou um cidadão mundial. Qualquer lugar que eu cheguei vou viver. Até agora eu falei isso pra alguns amigos: que eu sou um cidadão mundial. E assim... meu pai continuou com a ideia, até eu sair do Haiti com o destino pra o Brasil. E é por isso que cheguei aqui no Brasil, no ano 2015, em julho. Eu cheguei todo perdido, né? (risos) (JULES, 2022)

Seu processo de migração contou com o auxílio de seu pai, que financiou a viagem. Quando perguntado o que conhecia sobre o Brasil antes de vir ao país, Wisly afirma ter tido poucas informações, lembrava somente daquilo que aprendeu na escola, “*sobre o Brasil, capital do Brasil, os pontos turísticos. Tudo bem, eu aprendi, mas eu esqueci, no caso o Brasil fala português. Até quando cheguei aqui eu pensava que ia continuar a falar espanhol*” (JULES, 2022). Ele é o único dos entrevistados que não citou os aspectos culturais brasileiros, como o futebol e o carnaval.

Sobre o caminho até o Brasil e seu processo de vinda, ele não cita detalhes, mas fala que “*eu entrei aqui no Brasil mas eu passei em outros países pra entrar no Brasil. Quando eu cheguei no Brasil, eu fui pra Cuiabá. Uma cidade que chama Cuiabá. Cuiabá é uma cidade quente, né? (risos)*” (JULES, 2022). Ao chegar, passou cerca de um ano e meio na capital do Mato Grosso, onde trabalhou no setor de almoxarifado de uma empresa chamada Bom Futuro enquanto prestava auxílio à Casa Pastoral de Imigrantes, ajudando na tradução e comunicação. Somente após esse tempo em Cuiabá, Wisly chegou na Grande Florianópolis. Desde 2017 morando na região, Wisly tem uma filha de quatro anos. Demonstra muito carinho pelas oportunidades que o Brasil lhe deu de continuar sua formação. Cursa psicologia na faculdade Estácio de Sá mas pretende, também, concluir seu curso de direito iniciado no Haiti. Continuou seu trabalho como professor de música durante um tempo, até fundar a Associação dos Imigrantes de Santa Catarina, cuja sede foi local para nossa entrevista. Ele se mostra muito orgulhoso de seu trabalho ao falar de si:

E... o mais importante pra mim falar é sobre a Associação dos Imigrantes, que sou eu o fundador da Associação dos Imigrantes, o fundador da Associação dos Imigrantes de Santa Catarina. E... só isso. E também sou coordenador do Centro de Apoio. Porque o Centro de Apoio é um espaço coordenado pela Associação dos Imigrantes. Só isso. (JULES, 2022)

Wisly compartilha conosco que viu no Brasil a possibilidade de gerir uma família estável, mas também de crescer profissionalmente, visto que reconhece que seu país valoriza mais os profissionais formados no exterior. Além disso, relata a visão que tinha do país sul-americano como “não tão racista” - minhas palavras para interpretar a seguinte fala:

Na verdade, porque... eu poderia até ir para outro país, sabe? Mas... naquele momento o país que ofereceu mais possibilidade, ou mais acessibilidade, o país que era mais acessível era o Brasil. Porque na verdade também, eu estudei um pouco no mundo inteiro tem essa questão de racismo, eu não... que eu não tô muito afim não,

e quando eu estudei eu fiquei sabendo que um país tem grande porcentagem de preconceito racismo, eu não vou não. Na época a minha ideia era assim. (JULES, 2022)

Ele cita, inclusive, a República Dominicana como um exemplo de país racista cuja perseguição às pessoas negras é recorrente e que, portanto, nunca cogitou migrar para o país. Já no Brasil, falou que sua recepção foi tranquila, sentiu-se como se estivesse chegando em casa. Mas, ainda assim, conta que criou sua consciência racial após a migração, visto que passou a conviver com pessoas brancas:

[...] na minha vida eu quero lutar sempre contra o racismo e o preconceito. Até lá no meu país que eu amo muito, eu nunca tinha pensado que eu sou negro, [...]. Eu já ouvi falar de racismo e preconceito na história, mas nunca pensei muito sobre isso. Eu fiquei pensando de verdade sobre isso quando cheguei aqui. Agora comecei a viver perto de uma pessoa branca considerando que eu sou negro. Foi aqui eu comecei a pensar de verdade sobre o que que é isso. Sabe? Porque lá meu país é um país de negro, né?! A gente não pensa sobre essas coisas. Não tem porquê também, porque somos negros (risos). (JULES, 2022)

A fala de Wisly abre margem para estabelecermos um novo olhar para o fenômeno migratório. A migração, a experiência de migrar, pode ser vista aqui como uma oportunidade de reinterpretar as dinâmicas sociais e identitárias. Não é por acaso que o entrevistado destaca a mudança em sua percepção de si mesmo até ter contato com as pessoas brancas. O que é visto aqui é uma forma de reordenamento da memória a partir da nova experiência, a do deslocamento, catalisadora para a reconfiguração da identidade. Isso acontece muitas outras vezes nas falas dos demais entrevistados.

Jean também faz uma reflexão muito interessante acerca do contraste de uma visão externa e interna ao seu país de origem quando perguntado sobre onde aprendeu sobre a história haitiana:

[...] Ai você vai descobrindo... mas eu acho que aqui que eu descobri- isso é interessante porque tem uma questão da teoria das cavernas, né, quando você tá dentro da caverna, você tá dentro do país, você não consegue enxergar certas coisas bem. Daí eu consigo enxergar a situação do Haiti quando eu me distancio um pouco do Haiti, né, pra enxergar, pra entender certas coisas. (ROSIER, 2022)

É importante evidenciar mais uma vez que os entrevistados além de serem haitianos, são migrantes. A migração é uma experiência que para além de criar, modifica as memórias preexistentes. Jean aprendeu sobre a história do Haiti durante sua graduação no Brasil, o que inevitavelmente interfere na maneira como se identifica. Halbwachs ressalta a importância do quadro espacial na manutenção das memórias e lança olhar, inclusive, sobre o aspecto traumatizante das mudanças do espaço e no espaço ao dizer que, para alguns grupos, “perder seu lugar no recanto de tal rua, à sombra daquele muro ou daquela igreja, seria perder o apoio de uma tradição que os ampara, ou seja, a única razão de ser” (1990, p. 138). Apesar disso, o

autor fala também das formas de resistência que emergem a partir da necessidade de manter o quadro espacial a partir do qual suas memórias e identidades foram construídas.

O contexto de deslocamento atravessa a vida dos sujeitos desta pesquisa e molda a forma como se colocam no mundo, o que reflete nas suas narrativas. Ecléa Bosi (1994; 2003) e Maurice Halbwachs (1990) ajudam a compreender o espaço da cidade como uma base material para que a memória floresça e se sustente. Célia Lucena cita que

é sobre o espaço que o pensamento se fixa pra que apareça, as lembranças, sobre esse espaço que as gerações transitam, por onde passam, onde constroem suas histórias de vida. Ainda tendo o espaço como foco, os atores fazem o recorte do que a imaginação deve se fixar para que apareça esta ou aquela categoria de lembranças. (HALBWACHS, 1990 apud. LUCENA, 2017)

Ecléa Bosi vai além ao descrever a casa materna como “centro geométrico do mundo e a cidade cresce a partir dela em todas as direções” (2003, p. 71). Fala também dos sons e cheiros da cidade e como esses configuram a memória do espaço com o qual os sujeitos se conectam afetivamente. Ou seja, o ambiente experienciado em todos os mais variados sentidos contribui para a consolidação da memória desde a primeira infância. Funciona como base material e promove sentido de continuidade ao subjetivo da memória.

No caso de Jean, Clefaude, Benjamin, Wisly e nas diferentes histórias de migração, há uma ruptura com essa base. Ao falar da infância, os entrevistados falam do ambiente em que cresceram e da marca que este deixou em suas identidades. Vê-se isso acontecer com mais força na entrevista de Jean. O movimento migratório, inevitavelmente, causa um desenraizamento do antigo e adequação ao novo espaço. A entrevista com Benjamin revela, ainda, uma outra nuance desse processo de desprendimento. Ele conta que escolheu manter menos contato com sua família por conta de seu sofrimento em vê-los vivendo nas condições que vivem no Haiti, mesmo que sinta imensas saudades e vontade de voltar ao seu país de origem. Viu que manter esse distanciamento seria menos doloroso. Para seguir em frente no Brasil, buscando novas condições para sua esposa e seus filhos, decidiu silenciar parte de seu passado. Bosi escreve que “o silêncio, no meio da narrativa expressa muitas vezes o fim de um mundo” (2003, p. 77). Eu adicionaria que significa também, nesse caso, a busca por um novo.

As diferentes trajetórias dos diferentes haitianos entrevistados exemplificam muito bem a complexidade do movimento migratório estabelecido entre Haiti e Brasil. Elas representam também a diversidade das histórias que essa população traz consigo. Fica evidente através dos relatos que não existe fórmula migrante, não existe padrão migratório. O que existe é a experiência do deslocamento, vivenciada por cada indivíduo de forma singular e subjetiva. O trabalho a partir da metodologia de História Oral permite explorar as especificidades do

contexto tanto de saída - nesse caso, do Haiti -, e entrada no Brasil, que não podem ser vivenciadas pela pesquisadora que escreve, mas que foram compartilhadas a partir das falas de quem vivenciou (DEMARTINI, 2018). Apesar de existirem relatos que se aproximam e se distanciam em determinada medida, não existe um padrão ou uma identidade haitiana ou identidade migrante genérica.

A situação de deslocamento e o país de origem são comuns aos quatro entrevistados. Além disso, existe um outro fator que faz com que eles se aproximem. Todos os quatro sujeitos se envolvem ou se envolveram de alguma forma com trabalho social relacionado à migração. Os haitianos entrevistados estão envolvidos, seja na vida acadêmica, profissional, ou pelo trabalho voluntário, com a manutenção da memória de seu país. Percebe-se uma preocupação da parte de todos eles com o fenômeno migratório e em prestar serviços que melhorem a qualidade do acolhimento e da informação que chega até os demais migrantes. Suas participações nesse estudo, inclusive, aparecem como mais uma tentativa de trazer visibilidade para a comunidade migrante haitiana. E esse é um elemento fundamental para que se possa analisar os relatos, já que suas experiências, trabalhos sociais e estudos acerca do Haiti moldam as memórias que mantêm do seu país, o que reflete nas suas questões relacionadas às suas identidades.

3. ENSINO DE HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADE

Daí você lê a história de uma forma diferente, a história contada de uma forma diferente.

(Jean Samuel Rosier)

Bosi (1994) com base em Halbwachs (1990) explica que as memórias coletivas são formadas a partir de laços criados e compartilhados nos diferentes espaços de socialização. As memórias criadas dentro de cada um deles ora afloram, ora desabrocham, a depender do vínculo que os sujeitos estabelecem à eles. Seguindo o caminho do capítulo anterior, busco agora compreender quais foram os espaços de formação de cultura histórica citados durante os relatos. Dentre eles, surgem os ambientes institucionalizados de Ensino de História. É possível observar que cada um dos quatro entrevistados alcançou um determinado estágio no sistema educacional haitiano, resta saber se o contato com esses ambientes foi significativo na formação de suas identidades.

Rüsen (2007) caracteriza os espaços voltados para o ensino como ambientes formadores de identidade a partir da formação de consciência histórica. Isso fica nítido a partir das leituras de seu texto, em que afirma que a didática da história só tem seu objetivo concluído se o sujeito formado conseguir, a partir dela, entender o mundo - por meio da *práxis*, quando fazem uso do que é específico da ciência histórica para agir na vida prática, na sociedade em que vivem -, e entender a si mesmo - por meio do processo de individualização, a formação de sua identidade. Partimos do pressuposto de que a consciência histórica é parte da subjetividade humana, e, segundo o autor, é o resultado de um processo de formação. Mas qual a diferença da formação em sala de aula para a que acontece em outros espaços? A disciplina história tem - ou deve ter - como base a cientificidade. Portanto, o indivíduo, a partir da formação histórica, deve ser capaz de pensar sobre si e sobre sua realidade e a materialidade que o cerca de forma científica. São os ambientes institucionalizados, a disciplina história dentro das escolas, os responsáveis por essa formação.

Todavia, dentro da cultura histórica de uma sociedade ou comunidade, que é “o campo em que os potenciais de racionalidade do pensamento histórico atuam na vida prática” (RÜSEN, 2007, 121), existem outros espaços formadores. Entre eles os diferentes tipos de mídia, a imprensa, a família, o trabalho, uma infinidade de outros grupos que um sujeito possa frequentar, que faça parte ou exerça influência sobre sua vida de alguma forma. A expressão

“cultura histórica” revela “que o especificamente histórico possui um lugar próprio e peculiar no quadro cultural de orientação da vida prática humana” (RÜSEN, 2007, 121).

Cabe aqui perguntar, primeiro, se os sujeitos entrevistados tiveram contato com o Ensino de História em seu país de origem, onde receberam sua primeira formação. Para isso traça-se uma breve explicação acerca do sistema educacional haitiano. Posteriormente, buscase nas respostas dadas durante as entrevistas a contribuição do Ensino de História proveniente desse sistema educacional nas consciências históricas dos sujeitos. E, por fim, se questiona: se não receberam a formação em sala de aula, quais (outros) espaços contribuíram para a formação da sua consciência histórica? Com quais grupos, à luz de quais espaços ou experiências de formação de memória coletiva, o Ensino de História disputa ou disputou a consciência histórica dos narradores?

3.1. O SISTEMA EDUCACIONAL HAITIANO

A partir da base de dados CRAI/Eirenè-NAIR-UFSC, registrada no período de seu funcionamento, entre abril de 2018 e de 2019, é possível estabelecer o perfil de escolaridade dos migrantes haitianos atendidos pelo Centro. As maiores porcentagens se referem, primeiro, aos sujeitos com ensino médio incompleto (33%) e, segundo, àqueles com ensino médio completo - relativo ao ensino secundário haitiano - (28%), seguidos por ensino fundamental incompleto (14%) e completo (10%) (SILVA; BINI, 2020). Esses números permitem inferir que cerca de 85% dos migrantes que passaram pelo atendimento do CRAI durante o intervalo de tempo citado passaram por certo nível de escolarização. Os entrevistados desta pesquisa estão inclusos nesse grupo. Como visto no capítulo de apresentação, Benjamin cursou parte do ensino secundário e Jean, Clef e Wisly iniciaram o ensino superior no Haiti.

Ainda, essas informações não bastam. Para entender um pouco mais acerca da trajetória escolar dos sujeitos haitianos que aqui chegam, cabe entender como funciona o sistema educacional haitiano e o rumo que tem tomado ao longo das últimas cinco décadas. O contexto que mais importa nesta pesquisa, levando em consideração a faixa etária dos sujeitos entrevistados, se dá após 1979, ano da Reforma *Bernard*, reforma educacional que marcou as décadas seguintes no país (FRANÇOIS, 2009). Ela aconteceu durante o período ditatorial da família Duvalier, e foi administrada por Joseph C. Bernard, ministro nacional da educação na época. Como cita François (2009), às vésperas da reforma foram marcadas pelo descontentamento em relação aos moldes da educação no Haiti e por uma forte demanda social por melhorias na esfera educativa. Foi também um momento de migração de famílias do campo

para a cidade, visto que era nítida a disparidade do contexto educacional entre as escolas rurais e urbanas. Entretanto, o autor aborda como principal causa da Reforma *Bernard* a interferência de órgãos e agências internacionais nas questões internas do país:

Les agences internationales notamment la Banque Mondiale, l'UNESCO, la Banque Internationale de Développement (BID), etc. s'étaient constituées en réseau pour agir sur l'éducation en Haïti. Après plusieurs missions en Haïti en vue de faire des investigations sur le système éducatif, elles ont produits des rapports mettant en évidence les déficiences tant quantitatives que qualitatives du système. Ces rapports ont conduit à des conclusions et des recommandations pour une réforme éducative en Haïti. C'est dans ce contexte d'ensemble que Ministre Bernard engageait la réforme de 1979.⁶ (FRANÇOIS, 2009, p. 117)

Dito isso, parte-se para a compreensão de quais mudanças a reforma trouxe para a estrutura educacional haitiana e que são de interesse desta pesquisa. Para tornar a educação do haitiana funcional, capaz de responder às necessidades do país caribenho, uma das propostas da reforma foi a de reestruturar a disposição dos níveis escolares, conforme a tabela abaixo:

Quadro 01 - Seriação do sistema educacional haitianos

Nível	Faixa etária prevista
Pré-escola (não obrigatório)	0 a 5 anos
Fundamental (três ciclos)	6 a 14 anos Primeiro ciclo: com duração de quatro anos Segundo ciclo: com duração de três anos Terceiro ciclo: com duração de dois anos Os dois primeiros ciclos correspondem ao ensino primário e o terceiro ciclo corresponde a uma introdução ao ensino secundário
Secundário	15 aos 18 anos
Ensino técnico e profissional;	População adulta, maioritariamente entre os 19 e os 24 anos.

⁶ Em tradução livre: “As agências internacionais, incluindo o Banco Mundial, a UNESCO, o Banco Internacional de Desenvolvimento, etc. formaram uma rede para atuar na educação no Haiti. Depois de várias missões no Haiti com o objetivo de investigar o sistema educacional, eles produziram relatórios destacando as deficiências quantitativas e qualitativas do sistema. Esses relatos levaram a conclusões e recomendações para a reforma educacional no Haiti. Foi neste contexto geral que o Ministro Bernard iniciou a reforma de 1979.”

Ensino superior ou universitário	
----------------------------------	--

(BOURJOLLY; FÉTHIÈRE; TOUSSAINT, 2010, apud AGNANT, 2018, p. 74)

Entendendo a estrutura do sistema educacional haitiano por meio de seus ciclos, precisa-se agora encontrar qual o espaço da disciplina história nos currículos, com ênfase no ensino fundamental e secundário após a reforma de 1979. A partir do texto de François (2009), que faz uma leitura do currículo da escola fundamental e de seus princípios, pode-se observar que não existe uma disciplina totalmente dedicada ao Ensino de História nesse período escolar. Os conteúdos históricos entram dentro da disciplina de ciências sociais, e esse sistema se mantém até os currículos mais recentes, datados de 2019, como pode ser visto a partir dos documentos disponíveis na página do Ministério Nacional da Educação e da Formação Profissional⁷. Já acerca do ensino secundário, as informações sobre o currículo formado logo após a reforma de 1979 são ainda mais escassas. Os documentos elaborados que deram base à reforma não estão disponíveis digitalmente e, portanto, a análise deles não está ao alcance desta pesquisa. Todavia, os currículos disponíveis no site do Ministério continuam seguindo o modelo que a Reforma trouxe. Nestes currículos, o ensino secundário conta com uma disciplina específica para história. Três dos quatro entrevistados afirmam se lembrar das aulas da disciplina.

Levando em conta o que foi dito anteriormente, uma porcentagem significativa dos migrantes haitianos que chegam à região da Grande Florianópolis teve algum tipo de contato com os conteúdos históricos institucionalizados. Tomando como exemplo o período de chegada de migrantes de abril de 2018 a abril de 2019 na região da Grande Florianópolis, e que foram atendidos pelo CRAI juntamente ao EIRENÈ, cerca de 61% dos haitianos ao menos ingressaram no ensino secundário - equivalente ao ensino médio brasileiro - e, portanto, tiveram alguma interação com a disciplina de história, e outros 24% tiveram contato com os conteúdos históricos a partir da partir da disciplina de ciências sociais (SILVA; BINI, 2020).

Usando esses dados como ponto de partida, busca-se entender se este contato, mesmo que breve, os auxiliou na construção de sua consciência histórica. Então, há contribuição do espaço escolar institucionalizado na formação da consciência histórica apresentada pelos sujeitos durante as entrevistas? Se sim, com quais outros espaços de formação de memória

⁷ Disponível em: <https://menfp.gouv.ht/#/documents/programs>. Acesso em 22 de maio de 2023.

histórica o ambiente escolar divide espaço? Se não, quais os espaços responsáveis por essa formação?

3.2. OS SUJEITOS E O ENSINO DE HISTÓRIA

Maria Auxiliadora Schmidt ajuda a compreender como Rüsen (2007) constrói sua didática da história. Para o autor, a ciência histórica possui uma função didática que é intrínseca a ela: a de formar consciência histórica (SCHMIDT, 2017). Essa objetiva, por sua vez, “extrair do lastro do passado pontos de vista e perspectivas para a orientação do agir, nos quais tenham espaço a subjetividade dos agentes e sua busca de uma relação livre consigo mesmos e com o seu mundo” (RÜSEN, 2007, p. 33-34). Busca no passado, inclusive aquele não vivido, ferramentas para lidar no presente com o mundo e consigo mesmo, e ir além: almejar um futuro. Ela “é o modo pelo qual a relação dinâmica entre experiência do tempo e intenção no tempo se realiza no processo da vida humana” (SCHMIDT, 2017, p. 64). É diferente do que já foi citado anteriormente, sobre como a memória constrói a identidade dos sujeitos, visto que a consciência histórica lida com conteúdos especificamente históricos. Ela é construída a partir da formação histórica, que se liga principalmente aos espaços de ensino, mas também a outros ambientes que formam a cultura histórica de uma comunidade.

Para concluir seu objetivo, a disciplina história das escolas e dos currículos deve ser construída a partir das demandas da vida prática dos sujeitos e para ela retornar, na medida que a formação histórica da sala de aula fornece aos estudantes “elementos para uma orientação (para dentro - apropriação de identidades, e para fora - fornecendo sentidos para ação na vida humana prática)” (SCHMIDT, 2017, p. 64). A consciência histórica para Rüsen (2007) atua, portanto, em duas dimensões: a interna, relacionada ao autoconhecimento e à identidade, como o indivíduo se compreende e se valida enquanto sujeito histórico; e a externa, como o indivíduo analisa o mundo e as dinâmicas temporais, na intenção de torná-lo capaz de tomar decisões e agir socialmente na vida prática.

Com o intuito de identificar se essa consciência histórica foi construída a partir das aulas de história, foram feitas, durante as entrevistas, perguntas que pretendiam evocar a memória dos narradores sobre suas relações com a escola e com o conteúdo histórico institucionalizado. “Qual foi o seu primeiro contato com os conteúdos sobre a história do Haiti?”, “onde que você aprendeu essas coisas?”, “você tem memória das aulas de história?”, “algum assunto te marcou nessas aulas?”. É sobre as respostas dadas a essas questões que se pretende lançar o olhar neste subcapítulo.

Três dos quatro entrevistados responderam positivamente quando perguntados sobre as aulas e conteúdos de história: Jean, Clef e Wisly. É interessante lembrar que estes são os entrevistados que chegaram a cursar parte do ensino superior no Haiti. Suas experiências educacionais permitiram com que tivessem contato com o Ensino de História e, ainda assim, os três entrevistados possuem cada um uma visão muito particular desse momento de suas vidas. Wisly, por exemplo, se vislumbra ao contar que aprendeu o que sabe sobre a história haitiana na escola:

Na escola, me lembro pequenininho eu estava. Eu era bem pequenininho quando os professores começam a contar pra mim a história do Haiti, como os líderes da época não tinham medo de ninguém. Até no momento França era o maior poder mundial, mas apesar disso eles não tinham medo do primeiro grande poderoso, mas lutavam e até conseguir a liberdade do país. (JULES, 2022)

Ele traz à tona o conteúdo acerca da Revolução Haitiana para falar da sua experiência em sala de aula, e demonstra certo apego à disciplina história quando é perguntado sobre os conteúdos que gostava de estudar. Responde enfático, “*Ah, a história!*” (JULES, 2022). Afirma que seu primeiro contato com conteúdos históricos foi a partir do ensino, em uma escola pública na cidade de Gonaïves. Sua resposta incisiva sugere um envolvimento pessoal e subjetivo com o conteúdo histórico, indicando a importância da disciplina na construção da sua identidade. Schmidt explica que “a formação histórica pode ser utilizada para a formação da identidade histórica, pois, com ela, os sujeitos (individuais e coletivos) podem exceder os limites de seu tempo de vida, ao mesmo tempo colocá-los na mudança do tempo a que eles estão submetidos, e com isso, simultaneamente, ganhar uma subjetividade permanente” (2017, p. 65). Há no Ensino de História, portanto, uma potencialidade inerente de formar, construir, consolidar ou legitimar identidades. A autora vai além e argumenta que “não há aprendizagem histórica se não houver uma apreensão de processos de apropriação da própria experiência” (SCHMIDT, 2017, p. 65). Tem de haver, assim, uma identificação por parte dos sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem histórica em relação ao conteúdo científico para que ele passe a ter significado.

Clef também associa sua formação identitária ao período escolar. Ele explica, “*Eu estudei num colégio muito bom. E nesse colégio a gente estudou história, a nossa raízes de matriz africana. Como a gente chegou no Haiti, como foi que a gente deparou tal lugar. Então todos haitianos tem um autoconhecimento que nos dá uma identidade*” (ESTIMABLE, 2022). Nessa fala acontece o fenômeno de projeção, em que o narrador reivindica o passado distante como participante ativo dele. Isso acontece com frequência ao longo das entrevistas e será abordado com mais atenção no próximo capítulo. Ainda sobre a fala, Wisly se insere também

dentro de uma coletividade ao citar todos os haitianos como uma unidade, sugerindo uma memória coletiva para a população haitiana. Quando perguntado sobre as memórias do período escolar, Clef foca em trazer àquelas que dizem sobre a convivência com o grupo. Primeiro, fala de um professor que abordava os conteúdos históricos de forma muito didática:

Me lembrei uma vez tinha um professor que era muito jovem... ele sabia. Não é que falava só citando os autores, ou seja, sem slide não falava. Onde estudei não tinha tecnologia, mas as aulas era muito bom. Não era, é... aula chata, como hoje em dia aqui na faculdade [...]. Ele vai explicando o processo, como a gente chegou aqui, mas também ele explicou para nós a primeira vez que os escravos haitianos tomavam uma arma para conseguir lutar contra os soldados franceses. Era impactante, porque eles usam estratégia, hoje pode dizer, de senso comum, mas funcionava para derrubar o sistema... Napoleão Bonaparte. (ESTIMABLE, 2022)

A imagem desse professor faz Clef recordar sobre o que estudou na disciplina de história, e não lembra somente dele. O narrador menciona as experiências com seus colegas e os estudos compartilhados entre eles:

Eu acho que quando estava estudando no Haiti a gente não estudava de forma individual. A gente estudava só no conjunto. Uma das coisas pra dizer, a gente tinha clube de estudo, onde cada um focava na ciência humana, matemática, química. Como a gente não tinha tecnologia, a gente escolhia uma pessoa e pagava dinheiro e ia ao Cybercafé para fazer pesquisa. E depois essa pessoa voltou para compartilhar o conhecimento com a gente. A coletividade era muito forte pra nós. (ESTIMABLE, 2022)

O apego que Clef mantém pela socialização no período em que esteve dentro do ambiente escolar contribui para que preserve as memórias acerca dos conteúdos estudados. Ele reconhece de forma bastante assertiva quando perguntado se acredita que esse período na escola o ajudou a formar sua identidade: “*Absolutamente sim*” (ESTIMABLE, 2022), ele responde. Lembrar também das dinâmicas sociais estabelecidas no momento de sua formação histórica corrobora com o argumento de Halbwachs (1990) de que é nos laços criados no interior de um grupo, na convivência e na socialização com outros sujeitos que a memória se forma, se mantém e se altera. E é na soma, na sobreposição delas, que a memória individual se apoia. “O grupo é suporte da memória se nos identificamos com ele e fazemos nosso seu passado” (BOSI, 1994, 414). O entrevistado reconhece e atribui à sua experiência escolar a formação da base da sua identidade como haitiano, principalmente aquela que se refere à memória histórica como combustível. Paul Ricoeur (2007) reconhece o espaço singular que a sala de aula ocupa no processo que transforma as memórias coletivas de um grupo em memórias individuais, visto que é um lugar que tem como fundamento a convivência e a troca das mais diversas opiniões e conhecimentos:

Do papel do testemunho dos outros na recordação da lembrança passa-se assim gradativamente aos papéis das lembranças que temos enquanto membros de um grupo; elas exigem de nós um deslocamento de ponto de vista do qual somos eminentemente capazes. Temos, assim, acesso a acontecimentos reconstruídos para

nós por outros que não nós. Portanto, é por seu lugar num conjunto que os outros se definem. A sala de aula da escola é, nesse aspecto, um lugar privilegiado de deslocamentos de pontos de vista da memória. De modo geral, todo grupo atribui lugares. É desses que se guarda ou se forma memória. (RICOEUR, 2007, p. 131)

Assim como Ricoeur, Schmidt defende a “aula como espaço de compartilhamento de experiências individuais e coletivas, de relação dos sujeitos com os diferentes saberes envolvidos na produção do saber escolar” (2005, p. 299). Durante a entrevista com Clef torna-se perceptível como o ambiente educacional é um espaço de criação e fortalecimento de laços, e que esses, por sua vez, acabam por se conectar com as memórias históricas que constroem a consciência histórica dos indivíduos. Não há saber escolar sem que se estabeleçam dinâmicas sociais. O compartilhamento de experiências entre os sujeitos é parte intrínseca dele, assim como é base para a construção da memória coletiva do grupo.

Jean, em contraste com Clef e Wisly, apresenta uma perspectiva distinta ao recordar sua experiência escolar. Ele não se identifica tanto quanto os outros dois entrevistados com a história que aprendeu em suas aulas no Haiti. Ao responder as mesmas perguntas feitas a Clef e Wisly, ele decide destacar que, por mais que lembre da história que aprendeu no ambiente escolar, percebe que os conteúdos abordados eram limitados e selecionados de acordo com a perspectiva francesa, relacionando, ainda, ao lugar de dependência cultural do país caribenho:

Sim, eu tenho muitas histórias, lembranças, sobre... porque a gente tem uns livros de história sobre Christophe, sobre Dessalines. Mas o que é uma coisa que é bem interessante, que tem histórias bem interessantes que não estão nos livros. [...] Porque os livros foram livros imprimidos na França que chegaram no Haiti, para educar as pessoas no Haiti. E que é uma coisa bem interessante porque a colonização não acabou no Haiti, porque... se você é colonizado com a língua, porque a própria língua que a gente usa não é a nossa língua, é uma forma de colonização, sabe? Então se eles conseguem te dominar mentalmente, eles vão conseguir te dominar na economia, na política, em tudo. [...] mas as histórias, as lembranças realmente são... eu tenho duas lembranças: o que eu estudei nos livros e o que eu fui escutando a história contada entre meus pais, outras pessoas na comunidade. (ROSIER, 2022)

O acadêmico revela, ainda, alguns detalhes do sistema educacional haitiano, os quais não constavam na bibliografia selecionada, mas que ajudam a entender um pouco mais da dinâmica escolar estabelecida. A partir de sua experiência como professor no ensino fundamental, Jean relata que para ser lecionar nesta etapa do ensino não se faz necessário nenhum tipo de especialização nas diferentes áreas do ensino, apenas cursos para desenvolver a didática:

Eu era professor no ensino fundamental por 5 a 6 anos, mais ou menos. Daí é um pouco diferente a qualidade de ensino, né... porque eu terminei o ensino médio e eu alguns cursos, algumas... como posso dizer, capacitações, para ensinar, [...] estágio, como professor, essas coisas, pegar as didáticas, mas eu não cheguei a fazer cursos da faculdade pra isso. É um pouco muito forte essa questão de terminar o último ano do ensino médio e conseguir já começar a ensinar no ensino fundamental, é bem comum. (ROSIER, 2022)

A partir de seu depoimento fica nítida, portanto, a importância da experiência de Jean como docente no Haiti no que concerne à sua perspectiva sobre o processo educacional e sua primeira formação. Ter lecionado o fez compreender as dinâmicas internas do sistema de ensino, o que alterou, conseqüentemente, as memórias de seu período enquanto estudante.

Ao longo da entrevista percebemos que Jean é um grande conhecedor da história haitiana. Ele referencia a Revolução, os processos de exploração aos quais o Haiti passou e continua passando nas últimas décadas, as dinâmicas de dominação, cita figuras históricas, menciona inclusive o lema da Independência. Perguntamos, então, onde aprendeu sobre esses conteúdos, ele responde: *“Eu aprendi no Haiti, mas de uma forma... diferente. É... eu aprendi tudo aqui no Brasil, quando cheguei aqui no Brasil e tudo aprendi a partir do meu TCC em 2014, quando comecei a ler”* (ROSIER, 2022). Responder a essa pergunta o faz refletir sobre sua própria jornada migratória. Foi sua formação no Brasil, a partir do curso de Relações Internacionais da UFSC que o fez refletir mais profundamente acerca de seu país de origem. Menciona, inclusive, uma das leituras que o marcou intensamente:

A gente não tem como imprimir livros, a gente não tem editores no Haiti, então... e os editores têm livros que eles aceitam, têm livros que eles permitem que você editar e publicar. Então os livros que a gente usava na escola, e mesmo na escola primária, não tem essa coisa no Haiti. Daí você lê a história de uma forma diferente, a história contada de uma forma diferente. Mas quando eu vim aqui, meu primeiro contato que foi muito impactante foi ‘Os Jacobinos Negros’, que eu li e que foi muito impactante e não foi fácil ler ‘Os Jacobinos Negros’ pela primeira vez em 2013 ou 2014, porque tava me preparando para fazer a pesquisa. (ROSIER, 2022)

Apesar de reconhecer ter adquirido o conhecimento que tem sobre a história haitiana somente a partir da sua graduação no Brasil, entendendo o contexto acadêmico ao qual esteve inserido desde sua chegada no país como um espaço institucionalizado de ensino histórico. A formação histórica e o conteúdo histórico científico são parte integrante do curso de Relações Internacionais. No caso de Jean, a formação que o ambiente universitário lhe proporcionou constrói ativamente sua consciência histórica. Ele compreende as contradições existentes mesmo dentro do processo histórico da Revolução, mas isso não o faz sentir-se menos orgulhoso de ser haitiano. Muito pelo contrário, busca em suas pesquisas demonstrar a importância da antiga São Domingos para as teorias de Relações Internacionais.

Os três migrantes previamente mencionados evidenciam o papel do ensino como um ambiente de construção de identidade, função essa que para Rüsen (2007) e Schmidt (2017) deve estar no cerne dos processos de aprendizagem em história. No entanto, é importante destacar que alcançar essa formação integral, do ensino fundamental ao secundário completo, como observado nas trajetórias de Wisly, Clef e Jean, não é uma realidade para muitos

haitianos. Há, primeiro, a necessidade de se reconhecer que a educação no Haiti não é acessível a toda a população por conta das questões estruturais do país. Além disso, mesmo para aqueles que têm acesso à educação, é possível que essa experiência não tenha sido significativa o suficiente. Benjamin, por exemplo, teve um contato um pouco mais breve com o ambiente escolar e não concluiu o ensino secundário. Quando perguntado se se recordava das aulas de história da sua primeira formação, responde somente que não. Entretanto, como veremos no próximo capítulo, o entrevistado possui um vasto acervo de memória histórica, intimamente vinculado à sua identidade. Portanto, partimos para a próxima questão:

3.3. SE NÃO NA ESCOLA, ONDE? ESPAÇOS QUE FORMAM A CULTURA HISTÓRICA

Meu pai sempre contou, tem costume de contar as história pra mim, do passado. É por isso que eu gosto tanto da história, sabe?

(Wisly Jules)

À medida que exploramos as trajetórias de vida dos entrevistados, conhecemos também os espaços que os formaram e os formam enquanto sujeitos. Isso abrange suas relações familiares, suas conexões com o espaço em que cresceram, com os trabalhos que exerceram e exercem, com os círculos sociais que frequentam. Todas essas interações constroem não só os sujeitos que são, mas também as formas como recordam. É certo que, como dito anteriormente, o fato de Jean ter lecionado no Haiti o faz olhar para sua primeira formação escolar de forma crítica, e esse é apenas um dos muitos exemplos que poderiam ser citados. Assim como os espaços de memória coletiva são desvelados conforme as perguntas vão sendo feitas, os ambientes voltados para a formação da cultura histórica também.

Como dito durante a introdução do trabalho, o Ensino de História surgiu como foco da pesquisa. No entanto, à medida que avançava na construção das fontes orais, tornava-se evidente que a consciência histórica dos narradores se desenvolvia a partir de uma complexa interação de diversas tipologias históricas. Diferentes ambientes que assumem diferentes níveis de formação e influência quando se trata da cultura histórica de uma comunidade e da consciência histórica de um indivíduo.

As entrevistas revelaram três tipos de relação com o Ensino de História: Wisly e Clef atribuem ao Ensino de História papel fundamental na formação de suas consciências históricas. Por outro lado, Jean adota uma perspectiva crítica ao examinar sua experiência no ambiente

escolar, evidenciando as complexas disputas políticas e culturais que permeiam o contexto educativo. E, por fim, Benjamin afirma não se recordar de suas aulas de história. Conferindo ou não à história institucionalizada um espaço significativo em suas formações, é importante ressaltar que nenhum ambiente isolado é capaz de construir a consciência histórica sem ser influenciado por uma multiplicidade de outros fatores.

Nesse contexto, a memória geracional é citada por três dos quatro entrevistados. Jean afirma se lembrar de duas histórias quando diz que “[...] *as histórias, as lembranças realmente são... eu tenho duas lembranças: o que eu estudei nos livros e o que eu fui escutando a história contada entre meus pais, outras pessoas na comunidade*” (ROSIER, 2022). Durante sua entrevista, fica evidente a distinção que estabelece entre essas duas versões da história. Ele entende que a primeira se faz permeada de interesses políticos e jogos de poder e dominação: existem alguns livros que podem ser publicados, e esses estão de acordo com os ideais franceses. Essa história dos livros, normalmente contada na escola, entra em contraste com aquela cultivada pela comunidade: “*E entender certos detalhes da história, eu não encontrei nos livros. Eram pais que vão passando de geração em geração, vão contando essas histórias pra você, que você não encontra. Porque os livros foram livros imprimidos na França que chegaram no Haiti, para educar as pessoas no Haiti*” (ROSIER, 2022). Para Jean, a memória transmitida de geração em geração emerge como uma poderosa estratégia frente ao que Michel-Rolph Trouillot (2016) caracteriza como silenciamento sistemático da história da Revolução pela historiografia ocidental, tema que será aprofundado no próximo capítulo deste estudo.

Nesse mesmo sentido, Wisly diz que deve seu gosto pela história a seu pai. Com esse entrevistado, as narrativas históricas parecem surgir como um legado de sua família e sua criação:

Meu pai sempre contou, tem costume de contar as história pra mim, do passado. É por isso que eu gosto tanto da história, sabe? Eu gosto muito de... até hoje em dia tem pessoa que me chama de máquina de história (risos), porque sempre tem uma história pra contar. Quem fica perto de mim sabe disso, sempre tem uma história pra contar. (JULES, 2022)

Como já visto na apresentação dos sujeitos, a família apresenta a primeira lente com a qual observamos o mundo. É o primeiro círculo social ao qual estamos inseridos. Halbwachs caracteriza as lembranças trazidas por nossos pais e avós como uma “história viva que se perpetua ou se renova através do tempo” (1990, p. 67). Essa memória se diferencia substancialmente da história dos livros justamente por seu caráter de estar ligada ao contexto familiar, que envolve também o apego emocional. Esse passado vivido é essencial para sustentar sua memória no futuro, quando se depara com outras tantas memórias:

Assim [...] a vida da criança mergulha mais do que se imagina nos meios sociais através dos quais entre em contato com um passado mais ou menos distante, e que é como que o quadro dentro do qual são guardadas as suas lembranças mais pessoais. É esse passado vivido, bem poderá mais tarde apoiar-se sua memória. [...] É nesse sentido que a história vivida se distingue da história escrita: ela tem tudo que é preciso para constituir um quadro vivo e natural em que um pensamento pode se apoiar, para conservar e reencontrar a imagem de seu passado. (HALBWACHS, 1990, p. 71)

Ecléa Bosi (1994) também percebe a força presente na memória desenvolvida dentro do núcleo familiar. Comenta que as informações que as crianças recebem passam pelo filtro dos adultos da família. Afirma também que essa memória se mantém mesmo se este grupo se desintegra com o passar do tempo. Isso não quer dizer que permaneça estática. Ela passa pelas demandas da vida adulta, assim como pode ser modificada pela presença de diferentes grupos na trajetória de vida do sujeito. Mas assume, de certa forma, um caráter coeso e exemplar. É o que acontece quando Clef cita o trabalho social que seu pai desenvolveu. A figura paterna aparece como preservada e sua vida é tratada como um símbolo a servir de exemplo para sua própria jornada.

Com Benjamin nós vemos essa relação com a memória geracional de um ângulo diferente. Nós o perguntamos se compartilha com seus filhos momentos para relembrar a história do Haiti e ele responde positivamente:

Ah sim, todo dia! Todo dia nós falamos, todo dia eu ensino pra eles, todo dia eu mostro pra eles que ele é haitiano. E todo dia a gente fala crioulo e a gente fala pra ele que ele tem que amar nosso país. Então todo dia a gente fala pra eles. Mesmo que eles não nasceram no Haiti, dois nasceram na República, uma nasceu no Brasil. Mas a menina tá doida pra falar crioulo. (BENJAMIN, 2022)

Com ele percebemos o desejo de transmitir a memória histórica de seu país para os filhos. A partir das falas de Benjamin e dos demais entrevistados, é possível inferir que existe uma sensibilidade voltada para a preservação da memória geracional, já que são conscientes da importância dela para manter viva a memória da história do Haiti. Essa memória, pertencente à infância e à família e que contribui para a construção da cultura histórica de seu país de origem, em muito se relaciona com as tradições e os costumes das comunidades em que cresceram. É interessante pensar nela também como herança de uma tradição oral africana que reflete hoje nas sociedades que nasceram da diáspora⁸.

Outros elementos se destacaram durante as entrevistas como componentes formativos da cultura histórica da comunidade haitiana, representada neste estudo pelos quatro entrevistados. A maioria desses fatores ligados à construção de uma memória cultural: festas, comemorações da independência, comidas haitianas, música e até mesmo o idioma crioulo.

⁸ Existem, ainda, muitos estudos que tratam de pensar em como essa tradição oral se mantém nas sociedades quilombolas brasileiras.

Todas essas expressões e manifestações culturais fazem parte dos espaços de manutenção da consciência histórica dos sujeitos. Benjamin destaca a importância da convivência na rua na visão que os haitianos possuem da história de seu país quando fala que “*é muito praticado na escola, a convivência na rua... então, todos haitiano são historiador. Todo ele. E é uma coisa fantástica*” (BENJAMIN, 2022). Ele rememora o costume anual de compartilhar comida, praticado por seus vizinhos no Haiti, com a intenção de celebrar o evento histórico da Independência:

Mesmo que o vizinho faz sopa, a minha mãe leva pra vizinha, a vizinha leva pra minha mãe. Faz uma troca de comida, faz uma troca de sopa. Muitas vezes tem alguma família que não fez, mas a família vai receber de todo mundo. Então... todo primeiro de janeiro eles fazem essa sopa. [...] Na rua, em casa. Tem gente que faz na esquina, tem gente que faz em casa. Mas todo primeiro de janeiro, três da manhã, todo mundo acorda pra fazer essa sopa (risos). (BENJAMIN, 2022)

Enquanto Benjamin se atenta aos momentos de comemoração no Haiti, Jean procura falar das tradições que buscou manter aqui no Brasil em conjunto com o grupo de migrantes com o qual convivia:

[...] quando a gente morava meio juntos, nós haitianos, a gente estudava juntos na UFSC. A gente fazia coisas juntos. A gente cozinhava nossas comidas que a gente gostava no Haiti, quando são dias de festas a gente fazia festas entre nós... e na UFSC a gente já fazia algumas festas [...] vendendo [...] ingresso. A gente imprimia ingresso, a gente vendia ingresso, a gente organizava festas. Festas da bandeira do Haiti a gente já organizou aqui na UFSC, festa da independência do Haiti a gente organizou. [...] Mas a gente fazia algumas festas aqui, só pra nos lembrar da nossa cultura e comidas. A gente se reunia juntos, fazendo reuniões entre nós os haitianos para falar da política, pra falar do nosso país. (ROSIER, 2022)

As comidas haitianas aparecem nos relatos de três dos quatro entrevistados como parte das comemorações e forma de lembrar de seu país. Wisly fala também das canções e convivência como forma de manter a memória do Haiti, “*É... tocando música do país. Eu gosto muito. Tocar música e cantando também. E também, chegando aqui, é... aqui tem bastante comunidade de haitiano*” (JULES, 2022). Jan Assmann (2008) traz aspectos como as festas, canções, gastronomia e demais manifestações culturais como componentes fundamentais na construção de uma identidade coletiva, compartilhada por uma população. Ele chama de memória cultural as formas institucionalizadas desses costumes e de memória comunicativa as formas mais difusas. Vejo esses aspectos culturais abordados durante as narrativas como posicionados entre as formas institucionalizadas e difusas, que assumem papel fundamental na criação e manutenção da memória. Eles são a forma simbólica que a memória cultural assume, “*artefatos, objetos, aniversários, festas, ícones, símbolos ou paisagens, o termo ‘memória’ não é uma metáfora, mas uma metonímia baseada no contato material entre uma mente que lembra e um objeto que faz lembrar*” (ASSMANN, 2008, p. 119). O autor ressalta também que o caráter

de identificação deve se fazer presente para que determinada memória cultural se mantenha firme - a história só se torna memória se conectada aos sujeitos e seu autorreconhecimento. Tão importante quanto isso, é lembrar que a existência dos costumes e tradições não trazem o passado “como tal, como é investigado e reconstruído por arqueólogos e historiadores, que conta para a memória cultural, mas apenas o passado tal como ele é lembrado” (ASSMANN, 2008, p. 121). Ou seja, a memória cultural escolhe o que recordar. Os ambientes e experiências em que essas memórias são mantidas formam também a cultura histórica de uma comunidade, visto que lidam com conteúdos históricos - no caso dos entrevistados para essa pesquisa, aqueles atrelados à Independência do Haiti. São capazes de construir e consolidar a memória histórica dos sujeitos quando assumem o caráter de identificação, e os laços que se criam nesses espaços de compartilhamento de vivências e experiências fazem com que essas memórias se tornem ainda mais intensas e estejam lado a lado com aquelas construídas nas salas de aula.

Outro objeto cultural que surge nas falas dos entrevistados e chama atenção como um elemento formador de memória cultural e, conseqüentemente, cultura histórica, é a língua crioula haitiana. Não está no alcance desta pesquisa desenvolver argumentos relacionados aos estudos linguísticos, traçando qual o processo de formação de um idioma ou sobre como ele carrega história e memória. Ainda assim, a trago como um espaço que mantém e constrói visões de mundo, principalmente por ter sido tão importante para a organização dos negros, escravizados e livres, durante o período da Revolução de São Domingos. Nesse sentido, Benjamin relaciona o crioulo com a resistência frente a dominação e exploração francesa ao longo da história:

Então nós [...] passava uma comunicação entre nós que é muito bonita, em sentido tipo, a gente se livrando da França, a gente tivemos que inventar um idioma, [...] que é o dialeto crioulo. Pra gente falar entre nossos que são escravo, pra que ele não entende a gente. Pra, tipo, quando ele manda a gente pegar uma marreta, a gente traz um prego. E a gente se comunica entre todos os escravo, um idioma que ele não entenda a gente surge o nosso próprio haitiano. (BENJAMIN, 2022)

O entrevistado traz a língua crioula como uma conexão com a história da Revolução - que se torna sua própria história. O relembra de sua ancestralidade. Jean faz um ponto importante quando traz a negação do crioulo enquanto idioma oficial como uma forma de dominação francesa, diz que “a colonização não acabou no Haiti, porque... se você é colonizado com a língua, porque a própria língua que a gente usa não é a nossa língua, é uma forma de colonização, sabe?” (ROSIER, 2022). Por isso, continuar praticando a língua surge como uma forma de resistência e manutenção da memória histórica haitiana. Nesse sentido, Jean afirma que é praticamente impossível se reunir com seus colegas haitianos e não utilizar o crioulo durante as conversas. Assim como Benjamin fala que costuma se encontrar com seus

amigos para falar crioulo. Manter essa comunicação parece ser um importante lembrete de suas identidades.

Os costumes, as comemorações, a linguagem, as comidas típicas, são elementos presentes no amplo leque cultural que se relaciona diretamente com o cotidiano dos sujeitos. Compõem a cultura histórica tanto quanto o Ensino de História institucionalizado, ao lado da memória geracional. Vale aqui trazer o trecho do arqueólogo e antropólogo francês Leroi-Gourhan, em que fala da importância das tradições para a manutenção da memória coletiva:

A tradição é biologicamente tão indispensável à espécie humana como o condicionamento genético o é às sociedades de insetos: a sobrevivência étnica funda-se na rotina, o diálogo que se estabelece suscita o equilíbrio entre rotina e progresso, simbolizando a rotina o capital necessário à sobrevivência do grupo, o progresso, a intervenção das inovações individuais para uma sobrevivência melhorada. (1964-65, p. 24 apud. LE GOFF, 1996, p. 475)

Ainda, é crucial destacar a importância dos contextos migratórios como elementos formativos da consciência histórica. A migração representa uma experiência complexa que coloca os sujeitos em contato direto com o diferente, o desconhecido e o novo, permitindo uma nova perspectiva em relação ao que antes era considerado como certo. A relação dos haitianos com a mobilidade, já desenvolvida no capítulo anterior, desafia as narrativas pré-estabelecidas, permitindo aos sujeitos uma revisão e reinterpretação de eventos passados à luz das novas vivências. Até mesmo da memória histórica, que em muitos momentos pode parecer consolidada o suficiente para manter-se imutável. Dessa forma, o contato com novas culturas, novas formas de ver o mundo, oferece uma visão ampliada e dinâmica da história, o que abre caminho para uma consciência histórica mais ampla e sensível.

Como resposta aos questionamentos realizados no início do capítulo, reconhece-se, portanto, que o contato com o Ensino de História foi capaz de assumir três diferentes caracteres nas entrevistas com os quatro sujeitos. Para dois deles, Clef e Wisly, as aulas foram imensamente significativas na formação de suas consciências históricas. Já para Jean, as disputas políticas estão inseridas no contexto educacional, por isso reconhece que outros espaços de formação foram mais importantes que a escola de sua primeira formação - o que muda quando chega ao Brasil e tem contato com o curso de Relações Internacionais. E, por fim, os espaços institucionalizados de ensino não aparecem nos relatos de Benjamin. Além disso, as entrevistas revelam três importantes dimensões que, para além da sala de aula, constituem a cultura histórica a qual os sujeitos estão ou estiveram inseridos durante suas trajetórias de vida: as memórias geracionais, àquelas ligadas ao núcleo familiar e, em grande parte, à infância; as memórias culturais, que se relacionam aos espaços de comemorações, locais de memória e demais objetos culturais, como canções, gastronomia, linguagem; e as experiências de

mobilidade, nem sempre iniciadas no momento da vinda para o Brasil, mas sempre capazes de colocar o indivíduo em contato com o diverso e ressignificar suas memórias. Esses três fatores desempenharam e continuam a desempenhar um papel fundamental na construção de suas consciências históricas, substituindo ou disputando espaço com a história da sala de aula.

4. A HISTÓRIA NOS RELATOS

O uso da metodologia de História Oral trabalha também contra o esquecimento, principalmente quando se atém a construir fontes sobre narrativas pouco valorizadas pela historiografia ocidental. O vínculo que se estabelece entre história e memória é o que Lucilia Delgado (1999) chama de dinâmica inter-relacional. Elas formam uma à outra continuamente, seja quando a memória se torna fonte de pesquisa ou quando a história é evocada no decorrer dos relatos, para fornecer “subsídios necessários ao processo inerente ao ser humano de busca de identidade” (1999, p. 111). Dessa forma, os entrevistados buscam nos processos históricos do passado conteúdos que ofereçam a eles certo sentido de coerência, como defende Pollak (1992), para que possam estabelecer e legitimar uma identidade sólida no presente. Isso acontece não só na busca por sua reafirmação enquanto indivíduo, mas também como grupo capaz de atuar nas dinâmicas da história.

Essa relação entre memória e história se tornou nítida no âmbito dessa pesquisa. Logo nas primeiras respostas, os entrevistados recorrem à história de seu país para descreverem a si mesmos. Na medida em que as conversas avançam, são estabelecidos momentos em que os sujeitos se confundem com os próprios atores dos processos históricos citados. A fim de compreender as narrativas, tomo o conceito de consciência histórica de Rüsen (2007).

Para uma compreensão maior das diferentes formas de orientação e interiorização que o passado histórico assume na subjetividade de cada indivíduo, Rüsen (2007) divide em quatro os tipos de narrativa que expressam a consciência histórica. E narrativa está aqui em seu sentido literal, no tom do discurso utilizado por cada sujeito ao se referir à história. Para o autor, as quatro maneiras de constituir sentido possuem distintas formas de “elaboração da experiência do tempo por meio da *memória histórica*, [...] formação de uma *representação de mudança temporal*, [...] e, por fim, a função de *constituição de identidade*, que articula a representação de mudança temporal, enriquecida com a interpretação da experiência histórica, com a vida concreta dos sujeitos” (RÜSEN, 2007, p. 44). São nesses três pontos que as constituições de sentido se diferem, em seus âmbitos externo e interno. Ele começa, portanto, com a constituição tradicional de sentido, passa pela compreensão exemplar, pela compreensão crítica e vai até a constituição genética de sentido, propondo uma graduação crescente, na qual a primeira necessita de um esforço menor de abstração, enquanto a última apresenta uma maior capacidade de abstração.

Para que seja feita a análise das entrevistas, traça-se aqui uma breve explicação de cada narrativa. Rüsen coloca a narrativa tradicional de sentido, cuja orientação se dá por afirmação,

como base “e ponto de partida subjetivo de toda atividade da consciência histórica” (2007, p. 45). Nela, o sujeito busca no passado elementos que apresentem certo senso de continuidade no presente, aquilo que permanece firme apesar das mudanças: mitos de origem, pressupostos, valores, leis universais. Por isso, leva como critério de sentido o tempo eternizado, fixo; Na narrativa exemplar de sentido, as coisas acontecem de forma um pouco diferente. A orientação aqui aparece como regularidade. Nela, o indivíduo é capaz de perceber regras através do tempo e aplicá-las na sua realidade. Aparece como história mestra da vida, a história ensinando a agir no presente como um processo cíclico, “a história ensina, a partir dos inúmeros acontecimentos do passado que transmite, regras gerais do agir” (RÜSEN, 2007, p. 51). As regras não só existem como são válidas e aplicáveis independente do tempo; O terceiro tipo de constituição de sentido é a crítica, orientada pela negação ou a contraposição. É a negação, principalmente dos discursos hegemônicos sobre a história. Os modelos de construção da história são desconstruídos, questionados, esvaziados. O tempo é marcado pela ruptura. Nela se entende que os indivíduos são diversos e, muitas vezes, opostos uns aos outros, “os sujeitos tornam-se próprios - recusam orientações prévias ou impostas e desenvolvem suas próprias orientações” (RÜSEN, 2007, p. 46) . A partir disso abre-se espaço para novas representações do tempo; por último, a narrativa genética de sentido. Ela tem como forma de orientação a transformação, o tempo torna-se dinâmico, não mais continuidade, validade ou ruptura. A “mudança temporal torna-se ponto de vista orientador da vida prática e da formação da identidade” (RÜSEN, 2007, p. 47). A mudança é o grande foco aqui, é o centro da reelaboração do tempo. É a partir dela que se percebe a diversidade de culturas e sujeitos. O indivíduo reconhece a si próprio pelas suas particularidades frente às interações sociais, “trata-se do modo do reconhecimento mútuo da alteridade como chance de ser por si mesmo” (RÜSEN, 2007, p. 61). Essas narrativas expressam as formas que os indivíduos dão sentido ao tempo, mas é importante citar também que elas não existem sozinhas, os elementos característicos de cada uma delas aparecem articulados uns aos outros. Essas formas de constituição de sentido são possíveis de serem percebidas pela forma que o narrador se comunica. No caso desta pesquisa, é na linguagem do discurso oral que se torna possível a análise do modo como a história se apresenta na vida dos sujeitos entrevistados.

Para explorar as falas e apresentar quais temas são levantados com maior frequência, este capítulo está dividido em dois subtópicos, representando aqueles assuntos históricos mais abordados pelos haitianos ao longo das entrevistas, e que permitem perceber o tom que a História do Haiti assume nas narrativas dos entrevistados.

4.1. REVOLUÇÃO – NARRATIVAS CONTRA O SILENCIAMENTO DA HISTORIOGRAFIA

E hoje a única coisa que temos é a independência, nossa bandeira, a República do Haiti.

(Olith Benjamin)

Palavras como “liberdade”, “livre” e “livrar” apareceram de forma recorrente nas entrevistas realizadas. O passado do Haiti é acessado desde os primeiros minutos pelos quatro sujeitos. A Independência torna-se marca de seu próprio passado, mesmo antes das perguntas mencionarem propriamente o Haiti. Este é, de longe, o processo histórico mais marcante e presente na identidade dos narradores, desempenhando o papel que Rüsen (2007) caracteriza como dimensão interna da consciência histórica: aquela que diz respeito à autocompreensão e envolve a internalização da experiência do tempo para a reflexão crítica sobre a experiência histórica na forma da identificação. Se torna perceptível desde as primeiras falas dos entrevistados a relação pessoal que eles estabelecem com o passado. Convém deixar explícito que a intenção aqui não é a de identificar a veracidade ou não dos fatos da Revolução ou dos demais processos históricos apresentados nas entrevistas, mas buscar compreender o que esses processos significam para os entrevistados.

Como uma escolha metodológica, para possibilitar que os entrevistados contassem de forma livre sobre si mesmos as questões que acreditassem serem mais relevantes, a primeira pergunta do roteiro pede para que façam uma autodescrição. Nesse momento, como entrevistadores e ouvintes, ainda se esperava que o passado ou a história do Haiti surgissem como um assunto. Entre características físicas, idade, estado civil, composição familiar, trajetória de vida, jornada escolar e acadêmica, ocupação, lá está a história do Haiti. Clefaude não chega a falar de processos históricos propriamente ditos, mas acha importante iniciar a entrevista reforçando o quanto sente orgulho de sua nacionalidade, começando com “*Bom, eu acho que a primeira coisa que eu acho importante é... eu sou orgulhoso de ser haitiano, e sou muito feliz de ter nascido no Haiti, de uma população negra*” (ESTIMABLE, 2022). Percebe-se, portanto, dois aspectos de sua identidade logo com as primeiras informações tidas: Clef se reconhece enquanto migrante, como já discutido durante o capítulo de apresentação e enquanto haitiano. Essas são duas condições do ser que ele assume e reivindica para si, características que o formam enquanto sujeito. Seu contato desde a infância com o trabalho social revela uma pessoa capaz de atuar em diferentes grupos. Torna-se previsível que um sujeito que teve toda

essa carga de experiências tenha consciência da importância política implícita em se orgulhar de sua nacionalidade, tendo em vista toda a história muitas vezes silenciada de seu país.

Assim como na entrevista com Clef, durante a conversa com Jean não foi diferente. Como um intelectual haitiano, toda a produção acadêmica dele é voltada para o passado, presente e futuro do Haiti. Quando fala de seu projeto atual, respondendo à primeira pergunta feita durante a entrevista, explica que pesquisa a importância do Caribe para as teorias das Relações Internacionais porque entende o valor que a história do Haiti assume em nível global:

No doutorado minha intenção é buscar estudar a contribuição caribenha na formulação das teorias em Relações Internacionais. Porque o Haiti, por mais que seja um país marginalizado, é um país que tem uma história a nível global, mundial. Então, porque marginalizada, se não tem intelectual de peso no Haiti, eu preciso buscar isso, se eles não fizeram contribuições importantes para o mundo moderno. Porque todas as teorias, referências, são da Europa, que é o exemplo da modernização, mas em 1804 eu considero que Haiti deu um grande passo na era da modernização. Então é mais ou menos isso a minha história, a minha ideia. (ROSIER, 2022)

Essa é a primeira menção que Jean faz à Revolução Haitiana, referenciando-a como um grande acontecimento em direção à modernidade. Primeiro, durante sua autodescrição percebe-se a relevância que dá aos seus estudos e suas pesquisas, ainda mais sendo esse o principal fator de sua migração. Em segundo lugar, nota-se sua preocupação com a produção de material teórico para o fortalecimento da história do Haiti em nível acadêmico, visto que percebe uma lacuna: a falta de visibilidade dos intelectuais haitianos e de suas teorias quando se discute o avanço da modernidade. O contato de Jean com a Universidade e, principalmente, com o curso de Relações Internacionais, o possibilitou ter uma visão mais detalhada e profunda da história haitiana, visão que aparece ao longo de toda a entrevista. Estar inserido no ambiente acadêmico fez com que Jean consolidasse a memória histórica que tem de seu país, e isso fica evidente quando cita que teve “mentores” que o incentivaram a pesquisar sobre o Haiti.

No roteiro da entrevista, após a primeira pergunta, algumas perguntas-chaves são feitas para perceber se os entrevistados, primeiro, se identificam com algum aspecto histórico do Haiti e, segundo, em que aspectos escolhem se debruçar. Quando questionado sobre “o que significa ser haitiano”, Wisly ressalta o orgulho de sua nacionalidade:

Bom, pra mim ser haitiano é um orgulho, é... pra mim é algo bem representativo da minha nação e meu povo. Eu tenho orgulho de ser haitiano, e ser um cidadão haitiano, isso tem um grande significado pra mim. Através de todos os povos do mundo, porque a representação do povo haitiano vale muito e isso tem muito a ver com a história mundial. Pra mim isso é muito importante de ser um cidadão haitiano. (JULES, 2022)

A fala sobre orgulho de Wisly é recorrente também nas demais entrevistas. Vê-se, portanto, a importância da manutenção da identidade nacional para esses sujeitos. Ainda, sua fala se conecta com a de Jean, quando ressalta a importância da história de seu país em escala

mundial, pois reconhece as consequências dela para a modernidade. Assim como Wisly, Clefaude também fala de seu orgulho e faz menção direta à ideia de liberdade:

Bom... começar dizendo, ser haitiano é um orgulho. Primeiro, é... ser haitiano significa lutar, significa não baixar a cabeça frente a qualquer dificuldade que possa acontecer. E para mim ser haitiano significa também a liberdade. Porque pela nossa história conseguimos frear o sistema escravagista e para ter a nossa liberdade. Então para mim sempre pegou como definição, Haiti a própria palavra quer dizer liberdade. (ESTIMABLE, 2022)

Existem alguns pontos importantes nessa fala. Primeiro, a atribuição da palavra “liberdade” ao Haiti e, de certa forma, a si mesmo como fruto da história de seu país. Segundo, reconhece a importância da história haitiana e o peso da Revolução contra o sistema escravocrata francês. Terceiro, se vê enquanto parte dessa história quando diz “[...] pela nossa história conseguimos frear [...]” (ESTIMABLE, 2022), quando poderia ter dito “o Haiti conseguiu frear”, ou “conseguiram frear”. Essa história o pertence e é motivo de seu orgulho.

O mesmo acontece durante a entrevista com Benjamin ao responder a mesma pergunta:

Olha, pra nós é uma tradição muito bonita, de ser haitiano, de ser lutador, de, é... pra se livrar, para ter vida. Porque nosso passado, olha pra nosso passado era pra gente não existir. Então com muita garra, muito esforço, nós conseguimos ser parte do mundo, mesmo que a gente tamo pagando o preço hoje por querer ser humano. Porque a gente não nascemos de nada, nós não tivemos vida. Ser colonizado pela França foi muito cruel, né, vai na história é crueldade mesmo, é pra não deixar o cara sobreviver. (BENJAMIN, 2022)

Benjamin, assim como Clefaude, também se coloca como parte de um processo histórico que não participou diretamente como ator. Ele reconhece uma continuidade, reconhece que vive hoje as consequências tanto da dominação francesa quanto da Revolução que libertou os escravizados. Esses elementos remetem à forma da narrativa tradicional de sentido desenvolvida por Rüsen (2007), quando a história se torna tradição e o presente sua continuidade. Benjamin segue a entrevista falando na primeira pessoa do plural diversas vezes ao se referir de um passado que não viveu, mas que vivencia no presente enquanto memória coletiva.

Esse recurso à história de seu país para construção de sua auto-imagem como sujeito histórico é visto durante todas as entrevistas e está no cerne da concepção e objetivo da consciência histórica, conforme proposto por Rüsen (2007). Ela envolve a compreensão e apreensão ativa do passado, tratando-o não apenas como uma sequência de eventos inseridos em uma ordem cronológica, mas como um meio de significar e legitimar a própria identidade. Halbwachs (1990) chama de memória histórica, exterior ou social, àquela memória de fatos não testemunhados pelo narrador, que são pegadas emprestadas, seja a partir de leituras ou conversas. Entretanto, afirma que essas memórias, por serem demasiado amplas, provocam certo

sentimento de perda de referência. Não é o que acontece no caso dos haitianos aqui entrevistados. Eles recorrem à história para explicar o local em que se inserem, mesmo nos dias de hoje e mesmo que não tenham visto ou testemunhado o acontecimento de alguma forma em seu espaço-tempo. E esse é, fundamentalmente, o objetivo da consciência histórica: responder às demandas relacionadas à identidade e às necessidades práticas da vida dos indivíduos. Ecléa Bosi aponta para o reconhecimento das memórias que, obtidas a partir de diferentes tipos de socialização são apropriadas para si, acabam se tornando íntimas, e afirma que “com o correr do tempo elas passam a ter uma história dentro da gente, acompanham nossa vida e são enriquecidas por experiências e embates. Parecem tão nossas que ficaríamos surpresos se nos disséssemos o seu ponto exato de entrada em nossa vida” (1994, p. 407). Pollak (1992) coloca os acontecimentos “vividos por tabela”, ou seja, aqueles aos quais as pessoas ou os grupos ouvem falar, estudam ou adquirem conhecimento de outra forma, sem ser testemunhando, como um dos elementos constitutivos da memória. Para o sociólogo, “são acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não” (POLLAK, 1992, p 201). Complementa afirmando que, certas vezes, a socialização desses processos, seja política ou histórica, pode dar origem a um fenômeno de projeção, de forma que se torne uma memória herdada. Esse processo tem muito a ver com a construção da memória coletiva de um grupo, percebida durante os relatos. A projeção a qual Pollak (1992) se refere ocorre com Clefaude e Benjamin. Jean também fala da história do Haiti, mas consegue estabelecer certa distanciamento:

É, pra mim ser haitiano, né, porque... nossa percepção de quem somos, é... temos uma percepção própria, mas temos uma leitura que é feita sobre nós como haitiano. Daí a gente sempre fica entre as duas percepções e meio perdido nessa percepção. Porque temos uma história que faz com que a gente se orgulhe, tenho orgulho de ser haitiano pela nossa história. Mas ao mesmo tempo tem uma vergonha de ser haitiano por ser um dos primeiros países a se tornar independente e um dos países mais empobrecidos na América Latina. [...] Eu acho que de forma geral é isso: orgulho da nossa história e orgulho de ser um povo resiliente, porque a gente sempre acredita que o país pode ser melhor, e é isso. Ser haitiano pra mim é ter orgulho da nossa raça, é ter orgulho, dar um exemplo no mundo sobre o que é realmente a liberdade, a gente não negocia nossa liberdade, é liberdade ou morte. (ROSIER, 2022)

Mesmo que não se projete no passado, Jean se reconhece enquanto parte de uma população que lutou pela liberdade e isso é motivo de seu orgulho. Algo que interessa surge na fala desse entrevistado. Ele cita um dos lemas históricos da Revolução Haitiana. “Liberdade ou morte” foram as palavras escritas na bandeira que substituiu a francesa logo após Jean-Jacques Dessalines declarar a independência do Haiti (BUCK-MORS, 2011). A ciência histórica entra em seu discurso, que segue um padrão de narrativa tradicional, como critério para legitimá-lo.

Como acadêmico, Jean demonstra profundo conhecimento dos detalhes da história de seu país, o que reforça sua identidade enquanto haitiano.

A história do Haiti surge nas falas dos quatro haitianos como fundamento, como cimento para a parede de suas identidades, legitimando e orientando suas próprias histórias. Atribuem a si parte de uma história pela busca da liberdade, são descendentes da resistência. Ao ser perguntado sobre o que escolheria contar para os brasileiros sobre a história do Haiti, Clefaude afirma que falaria sobre processo de Independência do país e sobre seus aspectos socioculturais, em contraste com a ideia de pobreza que os brasileiros demonstram ter quando menciona o país. Ou seja, a história da Revolução, da conquista da Independência, surge como um contraponto à imagem pejorativa dos brasileiros. Essa história aparece dentro de uma narrativa de resistência e valorização. Isso também acontece com Jean, Benjamin e Wisly. Ao ser feita a mesma pergunta, Benjamin fala sobre a Independência, e Jean diz que contaria aos brasileiros quem foram os grandes ícones da Revolução:

Então eu contaria a história, eu contaria sobre Dessalines, sobre Toussaint, eu contaria sobre Boukman, sobre Catherine Flon, quem costurou a bandeira do Haiti. É... eu falaria do homem que foi o Toussaint L'Ouverture, sobre esse grande homem, de grande estratégia, mais inteligente que os dirigentes da metrópole. (BENJAMIN, 2022)

Jean volta a falar sobre a Revolução Haitiana em outros momentos, principalmente quando menciona suas pesquisas. Dos quatro entrevistados, ele é quem tem a visão mais crítica do processo histórico, conseguindo reconhecer suas contradições. Rüsen (2007) aponta para as formas que a ciência histórica pode assumir quando colocada diante dos diferentes tipos de narrativa. Para o autor, a cientificidade é crítica da tradição, entretanto “ela não [as] destrói, mas eleva-as a um determinado nível cognitivo” (2007, p. 70). Ou seja, a tradição não precisa ser completamente negada, como aconteceria a partir de uma narrativa crítica de sentido. É assim que Jean lida com a memória histórica do Haiti. Reconhece as contradições e os embates historiográficos, mas não deixa de lado o orgulho dessa história, já que vê a importância de estabelecer um contraste com a narrativa ocidental hegemônica que coloca o Haiti como um país que se resume às ruínas. A luta contra essa narrativa predominante também aparece na fala de Wisly. Como resposta à mesma pergunta feita a Jean, ele diz que escolheria contar a parte da história do Haiti que pode motivar alguém para a luta, em contraponto a uma outra parte que não traria “*grande benefício*” ao ouvinte:

Se for pra contar a história, eu ia contar a parte mais emocionante. Aquela parte que ajudou alguém a crescer. E o que pode ajudar- que ajudou os outros países a crescer na verdade, desculpa a forma que falei. E também que pode motivar alguém pra luta. É a história mais antiga do país, eu ia contar. Desenvolvimento da escravidão até o momento da primeira presidência do país, que era ótimo. Ou posso dizer que era a parte mais emocionante da história do país, que pode motivar alguém muito mais

essa parte da história. Mas a outra parte, pra mim, não tem grande benefício não, sabe? (JULES, 2022)

Nesse momento, fica implícito o processo histórico ao qual Wisly se refere. Buscando obter melhor compreensão, pergunto qual seria essa parte emocionante da história do Haiti e ele responde que é *“Aquela parte onde o povo haitiano se tornou livre. É, como a gente sabe que Haiti é o primeiro país negro que conseguiu a liberdade. Essa parte é uma parte que pode motivar alguém muito mais na vida”* (JULES, 2022). A história assume, a partir dessa fala, um sentido exemplar. Para Wisly, existe uma história que serve e outra que não serve para suprir as carências do presente. Ela é importante aqui pelo seu papel motivador, ensina algo que é válido para orientar no presente. E continua:

E até talvez pra mim também, quando chega um momento pra desistir na vida me lembro que eu sou haitiano, não vou desistir não. Porque graças a algumas... é... no dia-a-dia a gente sempre lida com as emoções. Às vezes chega algo que até te faz pensar que tu não tem nada a ver, tem que desistir mesmo. Mas às vezes a gente precisa lembrar dessas coisas pra ter mais força pra lutar, porque a vida é uma luta mesmo. Quem não luta já daqui a pouco vai morrer (risos). (JULES, 2022)

Identifica-se, até aqui, duas questões na fala de Wisly. A primeira, ao lutar contra uma narrativa depreciativa da história haitiana, busca ressaltar os processos históricos que fizeram do Haiti um país de pessoas livres e livre da metrópole, citando, inclusive, a primeira presidência do país que, segundo ele, teria sido *“ótima”*. Essas falas mostram o entrelaçamento entre as narrativas tradicional, exemplar e crítica. A segunda questão se refere à atuação da história haitiana em seus processos subjetivos. É o momento em que a história ganha contornos subjetivos e constitui a identidade do sujeito - quando fala que ela o motiva nas suas lutas cotidianas - reforçando o que Rüsen (2007) chama de função da formação histórica: a orientação para a vida prática. O conhecimento histórico assume, para o autor, a função de orientar os indivíduos em suas vidas, nas formas que se colocam espacialmente e temporalmente. Na forma que lidam com as rupturas e os traumas. Na forma que olham para si como ser participante de uma comunidade.

Ainda sobre o primeiro ponto, o embate entre as narrativas, quando Jacques Le Goff (1990) escreve sobre a historicidade da memória e como ela vem sendo tratada ao longo dos tempos, defende que o estudo da memória social é capaz de identificar questões históricas em disputa, visto que *“tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva”* (1990, p. 426).

Tendo em vista também o que desenvolve Bosi (1994), as lembranças e memórias são acessadas a fim de responder às demandas do tempo presente. Quando os haitianos decidem relembrar a história do Haiti a partir de uma lente gloriosa é também uma escolha política, que contrasta com um passado e um presente de exploração e dependência do país e, ainda, um apagamento da importância histórica do processo da Independência. Escolhem resistir à redução da história do país ao terremoto ou à destruição. Pollak (1992) também fala sobre isso. Como construção, a memória é constantemente trabalhada e reorganizada a depender das carências de seu tempo. Surge nas narrativas dos migrantes aqui entrevistados a reivindicação de uma memória do Haiti diferente daquela que assume somente seus reveses.

Michel-Rolph Trouillot (2016) discorre acerca do silenciamento do Haiti na historiografia ocidental. O autor aborda o problema conceitual e epistemológico que envolve a Revolução, a colocando como “inconcebível, mesmo enquanto acontecia” (2016, p. 125). O que isso quer dizer? Enquanto a Revolução acontecia, o evento continuava não estando em um horizonte possível para os intelectuais ocidentais do período. Mais que isso, era impensável, não cabia dentro das regras da ordem ontológica dos pensadores europeus, mesmo daqueles que se referiam tanto à liberdade em seus escritos:

A Revolução Haitiana colocou em questão as premissas ontológicas e políticas dos escritores mais radicais do Iluminismo. Os eventos que sacudiram Saint-Domingue de 1791 a 1804 constituíram algo para o que nem mesmo a extrema esquerda na França ou na Inglaterra tinha um quadro de referência conceitual. Eram fatos “impensáveis” no quadro do pensamento ocidental. (TROUILLOT, 2016, p. 139)

A ideia de que os escravizados estariam lutando e, posteriormente, teriam conquistado sua liberdade e a libertação da França era incompatível com a forma com que os europeus viam o mundo. Portanto, precisava-se encaixar o que havia acontecido nos moldes, nos ideais ou nas categorias epistemológicas da ciência do período. Trouillot afirma, inclusive, a inexistência de um termo que desse conta das práticas que hoje categorizamos como resistência. O autor cita um discurso de Jean-Pierre Brissot, em que este alega que as notícias que chegavam até a França sobre o que acontecia em Saint-Domingue só poderiam ser falsas. Brissot fala da incapacidade de organização e ação dos negros em conjunto, mesmo que o fizessem não teriam apoio dos mulatos e brancos e, mesmo que tivessem, seriam derrotados pelas tropas francesas. Da mesma forma, diferentes justificativas foram dadas como razão dos levantes na impossibilidade do reconhecimento dos negros, primeiro, como humanos e, segundo, como aspirantes da sua própria liberdade. A negação seguiu todo o curso do processo revolucionário (TROUILLOT, 2016).

Surge daí uma historiografia permeada de silenciamentos. Trouillot revela a similaridade da forma que a Revolução passa a ser tratada pelos historiadores com aqueles discursos que negavam o evento mesmo enquanto acontecia. Levanta duas fórmulas que passaram a compor as narrativas desenvolvidas por historiadores de fora do Haiti. As fórmulas de rasura, que se resumem ao apagamento direto do fato da Revolução, e as fórmulas de banalização, sendo esta a mais comumente vista entre os especialistas. As primeiras questionam e contestam a importância do evento, as segundas o reduzem a detalhes, pequenos acontecimentos que devem ser compreendidos em seus diferentes contextos sem que seja estabelecida uma relação entre eles. E a união desses dois gera o que o autor chama de “poderoso silenciamento”: “o que quer que não tenha sido cancelado pelas generalidades fenece na irrelevância cumulativa de um amontoado de detalhes” (TROUILLOT, 2016, p. 162).

A Revolução Haitiana, em termos historiográficos, foi significada por diferentes grupos sociais para uso político a depender de seus interesses. Esse fator se fortaleceu pelo destino imposto pela França e, posteriormente, pelos Estados Unidos a partir da relação de dependência e exploração vista até os dias de hoje no país. Durante nossa conversa com Jean, ele demonstra estar ciente dessa relação, e como ela fortalece e valida as próprias teorias ocidentais:

Eu falaria também sobre a questão de que a Europa falava que o negro é inferior e precisava mostrar, quem ousou ser independente vai pagar um preço grande. E o Haiti tá pagando o preço porque eles precisam comprovar as teorias deles. E essa teoria tá sendo... eles tão mostrando que é uma comprovação, de que um povo negro não pode ser um povo independente, não pode ter progresso, eles não são capaz de se autogovernar. (ROSIER, 2022)

Em contraponto a esse apagamento sistemático e estrutural da Revolução Haitiana da escrita da história, apagamento de suas implicações para o mundo moderno, tanto europeu, resultando em grandes perdas para a França, quanto americano, servindo de exemplo como segundo país independente das Américas, tem-se no século XIX a criação de um discurso épico acerca do acontecimento. Essa narrativa foi construída e utilizada pelas elites haitianas, e assume um papel de alimentar “entre eles uma imagem positiva da negritude, bastante útil num mundo dominado por brancos” (TROUILLOT, 2016, p. 175). É essa, também, uma forma de uso político do passado do Haiti para o fortalecimento da imagem de um país resistente frente à dominação Francesa anterior e posterior à Revolução (TROUILLOT, 2016).

Nas falas de Benjamin percebe-se uma ligação com esse discurso:

E hoje a única coisa que temos é a independência, nossa bandeira, a República do Haiti. Então... é muito praticado na escola, a convivência na rua... então, todos haitianos são historiador. Todo ele. E é uma coisa fantástica. Pegar um haitiano ele sabe falar da independência, ele sabe falar do trabalho que passaram nossos antepassados. Então é a única que temos, que ganhamos. (BENJAMIN, 2022)

É interessante a centralidade que a palavra “única” assume na fala do entrevistado. Ele afirma duas vezes que a Independência é a parte da história do Haiti a que os haitianos podem recorrer. É aquilo que os fazem ter orgulho de sua nacionalidade, seu único e maior êxito. Constrói-se uma narrativa de resistência. Essa narrativa, assim como a escolha por um discurso épico para contar a história haitiana, pode deixar brechas ao decidir ignorar as contradições inerentes a qualquer processo histórico, nesse caso o processo revolucionário, como as disputas internas que Trouillot chama “guerra dentro da guerra”. São silêncios escolhidos para manter a narrativa da

revolução vitoriosa que seus ancestrais fizeram contra a escravidão e contra o colonialismo e que o mundo branco fez o possível para esquecer. [...] São silêncios de resistência, silêncios arremessados contra um silêncio superior, o silêncio que a historiografia ocidental produziu em torno da Revolução de Saint-Domingue/Haiti. (TROUILLOT, 2016, p. 120)

Durante as entrevistas, percebe-se o que Trouillot relata nesse pequeno trecho. Há o cuidado dos migrantes, mesmo de Jean que revela críticas ao processo histórico durante seu relato, para não atravessar a história do Haiti com particularidades do acontecimento que podem desestruturar aquilo que lhes é, utilizando a fala emblemática de Benjamin, seu único motivo de orgulho em um contexto de disputa política pela memória. Como já dito, a migração é capaz de alterar as antigas e/ou construir novas memórias. Ao que parece, a situação de deslocamento vivenciada pelos narradores acabou por resultar em um reforço da identidade nacional e na acentuação do apego ao antigo território, que aparece durante as narrativas quando falam de suas infâncias e trajetórias de vida. É essa uma maneira de resistir ao apagamento sistemático de suas memórias e da história haitiana. A fala de Jean citada em sua apresentação, quando estabelece um paralelo com a Alegoria da Caverna de Platão, também é muito sintomática nesse sentido e exemplifica a relação entre a migração e o reforço da identidade. Obviamente que devemos considerar o fato de ele ser acadêmico e a academia ter possibilitado essa mudança de visão. Mas é, ainda, muito interessante como ele estabelece um paralelo entre a sua experiência migratória e a teoria de Platão. Esse contato com o diferente para, assim, entender-se a si próprio e a história em que está inserido remete também ao que Rösen (2007) chama de narrativa genética. A mobilidade, a migração, é vista como uma experiência formadora de consciência histórica e contribui para o desenvolvimento de uma constituição genética de sentido. Ela coloca os sujeitos em contato direto com o que é diverso, como evidenciado nas narrativas, e ao contrário de enfraquecer suas identidades, as reforça.

Neste momento, se recorre ao autor da didática da história para compreender qual a relação dos entrevistados com a história do Haiti e como ela interfere na vida prática desses

sujeitos. No caminho, percebe-se o entrelaçamento das diferentes narrativas por ele categorizadas. São elementos que se unem na formação da visão de história que os entrevistados carregam. Ao ler e interpretar os relatos, reconhece-se que a linha entre as narrativas tradicional e exemplar aparece de forma muito tênue. Em Rüsen (2007), a constituição tradicional de sentido orienta os sujeitos com base na regularidade, nas continuidades dentro da mudança, usa como pilar a tradição e recorre à realidade material como base. Já a constituição exemplar, que amplia em certa medida o nível de abstração da primeira, tem sua orientação dada por meio das regras e princípios, o passado usado como exemplo no presente e para o futuro, direcionando a ação dos sujeitos no agora. Na primeira, a história se mantém. Na segunda, a história se repete. Nas falas, essas versões se misturam de forma que as diferenças ficam quase imperceptíveis. A Revolução Haitiana surge quase como um mito da origem da liberdade que de fato foi conquistada na realidade material, e os sujeitos entrevistados aparecem como mantenedores, às vezes até como atores, dessa memória épica da qual tanto se orgulham. Benjamin é bem enfático ao dizer que a Revolução é a “*única*” coisa que seu povo tem. A tradição aparece quando cita que os haitianos são todos historiadores, ou seja, é como se tivessem a função de manter viva a história revolucionária do Haiti.

Enquanto as características da narrativa tradicional aparecem, os pontos da narrativa exemplar se somam a elas. A fala de Wisly representa bem a natureza da constituição exemplar quando diz que contaria sobre a parte da história do Haiti que pode motivar as pessoas. Também quando afirma que ao pensar em desistir se lembra da história de seu país e de seus antepassados, aplica as regras daquele contexto histórico em seu dia-a-dia, as utiliza como fundamento do seu agir, objetivo e subjetivo. Nesses momentos a história da Revolução surge como continuidade, mas também como exemplo. Jean também tem uma fala interessante que elucida essa constituição de sentido. Em determinado momento o entrevistado diz que “*ser haitiano [...] é ter orgulho da nossa raça, é ter orgulho, dar um exemplo no mundo sobre o que é realmente a liberdade, a gente não negocia nossa liberdade, é liberdade ou morte*” (ROSIER, 2022). O que é liberdade? Liberdade é um conceito abstrato, mas Jean cita a história do Haiti como o verdadeiro exemplo do que significa liberdade. Rüsen (2007) fala sobre isso ao caracterizar a constituição exemplar, pode ser muitas vezes uma narrativa que universaliza princípios e pontos de vista acima de outras concepções acerca da mesma ideia ou conceito.

Seguindo para a definição da constituição crítica de sentido dada por Rüsen (2007), no momento em que os entrevistados dizem se orgulhar da história de seu país eles estão negando uma outra história, aquela que caracteriza o Haiti como um país miserável, que construiu seu próprio fracasso através de sua rebeldia contra a metrópole e o modelo econômico e político

escravista. Os haitianos entrevistados negam essa versão, hegemônica e globalmente difundida para se orgulhar da Revolução que seu povo venceu. A primeira Revolução de escravizados bem sucedida da história. O segundo país das Américas a conquistar a independência. Reconhecem o peso da história do Haiti a nível mundial, apesar dos seus relatos de que poucas pessoas não haitianas conhecem a Revolução. Ao conversar com os brasileiros, os entrevistados dizem que muitos só conhecem o Haiti pelo terremoto e pela pobreza, seguindo um modelo de escrita da história que ressalta o fracasso do destino haitiano a partir da Independência. Portanto, afirmo que a constituição crítica de sentido está nítida nas narrativas de todos haitianos entrevistados, visto que para Rûsen ela trabalha através da negação, a partir do esvaziamento dos “modelos de interpretação histórica culturalmente influentes, mediante a mobilização da interpretação alternativa das experiências históricas conflitantes” (2007, p. 55). Além do orgulho que sentem da história do próprio país, também reconhecem a existência daquela construção de história ocidental, descrita por Trouillot (2017), que negou o fato da Revolução até onde pôde para manter os rumos da historiografia sob seu controle e dentro dos seus moldes.

Entretanto, por mais que se coloquem críticos à escrita da história proveniente da Europa, os entrevistados partem para uma narrativa épica da história do país, misturando a constituição crítica, tradicional e exemplar. Quem fugiu um pouco desse padrão foi Jean, que criticou essa história monumental da Revolução, parecendo reconhecer as contradições do processo histórico que a envolve.

Nas falas dele também é possível identificar a constituição genética de sentido: foi saindo do país, conhecendo e estudando a cultura e a história de seu país a partir de outros ângulos que Jean pôde reafirmar sua identidade, não só enquanto haitiano, mas como migrante e pessoa negra:

Então o que agrava aqui é a questão da cor, porque nunca li, eu já ouvi falar, mas nunca li sobre racismo, nunca entendia esse negócio de racismo. Porque eu vim de um país que é 95% de negros. Eu não tive muito contato com brancos, eu só via os brancos na rua. Geralmente são turistas, são o pessoal da ONU, sabe? Então eu não tive contato com brancos. Algumas pessoas de cores que parecem mulatos fazem parte da população com quem você convivia, mas você não sente isso, essa questão da cor. Mas eu acho que quando cheguei aqui, eu senti essa questão da cor, quando cheguei aqui no Brasil, em Florianópolis, na Universidade, porque eu era o único negro. (ROSIER, 2022)

Da mesma forma, Wisly fala que se descobriu como pessoa negra somente ao chegar no Brasil, quando teve contato com essa nova cultura:

Até lá no meu país que eu amo muito, eu não nunca tinha pensado que eu sou negro, eu sou isso... eu já ouvi falar de racismo e preconceito na história, mas nunca pensei muito sobre isso. Eu fiquei pensando de verdade sobre isso quando cheguei aqui. Agora tô começando- comecei a viver perto de uma pessoa branca e eu- considerando que eu sou negro. Foi aqui eu comecei a pensar de verdade sobre o que que é isso.

Sabe? Porque lá meu país é um país de negro, né? A gente não pensa sobre essas coisas. Não tem porquê também, porque somos negros (risos). (JULES, 2022)

Rüsen caracteriza a narrativa genética como resultado de uma reelaboração histórica, em que “o tempo passa a ser percebido como qualidade das formas de vida humana, como chance de superar os padrões de qualidade de vida alcançados, como abertura de perspectivas de futuro que vão qualitativamente além do horizonte que se obteve até o momento” (2007, p. 58). O sujeito se dispõe a reconhecer as mudanças e se reconhece a partir da alteridade mútua. Ao ter contato com o outro, passa a redescobrir a si mesmo. E retomando o que já foi dito, apesar de distingui-las, o autor explicita que nenhuma constituição de sentido existe sem que as outras apareçam em certa medida no discurso. O caminho feito do ponto de partida da constituição tradicional até a genética revela o aumento dos níveis de complexidade da consciência histórica dos sujeitos.

Não se pode, no âmbito dessa pesquisa, afirmar que as falas dos migrantes entrevistados em relação à história do Haiti façam parte de uma memória ou identidade nacional, visto o número de entrevistados e entendendo que todos eles tiveram acesso à educação e letramento, o que não é a realidade de grande parte dos haitianos. Entretanto, vale destacar a importância dessas narrativas para a manutenção e valorização da história do Haiti. Talvez sejam essas narrativas que mantêm viva a memória da Revolução. Por serem constitutivas da identidade desses sujeitos que vivem no presente, elas mantêm a memória da revolução viva e em constante ressignificação. Esse cenário mostra como funciona a dinâmica entre memória e história - a história aparece nas memórias como recurso para a manutenção de identidade, memória essa que, ao mesmo tempo, constrói e fortalece a história, criando ou consolidando discursos e narrativas. Por mais que os entrevistados não tenham testemunhado os fatos narrados, eles se tornam seus contemporâneos. O passado surge enquanto presente da coletividade:

Nesses casos, como em outros tantos, os sujeitos coletivos que supostamente recordam não existem como tais à época em que ocorreram os eventos que pretendem recordar. Em lugar disso, sua constituição como sujeitos segue lado a lado com a contínua criação do passado. Assim, eles não são sucedâneos desse passado: são seus contemporâneos. (TROUILLOT, 2016, p. 43)

As falas dos sujeitos sobre a Revolução Haitiana revelam muito acerca dos seus níveis de consciência histórica, mas ele não é o único processo histórico que aparece com certa frequência nas narrativas coletadas. Os migrantes conseguem relacionar a história de dependência do país diante das potências europeias e dos Estados Unidos com a atual situação em que o país se encontra, o que também mostra que a formação desses sujeitos foi eficaz não só ao formar e/ou reforçar suas identidades, mas também no entendimento do mundo que os cerca e das relações estabelecidas nele.

4.2. DEPENDÊNCIA

Ainda que seja o processo histórico mais conectado com os sentimentos de pertencimento, orgulho e identidade, a Independência do Haiti não é a única questão histórica que surge nos discursos dos entrevistados. Também se percebe nas falas dos migrantes Benjamin, Jean e Wisly o reconhecimento das políticas que fazem com que o Haiti seja hoje, no século XXI, um país profundamente dependente em termos econômicos, políticos, militares e até culturais. Desde o processo de colonização até os projetos mais recentes da ONU (Organização das Nações Unidas), como a MINUSTAH, são, durante as narrativas, reconhecidos enquanto causas e sintomas dessa dependência histórica.

Como visto anteriormente, a construção do estado de dependência do Haiti tem como consequência direta a tradição migrante do país e, por isso, tem efeito frontal na vida dos entrevistados. Isso se expressa durante as entrevistas. Os sujeitos recorrem aos processos de exploração do país para contextualizar suas memórias de infância, suas memórias familiares, suas experiências migratórias e, inclusive, o atual estado da República Haitiana. Esse uso da memória histórica revela a estreita relação entre as dinâmicas do passado do país e as trajetórias individuais dos entrevistados, e demonstra o papel que esses processos assumem de forma profunda e duradoura na construção de suas identidades e no modo como eles interpretam e dão sentido às suas experiências pessoais. Essa é a consciência histórica em atividade: ao prover elementos para que o indivíduo compreenda a complexidade do mundo em que está inserido, ela cumpre seu objetivo de suprir as carências e demandas da vida prática.

A relação de dependência a qual o país caribenho é imposto desde sua colonização afeta, ainda, nos aspectos identitários dos haitianos. Jean acha importante deixar explícita a dualidade na visão que possui sobre o que é ser haitiano: *"tenho orgulho de ser haitiano pela nossa história. Mas ao mesmo tempo, tem uma vergonha de ser haitiano por ser um dos primeiros países a se tornar independente e um dos países mais empobrecidos na América Latina"* (ROSIER, 2022). Ele relaciona essa visão com as limitações que a população haitiana enfrenta nos processos migratórios, *"um dos países dentro da América mais marginalizado quando você está em situação de deslocamento. Seu passaporte não te permite passar as fronteiras com tranquilidade. Então você percebe seu lugar no mundo [...]"* (ROSIER, 2022). Além disso, o acadêmico reconhece que a imagem que se tem, como um senso comum, sobre os haitianos não é a mesma que eles têm acerca de si mesmos quando diz *"[...] a gente não lê nossa própria história, a gente lê nossa história com as lentes da Europa. Então às vezes a gente acaba*

acreditando que realmente a gente precisa da Europa, ou não” (ROSIER, 2022). As duas visões correm o risco de se confundir, tendo em vista a intervenção estrangeira nas questões nacionais - sejam elas econômicas, militares ou culturais. Relaciona as implicações do passado do Haiti em seu presente, pensando, inclusive, no âmbito das migrações. Percebe-se a partir desse relato, como já dito anteriormente, que Jean tem nítida a noção de que existe uma visão ocidental dominante da história do Haiti. Não obstante, essa visão é sintoma e, ao mesmo tempo, forma de manutenção da construção histórica da dependência do país. Os haitianos entrevistados, de forma geral, conseguem se contrapor a essa perspectiva, reconhecendo que a dependência e o lugar de subalternidade do Haiti como resultado de violências sistemáticas dos países imperialistas contra o país caribenho.

Quando perguntado sobre o que contaria aos brasileiros sobre o Haiti, além de falar sobre a Revolução, Jean dá grande importância para o processo de exploração do país pelas grandes potências econômicas

Eu diria que que a culpa da miséria total do Haiti, não vou tirar total, a culpa total, mas a culpa, quem tá colocando os pés no pescoço do povo haitiano é a Europa, os Estados Unidos. Porque a história... saiu no New York Times na semana passada. Eu já sabia, a gente lia, mas saiu um pouco mais caro pras pessoas. Até muitas coisas que eles falaram estão no meu TCC. Aquelas reserva de ouro que eles levaram do Haiti em 1914, os Estados Unidos pegaram toda a reserva de ouro do Haiti. Tá no New York Times, saiu, mas tá no meu TCC, que eu fiz em 2015, 2014 eu falei sobre isso. (ROSIER, 2022)

A matéria a qual Jean se refere, intitulada “The Root of Haiti’s Misery: Reparations to Enslavers”⁹, escrita por Catherine Porter, Constant Méheut, Matt Apuzzo e Selam Gebrekidan e veiculada através do The New York Times em maio de 2022, denuncia as dívidas as quais a França submeteu o país recém liberto, e os gastos e a exploração do Haiti pela presença estadunidense em seu território. Jean abre para discussão, também, o fato de que a denúncia precisou ser feita por um veículo de imprensa norte americano para ganhar visibilidade e legitimidade. Relata que “*já sabia, a gente lia, mas saiu um pouco mais caro pras pessoas*” (ROSIER, 2022) e cita seu trabalho de conclusão de curso como exemplo de que pesquisas nesse sentido já existem, já demonstram que a dependência do Haiti vem da exploração colonial e continua com o imperialismo europeu e estadunidense. As informações que Jean traz, na grande maioria das vezes, estão atreladas ao conhecimento que construiu ao longo de sua trajetória acadêmica.

⁹ Em tradução livre: “A Raiz da Miséria Haitiana: Reparações aos Escravizadores”. A matéria pode ser acessada através do link: <https://www.nytimes.com/2022/05/20/world/americas/haiti-history-colonized-france.html>

Ainda na mesma fala, Jean cita outros processos pelos quais o Haiti passou e que contribuíram para seu estado de profunda dependência:

Então, mostrando que a miséria... a gente passou mais de 100 anos pagando uma dívida inventada, que custou 50% do orçamento público por 100 anos. E até hoje você tá pagando. E mostrando toda essa intervenção, a ONU, Missão de Paz, tudo, é uma questão de demagogia. Uma missão que foi no Haiti em 2003 pra ficar 6 meses ficou 17 anos. Então é uma, é uma estratégia pura de “eu cheguei, tem ONU, ONU tem que mostrar que ta fazendo trabalho”. Então toda vez que chegou 6 meses criaram a desestabilização no país. Eles que criaram e falaram que Haiti precisa. Porque Haiti não produz armas, todas as armas que entraram, essa guerra entre os haitianos, a gente não produz armas, a gente não tem fábricas de armas então... eles venderam as armas para os haitianos, desestabilizou o país pra mostrar que os haitianos precisam. (ROSIER, 2022)

Ele reconhece os papéis da Missão de Paz, da presença estrangeira da ONU nas instâncias militar e política também como uma forma não só de manutenção, mas de criação da desestabilização e dependência do Haiti citando, inclusive, a indústria armamentista. Continua falando dessa relação ao explicar quais os reais interesses das potências no país caribenho:

O que é uma coisa até hoje que eu não consigo entender, quando tem crise você chama pessoas que não tem nenhum interesse para mediar suas crises. Até hoje não entendo isso, porque eles não tem nada a ver com suas crises e são os autores das suas crises. Daí quando você tem uma crise você quer intermediação. Eles tem um grupo especial no Haiti que entra muito fundo nos assuntos do Haiti. Eu não me lembro o nome do grupo, mas é um grupo que é composto pelos Estados Unidos, pela França, pela Alemanha e, atualmente, o Brasil entra nesse grupo. Um grupo que entra bem fundo nos assuntos políticos do Haiti, quando os haitianos não querem se entender, aquele grupo vai intermediar, vai tentar ver se pode ter uma cooperação. Pra mim esses haitianos falta o sangue de Dessalines, falta um sangue de Toussaint Louverture, por querer negociar com pessoas que não tem interesse no país. (ROSIER, 2022)

É interessante destacar na fala citada acima o paralelo que Jean faz com as figuras de Dessalines e Toussaint, dois dos principais personagens da Revolução Haitiana. Essa contraposição evidencia também o conflito entre a luta pela liberdade das amarras de seus colonizadores na virada do século XVIII para o XIX e a atual situação de dependência em que se encontra o país. Ao que parece, Jean acha essa realidade contraditória. Quando fala que “*falta o sangue de Dessalines, falta um sangue de Toussaint Louverture*” (ROSIER, 2022) nos atuais governantes haitianos, o intelectual recorre de forma nítida à narrativa exemplar da história (RÛSEN, 2007), quando se tende a usar as experiências do passado como forma de guia de ações no presente para a construção de um futuro, o que muitas vezes ignora que cada conjuntura histórica possui suas particularidades.

Em diferentes momentos da entrevista, Jean reconhece as consequências diretas da construção da dependência do Haiti na vida, não só dele, mas dos haitianos de forma mais ampla. Em uma passagem já citada, fala do lugar de marginalidade dos migrantes do país dentro dos processos de migração. Mas também traça alguns paralelos dolorosos entre o processo de

colonização e a atualidade. Ainda quando conversávamos sobre a migração, sobre as fronteiras e seu trabalho no CRAI, Jean lembra de uma fotografia que havia visto durante a pandemia e a relaciona com a colonização:

As fronteiras [...] têm um sentido muito de segurança, de ameaças. Então a imigração é considerada como uma ameaça muito forte às nações. E isso não é só Estados Unidos, é mais forte nos Estados Unidos e na Europa, mas no Brasil você tem esse sentimento por parte de alguns brasileiros que se sentem ameaçados, né, com a chegada de alguns imigrantes. Mas esse dinheiro que os Estados Unidos tá dando para o Brasil, para a Colômbia, é uma política de conter o fluxo da migração. Tipo, não deixa esses imigrantes chegar em nossas portas, sabe? Então vou dar dinheiro pra vocês pra acolher, pra fazer projetos com os imigrantes, pra que eles ficam mesmo na América Latina, e não chegam, não batem em nossas portas. Então a relação é bem isso. Eu me lembro quando... durante a pandemia, aquelas imagens dos haitianos, aquela pessoa numa cavalo com coisas que lembra a colonização. (ROSIER, 2022)

Figura 01 - Policial estadunidense agredindo migrante haitiano



Fonte: O Globo Mundo (2021)

A imagem acima é a que Jean faz referência em sua fala. Registrada por Paul Ratje, a fotografia é de conteúdo profundamente sensível e delicado, e destaca os horrores presentes nos processos migratórios e as violências às quais os migrantes estão sujeitos. Revela a desumanização de uma população já em estado de profunda vulnerabilidade. Através dela, Jean rememora o processo de colonização, mesmo que não o tenha vivido. Não é de forma leviana que ele traça esse paralelo. Há um certo nível de reconhecimento de uma continuidade do processo histórico da colonização no presente em seu relato. Nesse contexto, ele aparece como uma referência, resgate, para ordenar e dar sentido ao presente. Isso também acontece quando cita a colonização em outros momentos da entrevista. Ao falar sobre religião, aponta para o processo de evangelização como causa da intolerância religiosa no país, ou quando menciona que as pessoas negras possuem uma desconfiança em relação ao sistema de saúde porque

you have a history of colonization that always describes the black, né. That says that the black is a beast, the black is a thing, the black is not intelligent. When the black comes to the hospital and says that he has a disease, this disease is generally treated as a lie from the white wanting to say that this black is bringing disease [...] (ROSIER, 2022).

Esses são grandes exemplos do que Pollak (1992) se refere quando destaca o trabalho de construção e reconstrução contínua do passado e das memórias como demanda da necessidade de ordenação do presente.

A menção aos processos de colonização, exploração e construção da dependência haitiana aparecem com menos frequência na entrevista com Clefaude. Este, por sua vez, foca em falar sobre a Revolução. Benjamin, entretanto, desde a primeira pergunta feita na entrevista, busca referências no processo de colonização para explicar a situação de dependência do país. Ele busca na colonização a justificativa para o lugar de fragilidade do Haiti quando diz “*nós fomos colonizados pela França, né, logo houve uma ditadura, trinta anos, aí o país nunca engajou depois da colonização e em seguida uma ditadura. Então gera um problema social, é... cultural, até hoje*” (BENJAMIN, 2022). Em uma outra linha já citada neste texto, ele volta a falar da colonização e sobre como a dominação francesa foi cruel, “*porque nosso passado, [...] olha pra nosso passado era pra gente não existir. Porque a gente não nascemos de nada, nós não tivemos vida. Ser colonizado pela França foi muito cruel, né, vai na história é crueldade mesmo, é pra não deixar o cara sobreviver*” (BENJAMIN, 2022). Benjamin vê a continuidade da crueldade da França contra sua colônia ainda na atualidade. Cita que os haitianos pagam o preço dela até os dias de hoje, ou seja, carregam essa herança da colonização. A forma que Benjamin fala desse processo é, em certa medida, um pouco mais abstrata que a maneira que Jean. O acadêmico, traz inclusive alguns números. Apesar disso, Benjamin, assim como Jean, cita a dívida da Revolução e a exploração das minas de ouro haitianas: “*Então quando nós pegamos a independência, eles fizeram a gente pagar pela independência. Ele pegaram todos nosso ouro, pegaram, e eles fizeram que a gente tem uma dívida, a gente pagamos pra ele pra que a gente seja a gente*” (BENJAMIN, 2022).

É nítido em sua fala que Benjamin se orgulha de fazer parte de uma população que luta até os dias mais recentes contra a dominação que se estende desde seus tempos de colônia francesa. Ainda, é importante trazer novamente o momento em que o entrevistado fala sobre sua infância, que reconhece dentro dos processos históricos da ditadura haitiana e da ação da MINUSTAH:

Bom, [...] a minha infância foi uma infância muito marcada. Eu acho a infância dos haitianos muito marcado, porque a gente nascemos com muita dificuldade. Dificuldade social. É... 86 o ditador acaba de perder o poder. Então eu nasci, eu nasci bem na ditadura. Então meu pai não tinha tanta saída. É... então fui criado com ajuda

a mãe, desde 10 ano começar a ajuda mãe no comércio, carregando saco na cabeça, procurando água a 5, 6 quilômetro. Então a minha infância foi uma infância marcado pelo trabalho. Mas não trabalho forçado, se não trabalho pra ajudar a família. Então eu começo a trabalhar desde 10 ano, ajudar a mãe no mercado e pra poder... sair de manhã pra comer a noite. Até hoje tá assim, né, infelizmente, até hoje tá assim. E hoje mesmo, é... [pausa] [se emociona] eu senti uma dor muito grande hoje. Essa infância marcou a vida, me desculpa.

[...]

Então a infância do todos haitiano é uma infância muito marcada, até hoje continua sendo o pior. Você vê o exército brasileiro 2004 foi lá no Haiti, teve um golpe de Estado. Eu acho [...] General Heleno, ele foi comandando tudo isso pra lá, não deu certo. Então são coisa que... infância a gente não tivemos. Eu não tive infância. Só eu sobrevivi como criança, mas infância de brincar, de escolher, não tivemos. E muito dele hoje não tem. É isso. (BENJAMIN, 2022)

Ele volta a falar da presença militar brasileira quando perguntado sobre o que os brasileiros que conheceu sabem sobre o Haiti - assim como Jean, fala sobre a MINUSTAH e a ação da ONU no país:

Mesmo 2004, já Brasil tava no Haiti, né, houve um golpe de Estado, chegou um presidente, Jean-Bertrand Aristide, né, que foi derrocado 2004 e Brasil teve que ir lá, comandado pela ONU. Então... aí começamo a entender Brasil, mas é partir burocracia, Itamarati, essas coisa. Mas o povo, em si, brasileiro não conheceu o Haiti. (BENJAMIN, 2022)

Na entrevista de Wisly acontece algo muito parecido quando reflete sobre o trabalho de sua família, momento em que cita o intervencionismo econômico na agricultura nacional haitiana. Ao dizer que “[...] hoje em dia a situação sempre tem aquela interferência do internacional. Até as produções nacionais” (JULES, 2022), relaciona a dinâmica de dominação histórica do Haiti com a realidade que afeta diretamente seu contexto familiar.

Apesar de os três abordarem questões históricas acerca da dependência do país caribenho, percebo uma diferença nas falas de Jean e dos outros dois, Benjamin e Wisly. O primeiro foca em dados, fontes acadêmicas, estabelece certo distanciamento desses fatores para com sua trajetória de vida, por mais que entenda que está imerso pela história que conta. Os demais, fazem relação direta dos processos históricos com suas histórias particulares. Isso está ligado aos espaços de formação que construíram sua consciência histórica.

Os discursos dos entrevistados acerca das questões relacionadas à dependência do Haiti revelam que esses, em algum momento de suas vidas, obtiveram a formação necessária para compreender historicamente a complexidade da realidade de seu país, relacionando-a, inclusive, com suas histórias de vida. Se, por um lado, as falas sobre a Revolução refletiam a dimensão interna da consciência histórica, relacionada às identidades e à visão de si no mundo - além de ser uma resposta ao silenciamento sistemático da história haitiana pela historiografia ocidental -, as falas sobre a dependência em suas mais diversas formas revelam a dimensão externa dela. É quando a consciência histórica torna os sujeitos capazes de significar o mundo

ao qual fazem parte e os auxilia a agir na vida prática, suprindo suas carências de orientação no tempo. Aqui foi visto que os sujeitos são capazes de questionar a máxima produzida e reproduzida sobre o fracasso do Haiti e de sua Revolução, que coloca o país caribenho como autor de sua própria ruína.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar um trabalho a partir da metodologia de História Oral traz consigo a possibilidade de compreender o quão complexo é o contexto migratório, já que permite que o acesso ao processo a partir da subjetividade dos sujeitos envolvidos. No primeiro capítulo, foi visto que o fluxo de pessoas saindo do Haiti rumo ao Brasil na última década surgiu não a partir do fato isolado do abalo sísmico de 2010, mas faz parte de um processo histórico enfrentado pelo país caribenho desde antes de sua fundação como país independente. A mobilidade faz parte da história haitiana e a migração para o Brasil envolve aspectos culturais, políticos e econômicos diversos, que surgem tanto na bibliografia quanto nas entrevistas realizadas.

Realizar uma pesquisa que envolve a temática da migração utilizando como fonte narrativas de pessoas que vivenciaram a experiência permitiu um olhar mais sensível às questões que a envolvem. Ainda assim, esse trabalho apresentou, ou representou, faltas. É importante retomar aqui o fator colocado na introdução do texto: a ausência de mulheres haitianas entre os entrevistados. Infelizmente, essa pesquisa não foi capaz de alcançá-las, o que não permitiu realizar uma análise que trouxesse como parte integrante as questões de gênero. Se os homens haitianos com quem conversamos estão envolvidos com o mundo acadêmico, com a vida pública, com o trabalho voluntário, onde estão as mulheres? Esses silêncios também permeiam a historiografia. Qual foi o papel das mulheres haitianas durante a Revolução? Existem pesquisas significativas que tratem sobre assunto? São perguntas que podem ser aprofundadas a partir de um novo estudo. Mesmo com essa falta, este trabalho trouxe sujeitos com experiências diversas e que muito dizem sobre o tema proposto. A partir do segundo capítulo, em que os sujeitos são apresentados, fica explícita a pluralidade presente nas memórias reveladas. E isso aponta para a singularidade de cada narrador: suas experiências e trajetórias de vida são extremamente distintas, principalmente quando se trata dos motivos que os trouxeram ao Brasil. Por isso, como já dito, embora observado que os relatos apresentam semelhanças e divergências em certa medida, não existe uma identidade migrante genérica. Assim como não existe um “ideal” migrante ou um padrão migratório. Entretanto, a situação de deslocamento e a experiência da mobilidade atravessam os quatro sujeitos e suas subjetividades, afetando em diferentes níveis suas memórias individuais. A migração tornou-se, portanto, um aspecto fundamental para a compreensão das questões identitárias dos entrevistados. Um outro fator igualmente importante se relaciona com o trabalho que desenvolvem: Jean dedica sua vida acadêmica aos estudos sobre o Haiti dentro das Relações Internacionais, já esteve envolvido com grupos de apoio a migrantes e refugiados e, ainda nesse

sentido, também prestou serviços para instituições públicas; Clef, da mesma forma, tem uma longa história com o trabalho social e realiza hoje o trabalho de mediador cultural, inserido em uma instituição do terceiro setor; Benjamin, por mais que não trabalhe formalmente com a esfera social, desenvolve um trabalho online de direcionamento aos haitianos que desejam migrar a partir de sua página no *Facebook*; e, por último, Wisly presta atendimento aos migrantes como presidente do CAISC. Continuam se envolvendo diretamente com a migração, mesmo depois de já terem concluído a sua experiência individual com ela. Esses espaços em que se fazem presentes contribuem para a manutenção das memórias de seu país de origem. Como dito por Clef quando perguntado se possuía alguma tradição com o intuito de manter a memória acerca do Haiti acesa. Ele responde, enfático: “*Eu sou mediador cultural!*” (ESTIMABLE, 2022). A experiência migratória, assim como os trabalhos que os migrantes desenvolvem no Brasil, contribuem igualmente para sua construção enquanto sujeitos e até para a elaboração e reelaboração contínua do que mantêm como suas memórias históricas.

Como objetivo deste trabalho, inicialmente, interessava compreender se o Ensino de História havia sido significativo o suficiente, a ponto influenciar no desenvolvimento de suas consciências históricas. No terceiro capítulo, fora questionado: teria sido o Ensino que os fez ter a visão que têm acerca da história de seu próprio país? No percurso - não só das análises, mas anteriormente, mesmo durante a realização das entrevistas – percebeu-se que não se tratava de um “sim” ou de um “não”, mas de uma complexa teia de interações entre memória, identidade, história, cultura e os diferentes ambientes e experiências aos quais os entrevistados estavam inseridos durante suas trajetórias. A escola e as aulas de história se tornam um desses componentes. Durante as conversas e a análise posterior, foi possível verificar que o Ensino de História assumiu três diferentes formas nas trajetórias dos quatro sujeitos. Foram vistos os relatos Clef e Wisly, que reconheceram o valor das aulas de história que tiveram e devem a elas o primeiro contato com a história do Haiti. Jean, por outro lado, possibilitou olhar de forma crítica para o contexto educacional haitiano quando compartilhou sua experiência como professor. Todavia, sua vinda para o Brasil forneceu elementos para que se redescobrisse na história. A partir dos seus estudos acadêmicos, passou a observar a história do Haiti com outros olhos, o que fortaleceu sua identidade enquanto haitiano. E Benjamin que, apesar de conhecer detalhes acerca da história haitiana, afirmou não se recordar dos seus momentos em sala de aula. Em compensação, relembrou dos dias de festa e comemoração da Independência, quando as memórias históricas também eram disseminadas e compartilhadas. Isso abriu margem para que o olhar fosse lançado sobre os demais ambientes que compõem o que Rüsen (2007) caracteriza como cultura histórica. Além da escola, outros espaços e experiências se fazem

presentes nos discursos dos diferentes sujeitos no que tange à formação de suas consciências históricas. Esses, ligados principalmente à memória geracional, aquela pertencente ao núcleo familiar, e aos objetos culturais de manutenção de memória, como as comemorações, cantigas, gastronomia e idioma. Tornou-se evidente, portanto, que todos esses aspectos foram, para os narradores, tão importantes quanto o Ensino de História na formação e consolidação de suas identidades.

Formadas pelo encontro entre esses diferentes aspectos da cultura histórica, as consciências históricas dos entrevistados foram sendo reveladas na medida em que faziam referências à história do Haiti. Esse foi, portanto, o tema do quarto capítulo, em que foi analisado, enfim, de que forma os discursos acerca da história do Haiti se envolvem com as identidades dos entrevistados. Para isso, foram utilizadas as categorias de constituições de sentido tradicional, exemplar, crítica e genética desenvolvidas por Rüsen (2007).

Dois processos históricos foram abordados com maior frequência durante os discursos: a Revolução/Independência do Haiti e a dependência política, econômica e cultural do país. Nesse sentido, as menções à Revolução assumiram um caráter épico e exemplar, em maior ou menor escala dependendo do entrevistado. Os entrevistados narraram um passado monumental do Haiti, como verdadeiro significado de conquista da liberdade. Esse tom dado para a Revolução Haitiana revelou os aspectos das constituições tradicional e exemplar de sentido nas narrativas (RÜSEN, 2007), de forma a legitimar uma identidade necessária para resistir um silenciamento histórico, sobre o qual desenvolve Trouillot (2016), construindo o que o autor caracteriza como narrativa de resistência. Esse entrelaçamento entre as constituições de sentido confirma o argumento de Rüsen (2007), de que elas não aparecem sozinhas: é possível e esperado que se sobreponham. A constituição crítica de sentido aparece lado a lado com a tradicional e a exemplar quando os sujeitos negam a versão ocidental e hegemônica da história, que coloca o Haiti como um país que construiu seu próprio fracasso a partir da Revolução. Os entrevistados sentem orgulho da história de seu país, reivindicam o passado dele como seu a partir do fenômeno de projeção (POLLAK, 1992).

A constituição genética de sentido surgiu nas narrativas com menor frequência, mas se fez presente nas entrevistas de Jean e Wisly. Essa constituição apareceu, em ambas as falas, relacionada à experiência migratória, que colocou os dois sujeitos frente a frente com a diversidade: Jean afirmou que deve o que aprendeu de mais profundo acerca da história haitiana ao seu curso de graduação, citando, inclusive, o Mito da Caverna de Platão. Como dito, a vinda para o Brasil fortaleceu sua identificação com a história do país. E Wisly teve seu primeiro contato com os aspectos raciais ao chegar no Brasil e se reconhecer enquanto pessoa negra, o

que fez com que, conscientemente ou inconscientemente, ressignificasse suas memórias a partir dessa nova visão de mundo.

A consciência histórica para Rüsen (2007) deve funcionar em dois âmbitos para se relacionar com a vida prática dos sujeitos: o interno e o externo. A Revolução Haitiana surgiu conectada ao âmbito interno, ligado à subjetividade e identidade dos sujeitos, forma como se colocam no mundo. Os entrevistados se identificam com o fato da Revolução e o usam para legitimar suas existências. As falas acerca dos processos históricos que representam o lugar de dependência do país revelaram, por outro lado, o caráter externo. Benjamin refere-se ao período ditatorial para compreender o porquê de sua infância ter sido tão difícil, e esse é apenas um exemplo do papel que a história assume na orientação para a vida prática, que auxilia os sujeitos a compreender o mundo e as relações e dinâmicas estabelecidas nele. Portanto, como visto no quarto capítulo, ficou evidente que a consciência histórica refletida durante as quatro entrevistas auxilia os narradores nesses dois sentidos, interno e externo: na construção e consolidação de questões identitárias e na orientação temporal para o agir.

Como resultados da pesquisa, pode-se afirmar que o Ensino de História forneceu os elementos necessários para o desenvolvimento da consciência histórica de parte dos entrevistados. Ele possibilitou a internalização de processos históricos a um nível subjetivo, fortalecendo suas questões identitárias. No entanto, é importante reconhecer que os exemplos de Jean, Clef e Wisly não devem ser generalizados, visto que a formação escolar integral e o acesso ao ensino superior não refletem a realidade de grande parte dos haitianos. É imprescindível que se reconheça, em primeiro lugar, que a educação no Haiti enfrenta desafios estruturais que limitam seu acesso à população em geral. Além disso, o exemplo de Benjamin chama atenção para uma outra perspectiva: mesmo que não tenha chegado à graduação, ele cursou parte do ensino secundário. Ainda assim, não se recorda das aulas de história. Ou seja, mesmo que tenha tido contato com a história em seu caráter institucionalizado, pode ser que esse não tenha sido significativo o suficiente para construir sua consciência histórica. Significativo ou não, tendo construído memórias que se consolidam até os dias mais recentes ou não, o Ensino de História disputa espaço com outros ambientes que compõem a cultura histórica, e isso se confirmou durante os relatos, que demonstraram a força dos aspectos e objetos culturais e geracionais na formação da consciência histórica dos entrevistados.

Além desses resultados, a pesquisa – desde o momento de construção das fontes até a escrita do texto – abriu margem para a abordagem de outros diferentes assuntos que não puderam ser explorados, tendo em vista o recorte estabelecido e a necessidade do desenvolvimento de novas entrevistas que pudessem investigar melhor os demais temas. Três

temáticas específicas chamaram atenção: a relação dos entrevistados com o idioma crioulo, e o conteúdo histórico que a língua carrega, como um objeto cultural que conecta os sujeitos com sua ancestralidade; o conteúdo histórico dentro das festividades e comemorações haitianas e as formas que ele pode assumir; e como a memória geracional apresentada pelos haitianos se conecta com uma tradição oral característica de sociedades diaspóricas. Este trabalho pode ser visto como um ponto de partida para esses temas que são igualmente importantes e que não puderam ser tão explorados nesse momento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGNANT, Patrick. **Le système d'éducation haïtien**: une étude néo-institutionnaliste en trente ans, de la Réforme Bernard en 1979 jusqu'au tremblement de terre de 2010. 2018. 147 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras e Humanidades, Universidade de Sherbrooke, Longueuil, 2018. Disponível em: <https://savoirs.usherbrooke.ca/handle/11143/12188>. Acesso em: 09 maio 2022.
- ASSMANN, Jan. Memória comunicativa e memória cultural. **História Oral**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 115–128, 2016. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/642>. Acesso em: 12 out. 2022.
- BAENINGER, Renata; PERES, Roberta. Migração de crise: a migração haitiana para o Brasil. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 34, pp. 119-143, 2017.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade** – lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 3ª edição, 1994.
- _____. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOURJOLLY, Jean-Marie; FÉTHIÈRE, James; TOUSSAINT, Pierre. SYSTÈME ÉDUCATIF HAÏTIEN. In: PIERRE, Samuel (ed.). **Construction d'une Haïti nouvelle**: vision et contribution du grahn - groupe de réflexion et d'action pour une Haïti nouvelle. Montreal: Presses Internationales Polytechnique, 2010. p. 303-336. Disponível em: <http://synthese.larim.polymtl.ca:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/327/GRAHN-haiti-nouvelle.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 09 maio 2022.
- BUCK-MORSS, Susan. Hegel e Haiti. **Novos Estudos**, Online, v. 90, p. 131-171, jul. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/Rms6hs73V39nPnYsv44Z93n/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 out. 2022.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral: Memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- DEMARTINI, Z. DE B. F. Narrativas de imigrantes do passado e do presente: questões para pesquisa. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, v. 3, n. 7, p. 45-66, 26 abr. 2018.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- FARIA, Maria Rita Fontes. **Migrações internacionais no plano multilateral**: reflexões para a política externa brasileira. Brasília, DF: Fundação Alexandre de Gusmão, 2015.
- FRANÇOIS, Pierre Enocque. **Système éducatif et abandon social en Haïti**: cas des enfants et des jeunes de la rue. 2009. 379 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências da Educação, Universidade de Paris Nanterre, Nanterre, 2009. Disponível em: <http://www.theses.fr/2009PA100066#:~:text=Apr%C3%A8s%20l'ind%C3%A9pendance%2C>

%20le%20fonctionnement,ils%20vivent%20une%20socialisation%20marginalis%C3%A9e.
Acesso em: 06 maio 2022.

JOSEPH, H. A historicidade da (e)migração internacional haitiana. O Brasil como novo espaço migratório. **Périplos: Revista de Estudos sobre Migrações**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 7–26, 2017. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/obmigra_periplos/article/view/5866. Acesso em: 14 out. 2022.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996.

LUCENA, Célia R. P. de T. **Descendentes de imigrantes italianos no bairro do Bixiga**: Memórias e interações culturais. In: MAGALHAES, Valéria B. (Org.). **História Oral e Migrações: método, memória e experiências**. 01ed.São Paulo: Letra & Voz, 2017.

MAGALHAES, Valéria B. (Org.). **História Oral e Migrações: método, memória e experiências**. 01ed.São Paulo: Letra & Voz, 2017.

MAGALHÃES, L. F. A.; BAENINGER, R. A imigração haitiana em Santa Catarina: Fases e contradições da inserção laboral. **Anais do XI Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas–SEPECH**. Londrina, p. 377-388, 2016.

NASCIMENTO, Washington Santos. “**São Domingos, o grande São Domingos**”. Repercussão e representações da revolução haitiana no Brasil escravista (1791-1840). *Revista Dimensões*. Vol. 21, 2008.

NETO, Constantino Quarezemin. **O Haiti está aqui**: o Brasil como um dos destinos da diáspora haitiana no início do séc. XXI. 2018. 78 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

PEREIRA, Nilton Mullet; MARQUES, Diego Souza. Narrativa do estranhamento: ensino de história entre a identidade e a diferença. **Plures Humanidades**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 1, p. 83-102, jan. 2013.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1992.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora UNICAMP, 2007.

RÜSEN, Jörn. **História Viva**: teoria da história - Formas e funções do conhecimento histórico. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora UNB, 2007, 159p.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos; GARCIA, Tânia Maria F. Braga. A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de história. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 25, n. 67, p. 297-308, set. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/bnBSVjTpFS7wbs9W659NMGC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 maio 2023.

SCHMIDT, M. A. Jörn Rügen e sua contribuição para a didática da história. **Intelligere**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 60-76, 2017. DOI: 10.11606/issn.2447-9020.intelligere.2017.127291. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistaintelligere/article/view/127291>. Acesso em: 20 maio. 2023.

SILVA, Karine de Souza; BINI, Ana Elisa. A Imigração Haitiana em Florianópolis e o acesso ao mercado laboral. In: SILVA, Karine de Souza; BORBA, Jonatan Carvalho de; MULLER, Juliana (Org.). **Pessoas, Travessias e Encontros: Dinâmicas atuais da migração Sul-Sul em Santa Catarina**. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2020. p. 214-238. Disponível em: <https://irene.ufsc.br/2021/03/01/faca-odownload-gratuito-do-livro-pessoas-travessias-e-encontros-dinamicas-atuais-da-migracao-sulsul-em-santa-catarina/>. Acesso em: 20 abr. 2022.

SILVA, Karine de Souza; BORBA, Jonatan Carvalho; DAVID, Ana Carolina Polo. Migrantes em Santa Catarina: perfis e demandas no período de 2018 a 2019. In: SILVA, Karine de Souza; BORBA, Jonatan Carvalho de; MULLER, Juliana (Org.). **Pessoas, Travessias e Encontros: Dinâmicas atuais da migração Sul-Sul em Santa Catarina**. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2020. p. 25-55. Disponível em: <https://irene.ufsc.br/2021/03/01/faca-odownload-gratuito-do-livro-pessoas-travessias-e-encontros-dinamicas-atuais-da-migracao-sulsul-em-santa-catarina/>. Acesso em: 20 abr. 2022.

SILVA, K.; ROCHA, C.; D'AVILA, L. **Invisibilizados na Ilha do Desterro: Os novos fluxos de imigrantes e refugiados em Florianópolis**. Revista eletrônica do Curso de Direito da UFMS. Santa Maria, 2020. P. 1-23.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado - História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TROUILLOT, Michel-Rolph. **Silenciando o passado: poder e a produção da história**. Tradução de Sebastião Nascimento. Curitiba: **huya**, 2016.

VANZIN, Quézia Celeste; WERMUTH, Maiquel Ângelo Dezordi; AGNOLETTO, Vitória. PROGRAMA PRÓ-HAITI: concretização dos direitos humanos através do ingresso de haitianos no ensino superior brasileiro. In: CONGRESSO NACIONAL CIÊNCIAS CRIMINAIS E DIREITOS HUMANOS, Não use números Romanos ou letras, use somente números Arábicos., 2019, Ijuí. **Anais [...]**. Ijuí: Unijuí, 2019. p. 1-11. Disponível em: <https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/cnccdh/issue/view/212>. Acesso em: 05 jul. 2022.

FONTES ORAIS

BENJAMIN, Olith. Entrevista concedida a Ana Beatriz Brüggemann e Guilherme Ferraz e realizada no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina em 13 de setembro de 2022. Acervo da pesquisadora. Florianópolis, 2022. 24p.

ESTIMABLE, Clefaude. Entrevista concedida a Ana Beatriz Brüggemann e realizada na sala do Programa de Educação Tutorial em História da Universidade Federal de Santa Catarina em 27 de julho de 2022. Acervo da pesquisadora. Florianópolis, 2022. 9p.

JULES, Wisly. Entrevista concedida a Ana Beatriz Brüggemann e Guilherme Ferraz e realizada no Centro de Apoio e Atendimento a Imigrantes de Santa Catarina em 22 de novembro de 2022. Acervo da pesquisadora. Florianópolis, 2022. 19p

ROSIER, Jean S. Entrevista concedida a Ana Beatriz Brüggemann e Guilherme Ferraz e realizada na sala do Programa de Educação Tutorial em História da Universidade Federal de Santa Catarina em 03 de junho de 2022. Acervo da pesquisadora. Florianópolis, 2022. 26p.

APÊNDICE I

Roteiro semiestruturado de entrevista:

SUA HISTÓRIA – Autodescrição

- Como ainda não nos conhecemos, você poderia nos fazer um breve resumo de sua trajetória de vida? Contando seu nome, idade, de onde vêm, escolaridade, profissão, e o que mais você considera importante na sua vida, o que marcou você até hoje?

I. NO HAITI

- **O que é ser haitiano/haitiana? Como você se sente ao falar do Haiti ou de sua vida lá?**
- Como era o lugar onde você nasceu ou cresceu no Haiti? Foi à escola? Onde estudou? Chegou a trabalhar?
- Como é sua família? Conhece a origem dela? Tem alguma tradição/costume que marcou sua infância/juventude no Haiti?
- Você trabalhava no Haiti? Como o que? Como era este trabalho?
- O que pessoas com quem você conversa no Brasil conhecem sobre a história do Haiti?
- Se você tivesse que contar a história do Haiti para algum brasileiro, o que/como contaria? Onde você aprendeu isso?
- Tem algumas memórias das suas aulas de história? E qual assunto que te marcou nessas aulas?
- E o que você sabia da História do Brasil ou do Brasil, em geral, quando ainda estava no Haiti?

II. MIGRAÇÃO

- E agora, como você se sente ao falar do processo de migração?
- Você poderia contar para a gente como foi o processo de saída?
- Porque o Brasil, e não outro país?
- Como foi essa chegada no Brasil?
- Você recorreu a algum grupo de apoio?
- E como é a para você a recepção dos brasileiros? Como você foi/é tratado no Brasil?

III. NO BRASIL

5. Qual imagem do Brasil no Haiti? Você já tinha ouvido falar no Brasil?
6. Mantém algum tipo de contato com família, amigos ou conhecidos no Haiti?
7. Você possui algum costume para manter a memória de seu país acesa?
8. Você convive com outros haitianos?
9. Você continuou sua formação escolar ou profissional aqui?
10. Você continuou estudando no Brasil? O que? Com quais instituições de ensino do Brasil você teve contato?

IV. REFLEXÕES

- O que você tinha no Haiti que sente falta do Brasil?
- O que você tem no Brasil que não tinha no Haiti?
- O que você gosta e não do Brasil?

APÊNDICE II

Carta de Cessão de Entrevista/ Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Título do Projeto: O Ensino de História na formação da identidade de migrantes haitianos na Grande Florianópolis (2010-2022)

Pesquisadora responsável: Ana Beatriz Brüggemann

Nome do participante: _____.

Data de nascimento: ___/___/____.

Você está sendo convidado (a) para ser participante do Projeto de pesquisa intitulado “O Ensino de História na formação da identidade de imigrantes haitianos na Grande Florianópolis (2010-2022)” de responsabilidade da pesquisadora Ana Beatriz Brüggemann, sob orientação da professora doutora Luiza Vieira Maciel.

Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte sobre qualquer dúvida que você tiver. Caso se sinta esclarecido (a) sobre as informações que estão neste Termo e aceite fazer parte do estudo, peço que assine ao final deste documento, em duas vias, sendo uma via sua e a outra da pesquisadora responsável pela pesquisa. Saiba que você tem total direito de não querer participar.

1. O trabalho tem por finalidade produzir um Trabalho de Conclusão de Curso, com objetivo de compreender o papel que o Ensino de História desempenhou na trajetória de vida e formação da identidade dos Haitianos residentes na Grande Florianópolis. Portanto, ressalta as memórias que os destes sujeitos, chegados ao Brasil a partir de 2010, trouxeram consigo de seu país, de sua cultura, e de sua história, relacionando às suas experiências com o Ensino de História e como esse contribui, têm contribuído, ou não, na formação, consolidação e manutenção de suas identidades.

2. A participação nesta pesquisa consistirá em um conjunto de entrevistas gravadas em áudio. Espera-se que a entrevista seja obtida em apenas um encontro, estimado entre uma e duas horas de duração, contudo, caso tenha a necessidade, outros encontros poderão ser agendados a depender da disposição e interesse do (a) participante. Com data e local acertados previamente e diretamente com os(as) pesquisadores, e conforme a disponibilidade do(a) participante. Estando presente durante a coleta, somente os(as) participantes depoentes os pesquisadores, Ana Beatriz Brüggemann e Guilherme Hoepers Ferraz.

3. Lembramos que durante a entrevista é possível que alguns aspectos de sua vida lhe tragam lembranças desagradáveis. Nesse sentido, o pesquisador realizará a condução da entrevista visando minimizar as consequências preservando sua integridade. Durante os procedimentos de coleta dos relatos você sempre estará acompanhado(a) por um dos pesquisadores que lhe prestará a assistência necessária e lhe esclarecerá qualquer dúvida sobre o projeto. Além disso, você poderá optar por não responder quaisquer das perguntas feitas ou deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, sem ter que apresentar qualquer justificativa. Caso opte por deixar de participar da pesquisa você não terá qualquer prejuízo.

4. A pesquisa visa aumentar a visibilidade das vozes dos migrantes haitianos residentes na Grande Florianópolis, permitindo que os mesmos participem do processo de produção de conhecimento acerca de suas histórias e das questões que os cercam. Além disso, pode servir como fonte para a criação e/ou ampliação de políticas públicas voltadas para a escolarização desses sujeitos.
5. Os participantes não terão nenhuma despesa ao participar da pesquisa e poderão retirar sua concordância na continuidade da pesquisa a qualquer momento.
6. Não há nenhum valor econômico a receber ou a pagar aos voluntários pela participação, no entanto, caso haja qualquer despesa decorrente desta participação haverá o seu ressarcimento pelos pesquisadores. Além disso, os depoimentos não serão usados para nenhum fim lucrativo.
7. Caso solicitado pelo participante, seu nome poderá ser mantido em sigilo, assegurando assim a sua privacidade, e se desejarem terão livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que queiram saber antes, durante e depois da sua participação.
8. Após transcritas, as entrevistas poderão ser disponibilizadas em arquivos ou centros de pesquisas para que sirvam de fontes para outros estudos. Entretanto, o entrevistado poderá optar por não as divulgar para além desta pesquisa.

Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato com as responsáveis pela pesquisa: Ana Beatriz Brüggemann – telefone: (48) X XXXXX-XXXX, e-mail: anabrgmn@gmail.com; e Luiza Vieira Maciel, e-mail: luiza.maciел@cemj.pro.br. Projeto elaborado dentro do Departamento de História, da Universidade Federal de Santa Catarina, localizado no Centro de Filosofia e Ciências Humanas / CFH, Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC – Trindade, Florianópolis – SC, 88040-970.

Eu, _____, portador(a) de _____ de nº _____ declaro ter sido informado(a) e concordo em ser participante da
Pesquisa acima descrita.

Florianópolis, ____ de _____ de 2022

Assinatura do(a) participante

Ana Beatriz Brüggemann - Responsável pela coleta

Prof.a Dr.a Luiza Vieira Maciel - Orientadora